

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

"SER-PSICÓLOGO":
UMA COMPREENSÃO/SENTIDO DE SUA EXPERIENCI-AÇÃO.

JANNE FREITAS DE CARVALHO

RECIFE/2006.

JANNE FREITAS DE CARVALHO

**"SER-PSICÓLOGO":
UMA COMPREENSÃO/SENTIDO DE SUA EXPERIENCI-AÇÃO.**

Dissertação apresentada, à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

RECIFE/SETEMBRO/2006.

C331s

Carvalho, Janne Freitas de

“ Ser-psicólogo” : uma compreensão/sentido de sua experienci-ação / Janne Freitas de Carvalho ; orientador Marcus Túlio Caldas, 2006.

176 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2006.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia existencial. 3. Psicologia fenomenológica. 4. Filosofia-Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.9:165.7

JANNE FREITAS DE CARVALHO

"SER-PSICÓLOGO":

UMA COMPREENSÃO/SENTIDO DE SUA EXPERIENCI-AÇÃO.

Dissertação apresentada, à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO (USP-SP)

PROF^a. DR^a. ANA LÚCIA FRANCISCO (CATÓLICA-PE)

PROF. DR. MARCUS TÚLIO CALDAS (CATÓLICA - ORIENTADOR)

DEDICATÓRIA

Aos meus amigos-família que, no trânsito de nossas relações, me acolhem na abertura que é compreensão e cuidado.

*Em especial a **Rafa**, companheiro-irmão e amigo-cúmplice de todas as viagens.*

AGRADECIMENTOS

A *Niceas* e a *todos da Secretaria*, pela disponibilidade constante, cuidado e atenção prestados em todos os momentos;

Aos *amigos* que fazem parte do *Corpo Docente da Católica/Pe*, pela força e credibilidade depositada durante todo o meu caminhar acadêmico;

A *Profa. Dra. Zélia Maria de Melo*, pela disponibilidade em estar presente como suplente na Banca Examinadora;

A *Helô*, pelo apoio e incentivo constantes na presença-ausência, proximidade-distância de nossa facticidade;

À *Família Maracatu Batuque Estrelado*, por servir de abrigo nos momentos de maior tensão, renovando minha energia para continuar a jornada;

A cada uma das Minas visitadas: *Ametista, Safira, Rubi e Esmeralda*. Pela disponibilidade, cuidado, abertura, confiança, credibilidade... presentes no trânsito de nossas experiências. Um agradecimento todo especial para cada uma delas, que são o ponto de sustentação e referência máxima para todo este trabalho;

A *Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco*, mineradora incansável, atenta e cuidadosa na busca de vestígios que propiciaram um conhecimento mais apropriado e detalhado desta pesquisa, tornando-a preciosamente reconhecida. Obrigada pelo investimento e confiança, pela dedicação e amparo nos momentos de maior desafio, pelo rigor e atenção desprendidos, principalmente, nos momentos finais desta elaboração;

A *Profa., agora Dra., Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto*, pelo constante incentivo e apoio transmitidos nos momentos cruciais desta trajetória caminhada, através da abertura, cuidado e referência acolhedora;

A *Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato*, lapidadora de experiências, pela abertura penetrante, inquietante, instigante, angustiante, plural, desalojadora e provocadora. Obrigada pela maestria com que desvelou/velou minha experiência, com que descobriu facetas, clareou caminhos, desvendou espaços, aprimorando esta pesquis-ação, descortinando minha destin-ação;

Ao *Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas*, orientador-companheiro de viagem, reflexões, significações, sentido, compreensão... pelo apoio curioso, atento, disponível, disposto e corajoso, destinado em todo percurso. Obrigada pela confiança transmitida na elaboração desta pesquisa, pela experiência compartilhada e cuidadosamente tecida.

EPÍGRAFE

*Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém, fundo sem fundo*

*Uma parte de mim é multidão
Outra parte estranheza e solidão*

*Uma parte de mim, pesa e pondera
Outra parte, delira*

*Uma parte de mim almoça e janta
Outra parte se espanta*

*Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente*

*Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte, linguagem*

*Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida ou morte
Será arte?
Será arte?*

("Traduzir-se", FERREIRA GULLAR)

RESUMO

"SER-PSICÓLOGO": UMA COMPREENSÃO/SENTIDO DE SUA EXPERIENCI-AÇÃO.

A presente pesquisa pretende compreender como é, a partir da perspectiva fenomenológica existencial, para o psicólogo, o sentido de sua experiência em ação como um agir clinicamente. Em outras palavras, construímos essa pesquisa com a finalidade de abrir espaços para reflexões sobre a ação do psicólogo no cotidiano de suas ações, como ele se percebe atuando e como se constitui sua atitude na ação de estar fazendo, independente do local onde esta prática está sendo realizada. Para elaboração de compreensão/sentido, quatro profissionais foram entrevistados e suas experiências narradas serviram de fundamento, ponto de referência, para toda articulação teórica aqui tecida. Assim, cada autor/anfitrião visitado no decorrer desta pesquis-ação, contribuiu para desvelar um significado-sentido de cada experienci-ação contextualizada. Um caminho trilhado apontou a necessidade de investigar alguns pressupostos da perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana. Outro, nos levou a problematizar a concepção sobre o clinicar como ação (agir clinicamente) e suas repercussões na atualidade. Deste modo, pensar, refletir, articular... experiências de psicólogos nos diferentes contextos de atuação, possibilitou construir elaborações sobre o sentido de Ser-Psicólogo, sobre sua atuação, sobre aquilo que lhe é próprio na fabricação, construção de sua destinação.

Palavras-chave: perspectiva fenomenológica existencial - psicologia clínica - experiência em ação.

ABSTRACT

"TO BE PSYCHOLOGIST": A COMPREHENSION/SENSE FOR SUCH EXPERIENCE-ACTION

The present research intends to comprehend the psychologist's sense for his experience in action as a clinical act, through an existential phenomenological viewpoint. Therefore, this work was built to open reflexions spaces about the psychologist's action in the quotidian of his métier: how he perceives himself acting and how its attitude is constituted in the action of doing it, in spite of the place where it is acted. To elaborate the comprehension/sense, four professionals were interviewed and their narrated experiences were fundamental as reference point for the theoretical articulation. Each author/host in this research-action has contributed to reveal a felt meaning of each contextualized experience-action. One followed path pointed to a necessity to investigate some Heidegger's existential phenomenology assumptions. Other one led to interrogate the conception of clinic as an action (to act clinically) and its actual repercussions. Therefore, to think, to reflect and to articulate psychologists' experiences, in different contexts, made possible to construct elaborations about the sense of "to be a psychologist", about his actuation, about what is proper to him while fabricating/constructing his destination.

Key-words: existential phenomenology perspective - clinical psychology - experience in action

SUMÁRIO

1	INÍCIO DA CAMINHADA E DESCOBERTA DA JAZIDA.....	11
1.1	Pro-cura para destin-ação.....	11
1.2	Encontro com a questão.....	19
1.3	Desvelando uma jazida.....	24
2	EXPLORANDO E GARIMPANDO A JAZIDA.....	29
3	A-PRESENT-AÇÃO DAS MINAS.....	40
3.1	Primeira mina: Entre-vista com Ametista.....	41
3.2	Segunda mina: Entre-vista com Safira.....	55
3.3	Terceira mina: Entre-vista com Rubi.....	76
3.4	Quarta mina: Entre-vista com Esmeralda.....	91
4	A-CON-TECIMENTO DA EXPERIÊNCIA.....	112
4.1	Tecendo com Ametista.....	113
4.2	Tecendo com Safira.....	129
4.3	Tecendo com Rubi.....	143
4.4	Tecendo com Esmeralda.....	153
5	SIGNIFICADO SENTIDO DESVELADO.....	163
	REFERÊNCIAS.....	168
	ANEXOS.....	172
	Anexo A - Safira: uma pedra lapidada.....	173
	Anexo B - Termo de Consentimento.....	175
	Anexo C - Parecer do C. E. P. da Católica/Pe.....	176

1 INÍCIO DA CAMINHADA E DESCOBERTA DA JAZIDA

1.1 Pro-cura para destin-ação¹

Desde o processo de seleção para este Mestrado, após o momento de entrevista, uma série de questionamentos emergiram. Inicialmente, remetiam-me a procedimentos metodológicos; posteriormente, transformaram-se em desafio pessoal e profissional.

A idéia inicial para realização de uma pesquisa neste Mestrado era tentar buscar sentidos atribuídos pelos clientes ao processo terapêutico, tentando compreender, através da fala, como este cliente avalia seu lugar neste processo e que lugar é este. Para tanto, pretendia realizar entrevistas semi-dirigidas, gravadas, literalizadas, que seriam, posteriormente, analisadas.

Porém, muitas críticas pertinentes foram facilmente elencadas: como “escolher” esses clientes?; em clínica-escola

¹ Em diversos momentos do texto, algumas palavras estão grafadas com o sinal diacrítico (-). Esta grafia diferenciada faz-se importante e necessária para dar maior destaque aos radicais que compõem a palavra em questão, enfatizando, desta forma, o sentido de cada termo que forma a palavra. O sinal diacrítico possibilita a aproximação dos termos diferentes para a criação de outro significado. Este sinal aproxima ao mesmo tempo que separa.

Os radicais que compõem uma palavra (aqui grafada com o sinal diacrítico) não deixam de ser eles mesmos. Não é uma mera junção sintetizada num significado; é a possibilidade de, na ligação dos termos, serem compreendidos na abertura para outras significações.

Etimologicamente, o termo *diacrítico* se refere a uma capacidade de distinguir, de separar um termo do outro, enfatizando, assim, o que cada termo contempla (HOUAISS, on line).

ou particular?; no meio ou no fim do processo terapêutico?...
dentre outras.

Algumas leituras foram sendo retomadas na tentativa de responder a essas indagações. Naquele momento, ainda acreditava que seria possível dar continuidade ao projeto inicialmente elaborado. Pensava que poderia responder, apenas teoricamente, a todos os questionamentos realizados. Acreditava que tais perguntas poderiam ser respondidas sem maiores modificações do projeto e, conseqüentemente, da trajetória seguida até aquele momento.

Mas, à medida em que fui "recuperando" livros e textos, que não tinham sido incluídos em meu projeto inicial, fui percebendo que a direção que o "projeto seguia" era diferente da direção apontada pelos referenciais teóricos tão fortemente marcados durante meu curso de graduação, referencias esses presentes, ao longo do meu curso de graduação, em diversas disciplinas. Dizendo respeito a formas diferentes de atuação clínica, reportavam-se a algo mais, além de técnicas, análises e de formas de aplicação no momento do atendimento. Isto me chamava a atenção enquanto aluna de graduação, e me fazia refletir sobre uma forma diferenciada para lidar com os meus futuros clientes. Tais leituras referiam-se a uma compreensão fenomenológica existencial: Schmidt, Critelli, Heidegger, Dartigues, Vattimo e Boff foram, assim, alguns dos "ressuscitados".

Diante dessa “descoberta”, outros questionamentos emergiram... o que poderia ter ocorrido que me fez abrir mão de referenciais tão importantes para mim durante a graduação e aos quais não havia recorrido *a priori*? O que aconteceu para que eu abrisse mão daquilo que foi fundamental para minha formação desde meados do curso de Psicologia? Questões desta natureza despertaram novas reflexões; porém, desta vez não mais sobre a minha formação/graduação, mas sobre toda minha atuação profissional: o quê faço? como faço? quais seriam as fundações para minha atuação clínica?...

De “posse” destas leituras e diante dessas recém-chegadas reflexões, passei a ficar mais atenta à minha atuação profissional. Como acontece minha relação com o cliente? Como tento compreender aquilo que ele me traz? Como articular tais questões? Qual sentido a clínica me transmite? Tais indagações apontavam na direção de uma busca cada vez mais detalhada de mim mesma, tanto como profissional-psicóloga-clínica, como também enquanto pessoa.

No momento em que tudo isso emergia fortemente, as aulas do Mestrado já haviam começado e, através delas, alguns esclarecimentos também puderam ser feitos, tornando possível uma fluidificação de significações (já significadas). A dualidade como oposição emergiu fortemente em mim, gerando angústia ao dela me dar conta. Esta dualidade marcava uma cisão entre o que estava sendo proposto no projeto inicial e o que agora se desvelava para mim. Uma nova questão para

realização do mestrado começava a despontar relacionar-se ao projeto anterior. Assim, fiquei cindida... dividida frente a caminhos diferentes que poderiam ser seguidos e que, naquele momento, eram totalmente opostos.

Obviamente, fiquei perdida, sofrendo e, mesmo assim, consegui perceber brechas, arestas que apontavam, de certa forma, um desvelamento e, conseqüentemente, às respostas para as questões apresentadas. Resolvi lançar-me de vez em busca de sentidos outros e comecei, diante da angústia, a "achar" caminhos que fizessem, realmente, sentido. Ao lançar-me, pude perceber uma abertura para outras possibilidades - ao abrir-me para o mundo, o mundo abriu-se para mim. E dei-me conta que não era eu que buscava achar caminhos, mas que os caminhos já haviam me encontrado.

Devo salientar que as aulas de Clínica Fenomenológica Existencial I foram muito decisivas diante deste começar mais uma vez. E, assim, após tais reflexões, angústia e indefinições, consegui aclarar minhas questões profissionais (algumas já relatadas), podendo retornar à questão do projeto.

Passei a compreender que a primeira questão, do primeiro projeto, estava associada a uma problematização da clínica na atualidade. Ou seja, através de uma cartografia e articulação do contexto da clínica na atualidade, considerando todas as influências culturais e subjetivas, buscava conhecer como o cliente atribui sentido ao processo psicoterápico. Tal problematização fazia-se relevante e importante para mim,

principalmente por ser desdobramento de um trabalho anteriormente realizado².

Porém, quando confrontei tal questão com minha própria atuação profissional como clínica, percebi uma diferença sutil, mas que se apresentou significante e significativa. Isto é, ao procurar problematizar a clínica na atualidade, através de sentidos a ela atribuídos pelos clientes em processo psicoterápico, compreendi que se tratava de um olhar sobre a clínica enquanto uma instituição, quer dizer, que se apresentava por um único modo de atuação: em psicoterapia. No entanto, ao perceber que minha necessidade atual dirigia-se a aprofundar e refletir acerca dos pressupostos que poderiam fundamentar minha atuação, compreendi que procurava uma expressão para o sentido de clínica, partindo da perspectiva de que este sentido referia-se a um modo de se apresentar em uma situação, dizendo, assim, mais de clínica como uma qualidade (adjetivo, ou seja, enquanto atributo, utensílio para o psicólogo) do que como substantivo (objeto, ou seja, enquanto substância definida de atuação).

Refletir sobre a ação clínica, como ela se mostra, o que transmite e como a compreendo enquanto psicóloga em ação, tornou-se uma necessidade que busquei suprir ao longo do Mestrado. Preocupa-me a tensão que se apresenta entre um agir

² Refiro-me à pesquisa intitulada “A Teoria e a Prática da Clínica”, realizada sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Francisco, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNICAP, durante o período compreendido entre setembro de 2002 a agosto de 2003. Nesta pesquisa problematizamos a clínica na atualidade, bem como os sofrimentos psíquicos contemporâneos, articulando com a compreensão de estagiários e profissionais que lidam diretamente com a clínica e todas suas implicações atuais.

clínico (clínica enquanto substantivo) e um agir clinicamente (clínica enquanto adjetivo).

Para tanto, lancei-me em busca, primordialmente, de autores, textos, discussões, conversas, trocas, cujos pressupostos baseavam-se na perspectiva fenomenológica existencial, dado esta ter se apresentado como um "norte" possível de minha formação. Isto porque, ainda durante a graduação, quando desenvolvendo o estágio curricular e na elaboração da Monografia para final do curso de Psicologia, uma compreensão clínica ficou muito marcada em mim. Nos momentos de supervisão, percebi que esta compreensão revelava uma atitude clínica outra. Era uma atitude de responsabilidade, respeito, cuidado, reconhecimento das diferenças, dos limites, buscando compreensões que refletiam éticas de vida, de relação (diferente da ética moral que deve ser seguida por todos, sem questionamentos). Durante o desenvolvimento da monografia, nomeei esta atitude clínica outra de fenomenológica. Na ocasião, busquei alguns subsídios teóricos que pudessem fundamentar esta nomeação.

Agir por uma atitude fenomenológica tem se mostrado, a mim, como uma possibilidade de descobrir que o "ser-clínico" pode ser um modo bastante presente em muitos momentos da vida. Esta outra perspectiva não diz respeito a um agir clínico interpretativo, que analisa, que se apóia na apropriação da teoria como garantia para reconhecimento e filiação a um fazer clínico específico (saber fazer), pertinente a uma identidade

profissional. Mas refere-se a um agir clinicamente que se apresenta na relação, no estar-com, criando sentido e não se limitando a espaços físicos determinados; conduz a uma implicação consigo e com o outro. Diz de afetar-se, in-corporando aquilo que se fundamenta como próprio, permitindo que a teoria se apresente como "pano de fundo", pelo eco ressonante na interioridade autenticada pelo vivido. Desse modo, o agir clinicamente possibilita a criação de uma reflexão significativa entre o fazer e o saber (teorização) na singularidade do agir de cada psicólogo (fazer saber): trânsito que aproxima a teorização da ação. Essa atitude fenomenológica, compreendida como agir clinicamente, possibilita um cuidar-se cuidando, fazer-se fazendo, refletir-se refletindo. Diz de uma experienciação: um estar implicado em si para estar com o outro, possibilitador de abertura pelo próprio disponibilizar-se para se expressar no mundo publicamente compartilhado. Agir clinicamente seria a ação manifestando autenticidade de ser.

Ao retomar estas questões, reconhecendo-me e podendo iniciar uma teorização, nesta atitude de vida (agir) que presentifica um modo de ser, pude me sentir como uma "águia" que está pronta para alçar vôo e re-aprender a voar. Assim, neste momento, abro espaço para a metáfora da "Águia e da Galinha", relatada por Boff (2001, p. 30-34, grifo do autor):

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros. Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é uma galinha. É um águia.

- De fato - disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

- Não - retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas. [...]

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte. Neste momento, ela abriu suas asas, grosnou com o típico *kau-kau* das águias e ergueu-se soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...

Esta metáfora não foi transcrita em sua totalidade, por ser muito extensa, mas permite mostrar-se por fragmentos que revelam, pertinentemente, o sentido de minha angústia. Ao deparar-me com ela (angústia/metáfora/angústia), pude ir compreendendo meus limites de atuação e será em busca de uma compreensão para esta atuação que pretendo trilhar o caminho deste Mestrado.

Pretendo, portanto, aprofundar e teorizar a compreensão clínica baseada na perspectiva fenomenológica existencial. Perspectiva que permite abertura para a pura possibilidade,

privilegiando uma ética do cuidado, a responsabilidade consciente diante do próprio existir, buscando articulações e compreensões de sentido, com toda angústia, limite e crescimento a que esta atenção pode abrir.

1.2 Encontro com a questão

Tendo sido iluminada pelo horizonte que possibilitou o iniciar trêmulo de um vôo, começo a perceber quais territórios podem ser "sobrevoados" e, nestes, quais caminhos podem ser trilhados/visitados. Em cada parada/morada, reflexões, questionamentos, interlocuções puderam indicar o rumo a ser seguido, assim como possibilitaram, também, elucidar visitas anteriores.

Após o início das orientações, algumas possibilidades de viagens foram apontadas. Alguns anfitriões/autores foram sugeridos e, em cada morada pude, aos poucos, ir nomeando a questão para esta pesquisa.

Uma distinção que foi fundamental para esta elucidação consistiu na diferenciação entre a clínica fenomenológico-existencial e a perspectiva fenomenológica existencial da clínica. Tal distinção chegou a mim, primeiramente, a partir das aulas na disciplina Clínica Fenomenológica Existencial I, ministrada pela professora doutora Henriette Tognetti Penha Morato.

No primeiro caso (clínica fenomenológico-existencial), refiro-me à fenomenologia primordialmente husserliana, onde há supremacia de uma consciência intencional transcendental que pretende, através de suspensões de juízos, valores e julgamentos morais (*epoché*), chegar a essência dos fatos, ou seja, aquilo que são ou não são, e que caracterizará a verdade universal. Refiro-me, também, ao Existencialismo que, em suas várias correntes, preocupa-se com a existência concreta e encontrou na fenomenologia husserliana a possibilidade de um método seguro e rigoroso para descrever a existência. Tanto a fenomenologia de Husserl quanto o Existencialismo serviram como matriz³ geradora, ou seja, como fontes que "instauram os campos de teorização e de ação possíveis" (FIGUEIREDO, 2004, p.24) fundamentando determinadas correntes/abordagens psicológicas.

No segundo caso (perspectiva fenomenológica existencial da clínica), refiro-me à fenomenologia primordialmente heideggeriana, em que o modo-de-ser-do-homem no mundo é o foco, bem como a questão da experiência enquanto expressão singular própria de cada sujeito. Nesta perspectiva, o homem é entendido enquanto abertura para múltiplas possibilidades. E, enquanto abertura, será sempre projeto, em um constante vir-a-ser, lançando-se na criação de sua existência e, conseqüentemente, imprimindo sentido para este existir.

³ Termo utilizado por Figueiredo em diversos textos e obras – *passim*.

Neste sentido, o homem não pode ser entendido como "algo" extramundano, soberano sobre si mesmo e sobre todas as coisas. Ele é, ao contrário, criatura e criador do mundo, sua vida se dá na relação dele com este mundo e, principalmente, com outros homens; a coexistência faz parte da sua condição ontológica, "exigindo" deste homem uma responsabilidade ética e política sobre suas ações.

E como pensar a clínica a partir desta perspectiva?

Neste momento, encontro-me com um sentido outro de clínica, significando disponibilizar-se, inclinar-se, debruçar-se sobre. "Clinicar é, assim, inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com, mesmo que a meta, a médio prazo, seja aprender-sobre" (FIGUEIREDO, 2004, p.166). Esta compreensão enfatiza mais uma atitude do que formulações e postulações teóricas; mais uma afetação do que neutralidade; mais abertura para o escutar cuidadoso do que enquadre conceitual... Diz de um modo de ser, refere-se a uma inquietação que desprende, desloca e descola, levando a um olhar atento e cuidadoso para a própria existência.

Esta clínica não é construída apenas por conceitos, mas também por ações reflexivas que, conseqüentemente, requerem liberdade pela responsabilidade ética e política do próprio existir-no-mundo com outros. Esta perspectiva abre a possibilidade para o diálogo/trânsito entre a Fenomenologia Existencial heideggeriana e a Psicologia (resguardando as

devidas especificidades), favorecendo a uma leitura clínica outra.

O que vai caracterizar a clínica, no meu entender, é, antes de mais nada, a submissão do sujeito a um outro que irrompe e se eleva à sua frente, expressando sofrimento, fazendo-lhe exigências, desafiando sua capacidade de atenção e hospedagem, escapando em maior ou menor intensidade ao campo de seus conhecimentos e representações, *furtando-se ao seu domínio, desalojando-o*. (FIGUEIREDO, 2004, p.165, grifo do autor).

Desde este ponto de vista, a teoria diz de uma prática, mas uma não se reduz a outra: “[...] as teorias não seriam nem verdadeiras nem falsas, mas apenas mais ou menos úteis nas tarefas de tornar inteligível e manejável um campo de experiências compartilháveis”. (FIGUEIREDO, 2004, p.162).

A ação/atitude/experiência destaca-se diante da multiplicidade, pluralidade, singularidade, temporalidade (não cronológica) de cada sujeito. A experienci-ação abre possibilidade para o cuidado, para a re-significação de sentido diante do outro que nos habita e que está diante de nós, simultaneamente. Abre caminho para o trânsito que tenciona ambas as partes (outro-eu, outro-outro), mas que descentra e não aprisiona.

Com isto, cada experiência singular, cada ação política, múltipla, inicia algo novo, desalojador, angustiante, que pode paralisar ou impulsionar ao desconhecido e ao surpreendente, em busca de possibilidades criativas, garantindo a pluralidade da condição humana.

Segundo Figueiredo (2004, p.170) quando, na clínica, há possibilidade de “[...] deixar que alguém se mostre contrariando todas as minhas expectativas, é o que pode haver de mais fabuloso no campo do conhecimento”. É em busca desta experiência original, que favorece uma ação ética, que pretendo trilhar o caminho deste Mestrado.

Após estes esclarecimentos, eis que me surge a questão:

como a experiência do psicólogo se fenomenaliza em ação? Como essa experiência pode ser compreendida em ação a partir da perspectiva fenomenológica existencial?

Com isto, pretendo abrir possibilidade para um olhar outro, uma compreensão outra, um sentido outro sobre a prática do psicólogo, independente do campo onde esta práxis seja desenvolvida/experenciada. “O que o humano realiza como sendo essa sua tarefa de busca de sentido, mostra-se também pelo que ele fez como trabalho em ação”. (CABRAL e MORATO, 2004, p.07). Ao “olhar para dentro”, ao perceber-se, o profissional tem a oportunidade de refletir sobre sua atuação e sobre as implicações de sua atitude profissional vivida, podendo, assim, abrir espaço para caminhos outros, possibilidades outras de atuação “[...] levando em consideração uma amplitude para o sentido clínico dessa prática na atualidade contemporânea”. (CARDOSO, 2004, p.21).

Assim, acredito que esta pesquisa poderá trazer à tona reflexões sobre a ação do psicólogo, como esta ação repercute na sua profissão, na sua vida; como este psicólogo, à luz da

perspectiva fenomenológica existencial, percebe-se atuando e como se constitui sua atitude na ação de estar fazendo.

1.3 Desvelando uma jazida

De onde vem a *fenomenologia*? O que ela representa? Do que ela fala? Um sentido ou vários? Será que algum sentido de *fenomenologia* pode estar próximo a algum sentido de clínica? Será que é possível este diálogo? Será que esta abertura pode favorecer a reflexões sobre a práxis do psicólogo?

Etimologicamente, o termo *fenomenologia* refere-se ao dizer de um fenômeno, a articulação entre idéias, reflexão sobre aquilo que se mostra (HOUAISS, on line). Na língua portuguesa, podemos encontrar como definição: "o estudo ontológico dos fenômenos, destinado a determinar as suas estruturas, a sua gênese ou sua essência". (COSTA & MELO, 1990, p.747). Ou ainda:

estudo descritivo de um fenômeno ou um conjunto de fenômenos [...] segundo um método que busca a volta às coisas mesmas, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência, entendida como a intuição das essências. (FERREIRA, 1999, p.893).

Mas, *fenomenologia* também se refere a um método filosófico que reflete acerca da humanidade do homem, compreendendo-o em sua facticidade podendo, em seu modo de ser, revelar o sentido

de existência como condição humana. O mundo, então, está sempre "aí", presente, antes de qualquer reflexão, para o encontro com o homem. Segundo Heidegger (apud FIGUEIREDO, 1994, p.114)

fenômeno é o que se mostra, logos é o discurso que deixa e faz ver. [...] o termo fenomenologia não tem nada de arbitrário, mas está inscrito e é exigido por cada um dos termos originais.

Dentre os diversos filósofos que se utilizam do termo *fenomenologia*, dois destacam-se por sua ousadia em tentar imprimir outro sentido/significado a este termo: Husserl (1859-1938) e Heidegger (1889-1976). Embora as idéias de cada um desses filósofos sejam absolutamente singulares em função da época em que viveram, ambos podem ser considerados precursores de um outro movimento questionador do imperativo positivista e metafísico sobre a construção de conhecimento. Heidegger, mais especificamente, coloca o homem como *Dasein*, ser-aí, limitado por sua facticidade, porém sendo abertura para múltiplas possibilidades de imprimir destinação à própria existência, criando sentido enquanto ser-no-mundo-com-outros. São estes os pressupostos filosóficos da perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana (os quais Heidegger denominou de "Analítica Existencial") que podem ser investigados e refletidos através de um diálogo com uma compreensão clínica na atualidade. Propor uma articulação entre ambos, poderá esclarecer uma possível compreensão do

sentido da ação clínica para o psicólogo frente à realidade contemporânea.

Pensar numa clínica a partir da perspectiva fenomenológica existencial requer um dispor-se implicado frente ao mundo, ao outro e a si mesmo. A condição de coexistência é ontológica, "exigindo" do homem uma responsabilidade ética⁴ e política⁵ sobre suas ações, possibilitando uma conscientização reflexiva na criação (autoria) de sua existência. Assim, cada experiência é singular, desalojadora, múltipla, angustiante frente às possibilidades que garantem a multiplicidade da condição humana, sempre surpreendente.

Diante deste contexto, o nosso objetivo principal é tentar compreender como é, a partir da perspectiva fenomenológica existencial, para o psicólogo, o sentido de sua experiência fenomenalizada em ação como um agir clinicamente.

Caminhando em busca desta ação/atitude/experiência de psicólogos, um território inusitado e surpreendente foi visitado. Uma jazida preciosa, com quatro minas em plena atividade, desvelou-se. Lá, encontramos Safira, Rubi, Ametista e Esmeralda. Todas elas com a mesma destin-ação (psicólogas), mas cada uma com sua mina (contexto), especificidade (singularidade), exemplaridade (legitimação), reconhecimento (veracização), com sua preciosidade (autenticidade) e,

⁴ Compreendida enquanto *ethos* (grego) que significa morada, modo de ser, costume (HOUAISS, on line); espaço onde o homem habita, existe (ec-siste). Neste sentido, a ética só encontra sua valoração à luz do sentido da existência de cada homem temporalmente contextualizado (HEIDEGGER, 2000).

⁵ Compreendida enquanto ação manifesta, publicamente compartilhada e relevante num determinado contexto co-existencial.

principalmente, com suas formas de lapidação (experiência) diferentes.

Ao conhecer cada pedra, nas suas respectivas minas, suas histórias de vida profissional foram narradas e, assim, cada uma delas emprestou seu terreno para que esta pesquisa pudesse ser construída.

Sabendo-se do solo para esta construção e do material já disponibilizado em cada mina, partimos, novamente, seguindo nossa trajetória, na tentativa de problematizar e fundamentar as experiências narradas.

Um caminho trilhado apontou para a necessidade de investigar alguns pressupostos filosóficos que fundamentam a perspectiva fenomenológica existencial. Outro, que emergiu durante o percurso, apontou para a necessidade de problematizar a concepção do clinicar, como ação, e suas repercussões na atualidade.

Cada autor/anfitrião encontrado no decorrer desta viagem, ofereceu fundamentos para a compreensão das narrativas disponibilizadas por Safira, Rubi, Ametista e Esmeralda, ponto de partida e de retorno de toda caminhada.

A prática do psicólogo é norteada por diversos fazeres, compreensões, discursos, métodos, por isso faz-se necessário pensar e questionar, criticamente, como estes psicólogos estão elaborando/lapidando sua profissão a partir da experiência cotidiana. Por tanto, construímos esta pesquisa com a finalidade de abrir espaços para reflexões sobre este fazer,

sobre como ele está sendo feito, como está sendo articulado teoricamente e a partir de que contextos esta prática está sendo realizada. Nesse sentido, a prática psicológica, enquanto um agir clinicamente, refere-se ao sentido de ação como um agir público⁶ (ARENDR, 2003). Esta concepção implica em considerações mais abrangentes do que apenas orientar-se por referenciais estritamente ancorados em teorias e técnicas de um fazer psicológico apenas naturalizante e/ou intrapsíquico.

Por outro ângulo, a experiência de psicólogos, nos mais variados contextos da realidade social brasileira, têm apontado a necessidade de dimensionar sua ação implicada com a situação no qual se realiza. Desse modo, torna-se imprescindível, conhecer e compreender essa experiência pela narrativa de psicólogos (BENJAMIN, 1985), dado ser a narratividade própria da condição humana que permite a transmissão de uma ação (FIGUEIREDO, 1997), abrindo possibilidades para refletir sobre esse agir clinicamente na atualidade.

⁶ A ação, no sentido aqui expresso, é uma atividade política por excelência; corresponde à pluralidade da condição humana; funda, cria e preserva a história; implica em algo novo e singular que, na coexistência da condição humana, revela-se público.

2 EXPLORANDO E GARIMPANDO A JAZIDA

Do latim *persequire*, pesquisar é uma convocação a um "seguir para", caminhar ao encontro de algo que inquieta e interroga. Pesquisar é uma ação que faz sentido entre um olhar e um fazer, lançando-nos em um caminho que se abre para a realização, para algo que emerge, torna-se evidente. "Pesquisar é tão somente construir uma forma de olhar para algo, de tentar compreender alguma situação que se apresenta a alguém como enigmática". (CABRAL e MORATO, 2003, p.02).

Uma pesquisa nos coloca em um campo de investigação, ou seja, nos lança por dentro de vestígios que vão clarear a estrada a ser percorrida e estabelecer as estratégias e ações que devem ser realizadas durante o transitar. Pesquisar é poder investigar junto ao ato de ver; implica a exploração de determinado campo em que interconexões podem ser elaboradas no tecimento de possíveis significações. "Consideramos investigação a ação de levar adiante uma interrogação a respeito de alguma coisa". (CRITELLI, 1996, p.25).

No nosso caso, procuramos investigar **como a experiência do psicólogo se apresenta (fenomenaliza) em ação e como esta pode ser compreendida a partir da perspectiva fenomenológica existencial?** Partindo destas interrogações, reflexões e questionamentos emergiram e revelaram uma compreensão outra

sobre a práxis do psicólogo. "Compreender no sentido de 'aprender com' é **configurar**, ou seja, propiciar a formação de uma figura identificável, reconhecível". (FIGUEIREDO, 1992, p.3, grifo e aspas do autor).

Assim, uma pesquisa sob a perspectiva fenomenológica existencial oferece meios para uma configuração outra, na medida em que é mediada pela experiência de quem realiza uma ação (pesquisador e pesquisado).

Neste ponto de vista, a metodologia é entendida "como a construção de um caminho possível para a realização de um estudo, não cabendo a definição ou explicação de um método padronizado ou pré-concebido" (CABRAL e MORATO, 2004, p. 16). Assim, não se apresenta através de técnicas estáticas *a priori*, mas, sim, por meio da técnica como *poiesis*, ou seja "técnica como modo de dar a ver, de configurar aquilo que se mostra por si mesmo". (FIGUEIREDO, 2004, p.166).

Pesquisador e "objeto" de pesquisa não estabelecem uma dualidade, em pólos opostos. São compreendidos, ao contrário, numa relação de inter-contato, de coexistência, considerando-se que "a experiência pessoal é origem, destino e contexto de significação" (FIGUEIREDO, 1992, p.5) da condição humana.

Neste sentido, o tempo não pode ser entendido como uma seqüência cronológica de fatos sucessivos. Aqui, o tempo não é datado conforme as convenções universais e generalizantes; ao contrário, o tempo é compreendido a partir da experiência de cada ser humano *com-um*. A experiência é que vai determinar o

tempo, o verbo, diante da ação contextualizada. “[...] os ‘agoras’ cercam-se dos ‘já não’ e ‘ainda não’, que assinalam o que há de trânsito e pode haver de perda e de imprevisto” (FIGUEIREDO, 1997, p.10) na experiência cotidiana transmitida. Ou seja, a experiência tem um caráter de presentidade que não é datado cronologicamente, compreendendo a existência enquanto abertura e incompletude. Passado, presente e futuro são constituídos a cada momento, inter-relacionados na temporalidade vivida. Assim, as condições de temporalidade (da experiência) e contextualização não podem ser desconsideradas, bem como a pluralidade que garante a multiplicidade das possibilidades e a singularidade de cada agir. Como diz Arendt (2003, p.16):

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer outra pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

Diante de tais considerações, fomos em busca de colher experiências através de narrativas, como possibilidade de compreensão desta experiência temporalmente contextualizada. Os fatos narrados reúnem, no presente deles mesmos, “[...] a memória presente do passado e as expectativas presentes do futuro, costurando-os da melhor forma possível ao presente de uma visão imediata”. (FIGUEIREDO, 1997, p.9).

A narração tece tramas, revela a experiência, sendo uma expressão reflexiva do vivido pelo narrador ou que a ele chegou através de outra narrativa. O narrador é percebido, assim, como aquele que transmite seu conhecimento de forma íntegra, imprimindo sua marca na narratividade "como a mão do oleiro na argila do vaso". (BENJAMIM, 1985, p.205). Ele mantém fidelidade à época e ao tempo da narração que, para ele, é uma verdade.

Narrar é uma arte comunicada em que a matéria-prima é a experiência (BENJAMIN, 1985). A narrativa é multifacetada, mas conserva sua unidade, por isso, idas e vindas são necessárias, no trânsito em que os diversos modos da experiência poderão ser percebidos através daquilo que foi narrado, favorecendo o fluir de configurações, tecendo redes, nexos, reflexões, inter-pret-ações⁷.

A narrativa amalgama a sabedoria e o desconhecido, o refletido e o vivido, o lembrado e o esquecido. [...] torna todos e cada um uma autoridade no sentido de que cada um e todos, enquanto portadores do vivido, estão autorizados a falar: faz circular o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele. (SCHMIDT e MORATO, 1994, on line).

Na transmissão/narração da experiência, o narrador e o ouvinte estão intimamente implicados no interesse em conservar o que está sendo contado, fundando uma tradição que não perde força, podendo, mesmo depois de muito tempo (cronológico), se

⁷ O sinal diacrítico enfatiza, neste caso, as inter-ações no trânsito de significações que tecem sentido.

desenvolver. Narrador e ouvinte, no momento da transmissão, contemplam uma nova experiência que irrompe como um novo/outro olhar. Na coexistência, no acontecimento de uma narração, há uma implicação que é afetação mútua (entre o narrador e o ouvinte) enquanto ação de dispor-se no mundo-com-outros.

O outro com quem alguém fala sobre algo não é um mero receptor de uma mensagem, mas seu co-laborador. Isto é ele é elemento constituinte da possibilidade desse algo se mostrar. (CRITELLI, 1994, p. 77-78).

Desse modo, a narrativa se mostra como registro para elaboração da experiência narrada, oferecendo-se como acontecimento a ser interpretado pelo próprio ouvinte, amalgamando-se à sua própria experiência, para poder, essa compreensão, ser comunicada pelo ouvinte, agora narrador.

Esta situação/acontecimento se deu, nesta pesquisação, no momento da entre-vista, que se apresentou como uma região intersubjetiva entre o narrador (pesquisado) e o ouvinte (pesquisador). "Tal relação é compreendida, nesse particular, não a partir da lógica das polaridades, mas da mútua afetação, da interpenetração, próprias da condição humana". (CABRAL e MORATO, 2003, p.9).

A e-labor-ação⁸ das entre-vistas se deu no momento em que me deparei com uma jazida contendo quatro minas em atividade.

⁸ Quero chamar a atenção, neste caso, para os termos *labor e ação* e dizer que me refiro a eles no sentido compreendido por Arendt (2003). Para esta autora, o labor está associado ao processo biológico humano, sendo uma condição humana: a própria vida. Já a ação, anteriormente explicada, garante a publicização, conservação e significância da condição humana.

Jazida é uma reserva mineral e as minas caracterizam a lavra, a exploração, a ser desvelada, ainda que esteja em suspensão.

Movida pela curiosidade instigante e inquietante, fui ao encontro dessas minas e lá conheci Ametista, Safira, Rubi e Esmeralda, todas pedras consideradas preciosas. Porém o que se apresenta como valor de cada uma delas é a beleza, a durabilidade, a tradição histórica, a exemplaridade, o tipo de lapidação. Para nós, elas são extremamente valiosas a partir do contexto próprio de cada uma, na singularidade, autenticidade, legitimação, veracização e experiência transmitida. Cada uma delas, na destinação de seus ofícios (psicólogas), desenvolve trabalhos em mais de um campo de atuação (diferentes formas de lapidação), esta é a característica que garante o pertencimento delas à mesma jazida.

Cuidadosamente fui me aproximando de uma pedra preciosa (psicóloga) por vez e, assim, fui recebida em suas minas (contextos). Ao estar com cada uma delas, o acontecimento da entre-vista foi provocado pela seguinte questão: **Cada psicólogo tem uma forma de agir, uma maneira de atuar. Qual é a tua forma de agir enquanto psicóloga?** A partir daí, a narratividade aconteceu e, com a permissão de cada uma delas, gravei em áudio este momento.

Passada esta primeira aproximação, estando diante e um pouco mais familiarizada com cada mina (contexto), fui transcrever o material fornecido por cada uma das pedras. Ao

passar o conteúdo narrado da comunicação oral para a linguagem escrita, a maior preocupação foi tentar preservar ao máximo o modo como cada uma se expressou.

Mas, quando um fenômeno se revela, imediatamente se vela em outros aspectos, num jogo de ocultamento e desocultamento, num trânsito que aconteceu pelo contexto do momento. Assim, inevitavelmente, seguindo este movimento entre mostrar e ocultar, alguns aspectos próprios do momento da entre-vista não serão contemplados na linguagem escrita. Como, por exemplo: um olhar, um gesto, um som, um tom. Tais aspectos, embora atravessados na experiência do ouvinte e do narrador, não poderão estar totalmente presentes nesta, agora, outra situação.

Após este momento, cada entre-vista realizada foi devolvida, respectivamente, a cada participante para que pudessem, neste outro momento, veracizar a experiência narrada e autenticá-las, autorizando, assim, a publicização do material. Veracizar está sendo utilizado, neste contexto, como parte de um movimento de realização. Em outras palavras, veracizar é poder reconhecer algo como publicamente relevante e, portanto, real e verdadeiro. A verdade, então, é entendida no contexto e na temporalidade do vivido do narrador (mina-entrevistada) e não como um conceito soberano, substancial, universal e absoluto que determina características generalizantes. A verdade, determinada pela relevância pública, tem suporte na coexistência, na pluralidade da

condição humana. Tornar algo publicamente relevante e verdadeiro, neste sentido, depende do olhar do outro, do testemunho do outro que compartilha e comunica, iluminando o sentido de ser "como o rumo, o norte, o alvo e o princípio [...] em relação aos quais se deve dar conta de ser, de existir". (CRITELLI, 1996, p. 90).

No caso desta pesquis-ação, a veracização do material colhido e transcrito aconteceu no momento do testemunho compartilhado pela pesquisadora e pelas pesquisadas, tornando lícita, digna e relevante a experiência narrada. "Coisa alguma é verdadeira em si mesma, mas **veracizada** mediante uma referência, um critério, algo que venha de fora dela mesma e a autorize a ser o que é como é". (CRITELLI, 1996, p.85, grifo do autor).

Ao deparar-se com a narrativa transcrita, cada participante desvela sua própria experiência e renasce, abrindo para si mesma uma outra dimensão, se des-cobrando outra vez. A compreensão torna-se possível e pode ser comunicada, conhecida e admitida na rede de relações significativas do mundo, onde o modo-de-ser, presente em cada narrativa, encontra sua consistência e re-conhecimento.

Já a autenticação se faz necessária para legitimar a experiência.

Sem a autenticação final, o que foi desvelado, revelado, testemunhado e veracizado, não chega à sua plena realização [...] é a autenticação que dá

consistência às coisas e as faz serem efetivas ou plenamente reais. (CRITELLI, 1996, p.91 e 92).

O momento da autenticação não é público, plural, é individual, singular. Ao ver-se novamente na experiência narrada, comunicada, o narrador (mina-entrevistada), na abertura de seu existir, é afetada pela realidade de sua experiência particular “[...] que não está embasada pelo raciocínio ou pelo entendimento intelectual, mas passa pelo crivo da emoção”. (CRITELLI, 1996, p.91). Para Heidegger (1974 apud CRITELLI, 1996) esta emoção refere-se aos estados de ânimo que evidenciam como as coisas afetam o homem, seu modo-de-ser-no-mundo, que permitem as coisas (no nosso caso, as narrativas) terem consistência, exatamente, por estarem e permitirem a dimensão do sentido.

Nesta compreensão fenomenológica, o re-encontro das participantes com suas experiências, abre possibilidade para significâncias, significações que abre, por sua vez, o caminho para a compreensão e o sentido de cada ação fenomenalizada através das narrativas.

Nossos estados de ânimo invariavelmente nos remetem a nós mesmos, porque é sempre alguém concreto que sente. Pelo sentir, estamos entregues a nós mesmos, pois não é um outro que sente o que sentimos. O eu chega, pelos estados de ânimo, à mais plena realidade de si mesmo. Por eles, o indivíduo compreende-se como uma singularidade. (CRITELLI, 1996, p.95).

Por este motivo, a autenticação só pode ser um momento particular, de reconhecimento, identificação, aceitação e compreensão plena do contexto em questão. É neste momento, singular e próprio, que cada participante nomeia e afirma o curso e a verdade de sua narrativa, tornando a experiência, agora compartilhada, real.

Nesta pesquisação, esta experiência que foi compartilhada entre a pesquisadora e as entrevistadas, é o ponto de partida e de retorno. Assim, o próximo passo foi tecer estas experiências com alguns pressupostos da perspectiva fenomenológica existencial e com algumas compreensões sobre o clinicar enquanto ação.

A teoria serviu para dar base e fundamento ao campo das experiências aqui relatadas, enquanto possibilidade de compreensão de sentido, como abertura para um agir clinicamente outro.

Na medida em que a compreensão não é um mero instrumento de apreensão do mundo, mas uma dimensão ontológica da existência, tal procedimento carrega dentro de si a garantia de sua objetividade. (AUGRAS, 2000, p.24).

A teorização será tecida junto com as narrativas e as compreensões elaboradas, a favor da construção de um conhecimento incorporado às habilidades profissionais. No sentido atribuído por Merleau-Ponty (2006) a teoria só encontra sua significância a partir do momento que pode ser

comunicada através do gesto corporal, no momento em que pode ser expressa como fazendo parte, também, do próprio comportamento. Esta in-corporação "só acontece no bojo de um processo muito pessoal [...] da experimentação e reflexão". (FIGUEIREDO, 2004, p.21). Assim, na construção de um saber-fazer, o psicólogo abre-se, no seu ofício, para uma ação que parte do próprio corpo, oferecendo ao outro sua compreensão enquanto experiência em ação (experienci-ação). Para Figueiredo (2004, p.171) "a função das teorias [...] seria a de, subordinada à dinâmica ética da clínica, dar a esta experiência melhores condições de problematização [...]" independente do contexto onde esta experiência/ação/teorização está sendo realizada.

Pensar, refletir, articular... experiências de psicólogos nos diferentes contextos de atuação; iluminar uma compreensão outra sobre o fazer cotidiano, junto com uma teorização sobre um agir clinicamente, foi o passo final de todo este percurso. Torna-se possível, deste modo, tecer elaborações sobre o sentido de ser-psicólogo, sobre sua atuação, sobre aquilo que lhe é próprio na fabricação, construção de sua destinação.

3 A-PRESENT-AÇÃO DAS MINAS

Chegou o momento de conhecer cada mina, o contexto, as significações atribuídas por cada uma delas à destinação de seus ofícios, o sentido de suas experiências fenomenalizadas através da ação-presente em suas narrativas, colhidas no acontecimento da entre-vista.

A jazida em lavra, onde cada pedra está sendo minerada, lapidada, está aberta para visitação. Este   o terreno onde, posteriormente, foram tecidas as elabora oes teóricas desveladas pela experiência da pesquisadora em trânsito com as experiências transmitidas pelas minas pesquisadas.

Livre, meu v o [...] que inicio [...]. Leio nesse rendilhado de sensa oes o roteiro da minha viagem. Tudo   vivido pela primeira vez e sem prepara o. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. [...]. Agora sei que devo içar as velas [...]. Dar sentido a vida pode levar a loucura, mas uma vida sem sentido   a tortura da inquieta o e do v o desejo.   um barco que anela o mar, mas o teme. [...]. (COLLIGERE, on line).

Embarquem nesta viagem e boa visit-aço!

3.1 Primeira mina: Entre-vista com Ametista



Você me diz que cada psicólogo tem uma maneira de agir... tem uma maneira de atuar... você quer saber qual é a minha maneira de atuar? Qual é a minha maneira de agir?

Bem... Eu trabalho na clínica... meu trabalho é de base analítica... Eu escuto os clientes e intervenho na medida em que... Nos primeiros momentos é mais uma escuta... pra depois começar as intervenções propriamente... É muito diferente do hospital... no hospital eu trabalho num setor... que é o setor de psico-oncologia... o setor de oncologia... então lá a abordagem é bem mais diferente... é uma abordagem mais de apoio, suporte... as intervenções são no aqui e agora... o tempo que eu tenho com cada cliente é bem menor... varia também... porque tem sessões que são maiores... então é muito diferente da clínica... o hospital é uma coisa nova... que eu to lá há 4 meses... mas que ta sendo muito interessante esse momento... e minha forma de atuar é essa escuta e nesse

suporte sabe Janne... trabalho mais por aí... Mas percebo que no hospital eu toco mais... eu tenho o toque... eu tenho... eu fico mais perto do cliente é... diferente do consultório... No consultório acho que esse meu toque é com a palavra... é com o suporte... é tudo no tom da palavra... com a voz... No hospital não... eu tenho que tocar às vezes... agora... isso com muito cuidado também porque esse toque tem que ser um toque no momento em que o outro pode ser tocado... mas que lá no hospital eles precisam ser tocados com minha mão... no consultório não... acho que é de outra forma... no consultório.

Essa necessidade que eu estou percebendo lá... deles precisarem do meu toque... que no consultório é diferente... Sabe como é que isso chegou pra mim?

No dia-a-dia... na demanda... eu percebo que pelo momento que eles estão passando... no momento de diagnóstico de uma doença... que a gente sabe que tá muito ligada a morte não é?... o câncer... algumas vezes a gente tem pacientes que têm uma possibilidade terapêutica boa e consegue... curar.. e outros não... Eu percebo que durante esses 4 meses eu tive mais pacientes... que tiveram... diagnósticos e o tratamento foi muito difícil... até pra morte não é?... e outros não... eles conseguiram... mas eu pego pacientes às vezes num estado muito... vulnerável... precisando muito de carinho... de apoio, de suporte... sofrendo... um sofrimento real... um sofrimento no corpo... não que os clientes que chegam na

clínica não tenham sofrimento... eles têm... se a gente for... depois como eu vou consegui dimensionar qual é o maior sofrimento... se é o sofrimento da alma ou é o sofrimento do adoecimento mesmo... mas são sofrimentos... e aí eu percebo que lá eles precisam demais desse contato... no consultório não... E uma coisa foi interessante depois que eu fui pra hospital... até porque é o começo... eu não sei falar sobre o que é essa tua... você já adiantou um pouco sobre o que é essa pesquisa... mas assim... depois eu quero conhecer mais... mas falando assim... Eu tenho o quê?... 4 anos de formada... e fui pro hospital no momento de um estágio... já formada... com a perspectiva de aumentar... conhecer pessoas... e aumentar a possibilidade de trabalho também... porque só a clínica no início não é tão fácil... Uma coisa muito interessante foi... escutar esse sofrimento do hospital e vir pra clínica... porque antes quando eu vinha pra clínica... eu disse: Não... são sofrimentos... é pesado... mas... Não sei se eu vou conseguir explicar um pouco... esse meu sentimento... é como... Agora que eu to no hospital e na clínica... a clínica se tornou mais leve... o sofrimento no consultório é o sofrimento do dia-a-dia... porque todo mundo que inicia uma terapia vem por alguma questão de... dor... por... em fim... diversos problemas... mas ele ta sofrendo não é?... difícil a gente chegar numa clínica... procurar um terapeuta... porque ta tudo bem na vida... é num momento de reflexão... alguma coisa tem aí que não ta muito bem... e vai falar sobre isso...

então... é sofrido... e tem alguns momentos da terapia que se tornam bem mais sofridos... a gente como terapeuta tem que suportar isso... e dar esse suporte... poder escutar... Mas quando eu saio do hospital... eu vou sempre pro hospital pela manhã... chega dá uma... Eu vou pra clínica... eu vou escutar outro tipo... é uma coisa bem mais leve... porque o sofrimento da clínica é uma coisa bem mais leve do que o sofrimento do hospital... Eu to gostando muito do hospital... mas eu não agüentaria passar mais de seis horas no hospital... é pesado... as problemáticas lá são... são...

É como se exigisse uma disponibilidade maior sabe?

Me afeta mais... me cansa mais... porque dentro do hospital... Na clínica eu sou autônoma... eu tenho meus horários... eu não tenho patrão... eu não tenho... Então assim... lá no hospital não... eu tenho um chefe que me cobra... eu tenho as famílias dos pacientes que me cobram... então assim... é outro lugar não é?... são outras cobranças... E também o momento que eu to lá... nesse momento que o doente ta... esse setor que eu estou... que é um setor que eu acho que é... não é tão fácil lidar com oncologia... são pacientes que... assim... começam o tratamento... tem a quimioterapia... são tratamentos invasivos... difíceis mesmo... e são pacientes que ficam muito tempo em tratamento... então a gente acaba fazendo um vínculo maior e quando esses pacientes vão piorando clinicamente é muito difícil... tanto pra mim como pra equipe... mas isso também... eu to nesse começo... talvez

daqui a... se você vier me entrevistar daqui há um ano... eu fale de outra forma... porque todo início...

Mas já fala da minha experiência...

Sabe como é que estou me sentindo lidando com esse sofrimento real lá? Porque é físico... é estar vivendo isso e se confrontando com um real... porque o consultório é um espaço subjetivo... Já no hospital estou vivendo uma experiência de peso... diferente desde a minha formação...

Eu fiz o curso de Psicologia Hospitalar... eu era oitavo período... nono período... mas como uma... assim... Na faculdade a gente tinha uma cadeira só... e eu queria viver o hospital... e queria fazer estágio na clínica também da faculdade... e aí eu fiz essa opção... Então eu sabia já como era hospital... como era lidar com isso... mas quando a gente vai pra prática... e você... a prática você sendo psicóloga do setor... então isso tem uma responsabilidade... e assim... o lidar com... o paciente terminal... com a morte... é muito difícil... agora, traz muitas reflexões... pra mim que agora... eu to com 29 anos... é que a gente tem que aproveitar a vida sabe?... porque eu lido todo dia... pelo menos 6 horas por dia quando eu chego no hospital... com essa perspectiva de morte iminente... pra amanhã... com alguns pacientes quando estão internados... porque eu sei que tem outros... então isso que ta se refletindo... é que a morte... ela ta muito próxima mesmo sabe?... e que... me reflete é que eu tenho que correr mesmo... ir atrás de meus objetivos... isso reflete muito...

quando a gente escuta... isso também... tem que aproveitar a vida... eu tenho que correr atrás... To falando dessa subjetividade não é?... Você me diz assim: O que é que isso ta lhe tocando?... Hoje ta me tocando isso... a reflexão que a vida é uma coisa que a gente tem que correr atrás dos objetivos... tem que viver momentos de prazer sabe?... porque em alguns momentos... eu escuto muito isso de meus pacientes... "Não... porque eu devia ter feito mais isso"... "Eu não vivi bem com meu marido e agora eu to assim"... Então... é muita coisa que eu escuto com essa morte próxima... é como eu tivesse assim... Antigamente... antes de ir trabalhar lá... não achava que... achava que a gente ia morrer... lógico!... mas não tinha esse contato com a morte como eu tenho hoje... e isso faz essa reflexão... que a gente tem que correr atrás... e conseguir os objetivos da gente... viver... também ter os momentos de prazer... Acho que todo mundo que trabalha no hospital tem um pouco isso... fica um pouquinho essa luzinha... essa luz acesa sabe?... dessa morte mesmo iminente aí.

Acho que estou crescendo como profissional e como pessoa... Estou. Eu considero que eu tenho... estudado mais... tenho... aproveitado mais meus momentos de lazer também... tenho aproveitado mais meus pais... minha mãe... eu sinto que... eles já tem uma certa idade... e eu vejo... eita!... tenho que aproveitar não é?... a minha família... Isso trouxe

uma reflexão bem... bem forte sabe Janne?... não sei até quando eu vou continuar pensando nisso... mas em fim...

Vou te contar dessa minha trajetória... desse meu caminho... que está despontando nessa profissional que está agora refletindo sobre essas coisas... Vou te contar o meu caminhar até aqui...

Eu sempre me considerei... atenta as oportunidades... então eu fiz o curso de hospitalar já por conta disso... porque hospitalar é uma área importante aqui... porque a gente ta no segundo pólo médico brasileiro... tem muitos hospitais... Sempre me questionei se era hospitalar mesmo... porque eu acho uma área bonita... acho uma área... que os pacientes precisam muito... agora a gente tem que estar muito disponível... porque é uma atuação diferente da clínica... E aí... eu vim pra clínica... comecei a ter clientes... e depois eu disse: não... só a clínica não ta ocupando meu tempo todo... eu não tinha esses clientes todos que eu passasse o dia todo clinicando... eu tenho que procurar mais... e me dispus a trabalhar nesse hospital... mesmo formada... durante um tempo... acho que uns 3 meses... mas isso foi recém-formada... pra conhecer mais... quem sabe eu conhecendo um médico que gostasse do meu trabalho... me chamaria... aí eu passei 3 meses... não agüentei mais do que isso... não agüentei porque... eu fiz: poxa! Eu sou formada... to aqui... e não to ganhando nada... bateu um pouco isso... e eu saí desse lugar... que foi o lugar que eu to hoje... saí e voltei

pro consultório... estudar pra concurso... estudar pra mestrado... fazer outras coisas... e a clínica... e não fiquei procurando mais hospital... fui fazer concurso... procurar outras coisas... e o hospital me chamou... gostou do meu trabalho... Então assim... eu to nesse hospital hoje por um trabalho que eu fiz a três anos atrás com disponibilidade... eu tava formada... me chamaram pra passar um tempinho lá... e foi aí que eu cheguei lá... nesse hospital... enquanto isso eu fiquei na clínica... fazendo grupos de estudo que eu gosto muito... estudando psicanálise... que é um assunto que a gente tem que estudar muito... eu faço parte hoje... já faz tempo... do CEF que é o Centro de Estudos Freudianos... que me dá muito suporte... porque eu acho muito difícil a gente estudar só... Uma coisa que eu sinto falta da faculdade é que na faculdade a gente tem que estudar... e quando a gente vai pra clínica a gente tem que ter um pouco desse cuidado... porque se ficar sozinha estudando... Você tem que procurar grupo de estudo... também pras pessoas lhe conhecerem... mandar cliente pra você... então minha trajetória foi essa... foi se formar... assim que eu me formei juntei com as amigas consultório... porque acho que tem que ter um consultório logo no começo mesmo pra fazer seu nome... o primeiro consultório não deu certo... vai pra outro... em fim... e grupo de estudo pras pessoas estarem me conhecendo também...

Logo quando eu comecei a falar... eu disse assim... aqui a clínica é diferente do hospital... Será que o que estou fazendo no hospital também é clínica?

É... é clínica... só que é uma clinica diferente... porque... lá o ambiente é diferente... as demandas são diferentes... o tipo de atuação é diferente... mas não deixa de ser clínica... não deixa de ser uma escuta não é?... com intervenções possíveis de serem feitas...

O suporte clínico é a ponte de minha atuação... independente de onde eu esteja...

A escuta não é?... o suporte... poder ver o que é que está por trás das palavras... e a partir daí fazer alguma coisa... A escuta... que é uma coisa que a gente não precisa de nenhum material... só estar lá disponível pra isso... e atenta também... que momento você vai dizer alguma coisa... que momento você não vai dizer... eu acho que tem momento que você pode falar... tem momento que você pode tocar... como no hospital... mas é uma clínica bem diferente da clínica...

Bem diferente do consultório.

Da clínica do consultório... porque a gente... a clínica na linguagem popular... a gente fala a clínica consultório não é?... Então nesse jogo de palavras... mas o hospital é uma clínica diferente... pra mim...

Estou aprendendo muito... então... com meus pacientes lá... porque lá são pacientes...

Até isso... tem esse trocadilho não é Janne?... eu fico doidinha às vezes... paciente... cliente... porque no consultório a gente fala cliente... lá são os pacientes... porque a gente tem que conversar com os médicos... trocar os casos... Muito... to aprendendo muito... to aprendendo... como eu te falei... da vida... dar sentido a essa vida mesmo não é?... e poder dar algum sentido... às vezes... pra o que eles estão vivendo... que é muito difícil... que eles trazem... é muita coisa... e pouco tempo pra se trabalhar... porque a morte está ali... batendo... É por isso que eu digo... Teve uma aluna da Universidade Católica que Veridiana... que eu sou muito amiga de Veridiana... que ela é professora da disciplina Psicologia Hospitalar... aí duas alunas foram conversar comigo... E aí você... "Como é preparar pra morte?"... eu disse: poxa! Se eu pudesse preparar alguém pra morte não é?... porque não se prepara pra morte... eu nunca chego pra nenhum... e isso eu não aprendi nem nos livros viu... porque ainda to estudando muito hospitalar... porque foi uma coisa que eu fiquei um pouco distante... fiquei estudando mais pra clínica... quando eu voltei agora por hospital... to revendo toda a literatura de Psicologia Hospitalar... e até agora... tem muita coisa falando sobre a morte... mas se preparar pra morte? Isso é muito complicado não é?... Tem pacientes no meu dia-a-dia lá no hospital que morrem e não querem falar sobre a morte... então... eu não chego a falar essa palavra... quem vai falar pra mim são os pacientes... tem alguns pacientes que

morrem e falam da morte... se preparam um pouco... a gente pode dizer... e tem outros que não... acho que... eu to aprendendo muito lá... com o dia-a-dia mesmo... com os livros...

Olha.... eu me reconheço bastante na minha profissão... me reconheço Janne... Eu acho que é uma profissão difícil... não é fácil... é difícil assim... de campo... difícil de disponibilidade interna... mas eu gosto muito do que eu faço... eu não me vejo fazendo outra coisa... Não sei te dizer quanto tempo eu vou ficar em hospital... to gostando mas ta sendo difícil... eu acho que talvez pelo início... não sei... porque... te exige muito... é um desafio... mas ta sendo gostoso... to gostando... Eu me vejo muito... desde nova me vejo fazendo psicologia sabe?... Eu tenho uma mãe que é psicóloga também... e acho que isso me ajudou um pouco... a conhecer a profissão... Eu fiz terapia muito nova... adolescente... então eu sempre gostei... Eu me lembro de quando eu era pequena... eu escutando os problemas das minhas amigas... o povo... oitava série... primeiro ano... o povo: "Ah! Ametista tu é tão paciente... tu gosta de escutar"... então assim... Eu pensei em fazer outras coisas também... eu queria... teve uma época que eu queria ser advogada... mas aí depois passou aquilo... Eu to muito feliz hoje com a profissão que eu escolhi... remuneramente ta bem... poderia estar melhor... mas to tranqüila... to podendo pagar minhas

contas... o consultório ta bem... então eu to feliz... com essa profissão.

A questão da clínica atravessa minha atuação nos lugares onde atuo... Eu acho que tem mais de uma particularidade da minha ação... que é minha mesmo... que eu sei que está sendo construído por mim...

Na verdade... não sei se é bem isso... eu acho que o cuidado sabe?... sempre com o outro... o que é que eu vou dizer... eu acho que a paciência... eu me considero uma pessoa muito paciente assim... muito disposta a escutar... tanto no consultório que eu tenho que escutar mesmo... quanto lá no hospital... eu acho que eu tenho muito... essa escuta que eu falei... mas acho assim... o cuidado... com o que eu vou falar também... isso não me impede de falar não sabe?... mas é ter muito cuidado com as palavras... eu acho que isso é imprescindível pra mim... psicóloga... cuidado com as palavras... acho que essas duas coisas assim... no momento que eu escuto... eu tenho esse cuidado também com o que eu estou falando... são essas duas coisas... Eu acho que o que foi muito importante pra mim nessa trajetória Janne... que você me pediu pra falar desde o começo aqui... foi o início dessa trajetória... eu acho que é imprescindível para o estudante de Psicologia... que quer fazer clínica... é fazer um estágio bem feito sabe?... eu gostei muito do meu estágio... na faculdade... eu acho que é um momento que a gente tem que estar atento pra isso... porque eu acho muito complicado... e

eu percebo que em alguns momentos... até como aluna... eu percebia que tinham algumas pessoas que não podiam estar vivendo o estágio mesmo... por dificuldades... por momentos difíceis na vida... naquele momento... Mas assim... meu estágio foi muito importante pra minha atuação como psicóloga... acho que me deu segurança... porque foi uma coisa bem feita... acho que eu saí da faculdade com vontade... de dar gás sabe?... me sentindo segura... Agora sempre aliado a tudo isso eu tenho um bom tempo de trabalho pessoal... eu acho que isso foi mais importante... na minha formação... durante esse momento de atuação mesmo... isso me deixou muito segura... A supervisão também é muito importante... eu faço supervisão ainda hoje... eu faço supervisão individual... Eu me sinto muito segura... mas também eu tenho os alicerces sabe?... que me dá essa segurança... isso é importante... Penso daqui há um ano deixar a supervisão e marcar... pra não ficar uma coisa... mas por enquanto... até porque eu estou atendendo criança que é uma coisa que eu acho que precisa de um suporte maior... mas eu acho que é um pouco isso... que eu digo pra quem está... Quando você fala desse percurso... dessa trajetória... eu acho que a gente quando ta fazendo as coisas bem feitas... quando você tem consciência do grau de investimento... você fica mais forte pra cobrar um valor X de sessão... porque sabe que você pode cobrar aquilo... pela sua trajetória... pela qualidade do tratamento que você dá... qualidade da consulta... acho que é uma série de coisas... e

você tem que gostar... porque acho que é muito difícil fazer tudo isso sem gostar... sem se identificar com o curso... Eu não me imagino fazendo outro curso... trabalhando em outra área... eu acho que é por tudo isso que eu te falei... que eu tenho esse cuidado desde o começo... tanto com o cliente quanto com a minha carreira... o que é que eu estou fazendo com essa minha trajetória aí... Sempre tive supervisão... desde quando eu saí da faculdade... estou sempre aliando teoria e prática... elas caminham juntas ali... é isso mesmo... tudo bem interligado mesmo... é uma teia de aranha... uma teia mesmo... que eu to construindo pra mim... acho que é por aí... É isso aí.

3.2 Segunda mina: Entre-vista com Safira



Você está me dizendo que cada psicólogo tem uma forma de agir, uma maneira de ser... Quer saber qual é a minha maneira de ser psicóloga? Qual é minha maneira de fazer psicologia? De atuar, né?

Vê só Janne.. eu sempre digo... tem até um texto que eu podia te dar... da minha monografia, que fala justamente disso... que é meu estar presente junto... com o paciente, junto com ele... naquele momento onde o que... Assim... esperando dele o que ele pode me dar naquele momento... Tipo: se eu utilizo... o fazer artístico... alguns materiais artísticos... justamente pra que... possibilite a eles a trazer histórias de vida deles... histórias da vida passada... ou vida presente... aquilo que ele tiver podendo... me trazer naquele momento... Então... o principal... de atuar como psicóloga é estar presente junto com ele ali... Se eu não tiver podendo... com certeza não vai adiantar de nada... Tipo: eu botar material artístico, botar pincel, tinta, lápis,

papel... não vai adiantar... eu tenho que ta presente também junto com eles... acho que isso é o principal pra mim.

Essa minha presença... É tipo assim... eu ta podendo... ouvir... a minha escuta tem que estar bastante aguçada... Se eu não tiver bem comigo... eu não vou estar podendo estar presente com eles... Então acho que o meu... me esvaziar de bastante coisa... me esvaziar no sentido de... deixa eu ver... ser mais clara... não misturar... o que é meu é meu... o que é dele é dele... Então assim... me esvaziar realmente... pra poder estar presente com eles... Se a partir do que eles vêm me trazer... do que eles tão me trazendo das histórias deles, eu terminar confundindo com as minhas... aí fica uma salada só... então realmente não dá pra... distinguir... então, o que é meu é meu e o que é dele é dele... eu tenho que ta realmente esvaziada... e ta realmente presente com eles... Não sei se é isso que tu ta querendo...

É assim que eu faço em qualquer lugar que eu esteja atuando como psicóloga... Eu digo isso porquê? Eu me formei em clínica... na abordagem gestáltica... pra pode me dar a base pra eu trabalhar na organizacional... vê a confusão... e também sou artista plástica pra pode trabalhar com arte-terapia com os pacientes... Então... se em nenhum desses três momentos... eu não estiver presente... seja na organizacional, seja na arte-terapia e assim... esvaziada... realmente... de coisas... é... pessoais... eu não vou ta podendo ta presente numa entrevista... numa seleção... num treinamento... e na

arte-terapia com os pacientes... Acho que o principal de tudo é... o ser psicólogo... estar com... eu estar com... mesmo!!! E assim... ta realmente presente... na atuação... entendeu?

Sabe como é que torno possível essa questão do esvaziamento? Porque pode ser que tenha um dia que eu tenha que ir trabalhar e... não esteja legal... Sabe como eu tento tornar isso possível?

Primeiro assim... Saber que eu tenho que ta lá... então a partir daí... Sei lá... De repente é respirar profundo... uma concentração mais forte pra poder ta dentro de uma entrevista... e às vezes acontece... eu to lá entrevistando e o pensamento de vez em quando foge... Volta, volta porque aqui... esse presente aqui é que ta importando... Então... realmente é fazer um esforço a mais... porque é o profissional que ta... falando mais forte do que o pessoal nesse momento... Claro que eu também sou humana e não vou poder... às vezes eu não vou ta... num... Vou deixar de trabalhar?... não posso... Mas eu tenho que ta sendo profissional pra poder fazer esse tipo de esvaziamento... esvaziamento no sentido de... poder ta presente mesmo não é?... Muitas vezes lá no hospital mesmo... eu não tinha como... se eu não to... Tipo: uma simples TPM que me dá... eu fico irritada... Então assim... eu procuro fazer... alguns trabalhos que não sejam tão... que eu não precise ta me doando tanto... Faço... não deixo de fazer não... eu faço... to lá com eles tudinho... Talvez eu não esteja tão presente... mas é... o profissional tem que ta mais

forte aí... Então assim... não deixo de ir... faço o trabalho que é feito... mas eu sei que... não ta sendo bem feito... ou assim... não ta sendo... não vai ter a qualidade... que eu poderia ta se não tivesse na TPM... Mas o profissional ta aí... eu tenho que ta atuando... então... eu procuro me esvaziar... e deixar a TPM um pouco de lado... sabendo que aquilo ali é TPM...

Eu estou falando.. do máximo de consciência que posso ter de mim mesma pra poder trabalhar com eles sabe?

E é difícil... mas assim... quando se trabalha... Eu já venho um tempo trabalhando com isso... o principal de tudo é você se conhecer... já saber teu movimento pra saber o movimento do outro também... você sabendo teu movimento fica muito mais fácil... tipo: eu já sei... nos períodos do mês que eu to... nessa fase... então eu já sei que eu não to muito... não vou estar tão presente... quando se eu não tivesse de TPM... Mas aí já sei disso... então procuro trabalhar isso em mim pra poder... atuar de uma forma...

Isso que estou dizendo de... poder dividir bem o que é meu e o que não é... isso pra algumas pessoas é algo muito... além de difícil... é algo... pesado... quase como uma dicotomia mesmo... você não pode expressar nada do que você é ali, porque você ali é só profissional...

Mas eu não digo assim... Você tem que se conhecer... Esvaziar no sentido de eu não ta misturando... no sentido de... é porque eu não sei se eu fui muito clara... É claro que

quando você tá lidando com pessoas... com o ser humano... você vai trazer coisas suas também... mas... não misturar no sentido de... o que é seu... o que é meu é meu... o que é dele é dele... De repente histórias da vida da pessoa vão bater com as suas...

E aí? Mas aí eu me conhecendo... eu vou saber que ali é história... é parecida com a minha... mas não é a minha... é a dele... é a do outro... não é?! Não é você... como você disse aí... como foi que você disse? Que... como é que não se mistura... termina se misturando mesmo... mas assim... você se conhecendo você não permite... entrar na história do outro... não sei eu tô sendo clara... porque quando você trabalha com ser humano... você termina realmente tendo essa mistura... mas uma mistura sadia... Se você se misturar e entrar na história do outro e você viver... assim... viver o que é dele... não se torna mais sadio, eu acho... Acho que parte daí.... Agora é claro... que você vive a história com o paciente... com uma conversa... você entra... que até que você tem que tá presente pra poder... Mas não é misturar... Então eu acho que é isso... não sei se eu tô sendo muito... Tá misturando tudo... (risos)

Deixa eu ver se assim... Eu vou dar exemplos pra poder ficar mais claro... deixa eu ver... Na Tamarineira... deixa eu ver se eu me lembro de alguma... tipo: na Tamarineira mesmo teve vezes que... o paciente, vamos supor... o paciente chega aí faz: "ah! seu pai"... Deixa eu ver como foi... "seu pai... eu já tive com seu pai"... "eu sou sua mãe"... e faz dentro da

viagem dele... me insere... assim... ta me inserindo na história dele... aí se eu por acaso... Ai meus Deus! Meu pai... será que meu pai já teve outras... histórias por aí? Será que de repente essa paciente aí já deve ter andado com meu pai? É uma viagem dessas assim... eu disse: peraí Safira... Não, não, não... não vou ta me misturando... Então assim... vou ta dentro da história dele... ouvindo... mas não misturando à minha história... E isso é difícil.... é muito difícil... é muito complicado... Mas é por isso que eu digo... eu acho que o ser psicólogo, você tem que... ta presente e... de uma forma sadia... Se você tiver misturada aí... Misturada com as suas histórias não é?... aí acho que complica... embola o meio de campo e não... você não consegue viver o outro... e ter uma escuta boa... pra isso.

Eu me reconheço mais como psicóloga... Pausa para pensar... Acho que... na escuta... Acho que a escuta é a principal... acho que você podendo escutar... acho que é a base de tudo também.

E isso é independente de onde eu esteja... Independente. Acho que a escuta é a principal. A escuta e... o olhar também... a escuta e o olhar... o olhar clínico seja em qualquer situação que eu esteja... na organizacional ou na arte-terapia... acho que o olhar clínico e a escuta... me dá um base muito forte... pra eu atuar onde eu estiver... Eu acho que... o olhar clínico no sentido assim... de você já ver o movimento do outro... não só através da fala dele... mas

através de... você estar ali... olhando o movimento dele... Já da pra... ir tirando... algumas respostas pra o que você tá construindo não é?... Acho que o olhar e a escuta... acho que é o principal.

Com certeza é isso o que mais pesa pra mim.

O contato que eu tenho com os pacientes na Tamarineira se dá... principalmente... através do olhar e assim eles... sabendo que eles tão sendo olhados e escutados... se sentem fortalecidos e aí... te dão uma credibilidade pra poder assim... se criar um vínculo na relação... Acho que o olhar... e a escuta... é o que eu sinto... É através daí... acho que a relação vai sendo construída.

E eles vão fazendo junto comigo... a gente vai criando... Eles vão fazendo e a gente vai construindo junto... através disso... Eu comecei uma relação... através do simples olhar mesmo... um simples e forte não é?... que... muitos lá são esquecidos porque as pessoas já têm aquela certa... o medo de não chegar perto... de não...

Estou dizendo do preconceito sabe? O preconceito... de não estar junto por ser um paciente psiquiátrico e tal... tudinho... é louco, é doido... me dizem: "Agora como é que tu trabalha ali dentro? Como é que tu consegue? Não tem medo não?"... Digo: não.

Ai sei lá como é isso... tudo é tão forte... é porque... Logo no primeiro dia que eu disse... eu me lembro que eu tinha aula dia de sábado lá e eu morria de medo... acho que com medo

do desconhecido não é? O medo... me impedia... de ver o que é tão bonito lá dentro... do ser humano mesmo ali dentro... é feito criança... pra mim é feito criança... são crianças pra mim... É assim... é meio doido... mas são crianças que tão ali querendo atenção... claro...

E eu venci o medo... Fazendo.

Estando lá... e entrando em contato... escutando... conversando... aí foi que eu venci o medo e... já to há quatro anos.

Este medo eu senti também no contexto organizacional sabe?

Acho que agora é que eu aprendi... claro vencendo o medo... Não era uma coisa que eu não gostava... eu não queria... eu tinha medo de... uma entrevista... uma dinâmica e... como eu não tinha... segurança... eu não era segura daquilo que eu queria... não tinha certeza daquilo que eu queria... Mas como é que pode? Eu me formei em clínica... ta atuando na organizacional... trabalhando num hospital psiquiátrico com arte-terapia... então tava muito confuso na minha cabeça... Mas agora eu sei que as três coisas estão... se combinam e se completam... Então... eu vencendo o medo... que era justamente de ta numa sala fazendo uma entrevista... fazendo uma dinâmica... de ta ali atuando... A partir daí... eu comecei a ver que a organizacional tem muita assim... uma visão clínica... um olhar clínico ali... ajuda muito... porque aí eu vejo... do mesmo jeito... vejo o movimento... a escuta... então tudo ali... eu to atuando... sou uma coisa

só... não é uma Safira dividida... Tem os três momentos... mas os três momentos se completam... então, acho que... a partir daí que eu venci o medo de... estar atuando... seja em qualquer área... então... eu vi que assim... dá perfeitamente... pra atuar.

Estou dizendo que a formação que tive... até certo ponto... me deu chão pra trabalhar... pra ser psicóloga independente do local onde vou atuar.

Então a minha atuação.... que dizer... tem uma base e... essa base foi que me ajudou a ta atuando... Primeiramente eu me conhecer... eu acho que assim... a partir do momento que eu me conheci... me vi como psicóloga mesmo e atuando... seja em qualquer área... Mas eu acho que... primeiro me conhecendo e atuando... acho que a base de tudo foi a clínica pra poder... Me ajudou a fazer... essa caminhada... que eu to fazendo e que eu acho que ta.. indo bem.

To me sentindo muito bem fazendo isso.

As relações que eu tenho mantido... fizeram eu me reconhecer... me ver psicóloga... o que eu vejo das histórias... que eu escuto... que eu to fazendo junto com... foi assim que essa ficha caiu... Acho que na construção mesmo... que aí eu me vi assim... poxa! Então acho que é um caminho legal... um caminho bonito em que... a troca é muito forte... eu com eles e eles comigo... seja em qualquer área... Mas eu falo mais assim... no hospital porque lá... o contato é mais forte, mais denso... e mais duradouro também... porque eu

passo mais tempo lá... são todos os dias... Então assim... a construção de uma pintura é a construção de uma história que está sendo relatada ali... São as histórias deles que também fazem eu me reconhecer...

Quando eu falo de histórias... histórias que são... a minha história do ser psicóloga e as histórias de vida que são relatadas através de meu atuar clínico... clínico que eu falo por conta da escuta... por conta mais da minha atuação como psicóloga... Então eu me reconheço... mais fortemente através dessa construção das histórias de vida lá que são relatadas pra mim... da maneira como eles... e da relação que a gente vai criando. Não sei Janne se tá muito complicado porque... eu acho que a base de tudo... em eu me reconhecer como psicóloga... foi justamente a atuação mesmo... essa troca... essa troca... e a construção das histórias deles... histórias de vidas... histórias desse caminho mesmo...

Esse danado desse gravador me deixa agoniada (risos)... Sim... mas me pergunte vá... pergunte mais... (risos)

Ah! Não vai perguntar... pronto... então vou falar mais da minha história como psicóloga...

Eu vou fazer o seguinte... Primeiro a minha escolha... acho que partiu daí... a minha escolha por clínica... Eu sempre trabalhei... era estagiária de organizacional... trabalhava como estagiária... numa consultoria... e isso na época de... meio de faculdade... acho que no início de faculdade eu já vinha sempre indo pra dinâmicas, seleção,

treinamento... mas sempre com aquele papel de estagiária de ficar mais observando... e aprendendo, aprendendo, aprendendo... Mas eu fazia aquilo ali quase que... muito mecanicamente eu digo... que era mecânico mesmo porque eu não gostava... Quando chegou no final do curso de Psicologia... que aí eu me vi tendo que escolher a área... qual abordagem... pro estágio obrigatório... foi no estágio obrigatório... Eu disse: e agora? Trabalhei sempre nessa área de organizacional e não vou fazer organizacional? Como é que eu vou ficar?

As pessoas me cobravam... já trabalha nessa área... família principalmente não é? Mas eu disse não... tem alguma coisa que... Não! Não quero! Porque se eu escolhesse pra organizacional... eu não poderia depois fazer clínica... mas se eu escolhesse clínica que ia me dar uma base... poxa! eu disse: Não... eu quero... permear pelo lado da filosofia também... de estudar mais essa área e que a parte da clínica me possibilitava isso... então me daria uma base... a base vem daí... vai me dar a base pra poder... se eu quiser depois eu faço uma especialização em organizacional... em alguma... dentro do lado organizacional... eu poderia fazer isso... mas já ao contrário... acho que eu não poderia fazer... porque eu não ia ter a base... Eu disse: Não... sabe de uma coisa... vou fazer a clínica... Fiz a clínica... comecei a ler... a me interessar mais pela leitura... já que eu trabalhava também como artista plástica... então eu pensei: acho que através da arte eu posso... vai me possibilitar muita coisa assim... de

eu estar com o paciente... Aí eu já comecei a trabalhar... já tava trabalhando na Tamarineira... eu me formei trabalhando lá na Tamarineira... então eu fazia as duas coisas... só que fazia com muito mais amor a arte-terapia.

Até hoje sabe? Faço com mais amor a arte-terapia... Mas eu já gosto... hoje em dia eu gosto também... aprendi a gostar... A arte-terapia eu já gostava bem antes... Mas assim... aprendi a gostar da organizacional... por saber que eu ia ficar muito mais à vontade sabendo que... Fazendo... escolhendo a clínica... eu fiquei mais relaxada... Então a partir daí foi que eu vi que... Ah! Eu vou poder unir as duas coisas... aquilo que eu gosto... e aí eu fiquei mais a vontade... continuei trabalhando na organizacional... só que vendo que poderia usar a minha escuta clínica dentro da organizacional... e fiquei mais a vontade por conta disso... Então... o olhar clínico, a escuta clínica... isso me ajudou muito na organização... Aí eu comecei a aprender... Tipo: eu gosto mais da dinâmica... eu trabalho muito com dinâmica... então assim... a dinâmica como a arte também... me possibilita muita coisa... O movimento dos candidatos... o movimento dos pacientes... É o meu olhar que tá ali... que é o diferencial... eu acho... Então a partir daí foi que eu comecei a me interessar mais e vendo que... podia ficar mais a vontade... que essa história de clínica e organizacional... pra mim agora é tudo uma coisa só... porque Safira é uma só... não é? Então assim... meu estar presente é muito importante...

Pra poder... atuar bem... eu preciso estar bem também... pra que as coisas fluam com mais... naturalidade... Então... acho que foi daí... que eu comecei a ver... que tanto a Psicologia como a arte estavam... já estavam aqui dentro mesmo de mim e assim... Que bom! Era isso mesmo que eu queria... Quê mais? Que mais? (risos) E assim... estar numa entrevista ou numa dinâmica... quando eu fiquei mais a vontade... aí eu... poxa! O meu atuar como psicóloga... Acho que eu comecei me ver como psicóloga mesmo... quando eu aprendi a gostar... na área organizacional e... me soltei mais... numa dinâmica... Trabalho muito com sucata, com brinquedo lego, imagens... então assim... o candidato, seja pra estagiário, operador... seja qual for a área... acho que o meu... atuando na área da dinâmica, numa entrevista... Aí eu comecei me ver como psicóloga mesmo... E no hospital... acho que a partir do momento... por mais que assim... Eu estou lá como artista plástica... não estou como psicóloga... mas eu sou psicóloga... então o meu olhar e a minha escuta é como psicóloga não é? Mas lá eu não faço laudo, eu não faço diagnóstico, eu não faço... mas eu faço um registro do que foi que aconteceu... então o meu registro já era uma coisa... eu estava ali registrando não só o material que eu usei... que paciente participou... não. Eu já falava, já escrevia... a minha percepção do que aconteceu numa manhã ou numa tarde... Então assim... o movimento do paciente, a fala dele... a construção... a partir do que foi que eu vi... E me vendo lá

atuando... a minha forma de atuar dentro do hospital... eu via a diferença dos outros profissionais... que são... os técnicos de lá... que não... me via assim... a diferença... minha diferença de estar com o paciente... tipo: de ta junto com ele sem preconceito e sem aquela história de... ah! é porque é paciente... ah! é porque é louco... Não. Eu estava ali querendo saber dele sabe?!... a história dele... como ele ta... o lado humano mesmo.

Tudo isso aconteceu... quando pude ir me desprendendo do rigor das técnicas... fui entendendo que não precisa ser tão rigorosa ao usar as técnicas do trabalho na organizacional... Até porque eu nem... eu já nem gosto muito dessa palavra... Técnica.

Porque acho que técnica lhe prende... se você usar determinado material... determinada coisa... você vai ter determinado resultado... Eu não vejo muito por aí não... Ta... eu posso... usar determinados... Porque claro... dinâmica tem técnica... tem uma coisa... mas assim... eu não uso o rigor... não há... um rigor pra isso... porque se eu usar determinada técnica pra... trabalho em grupo, em equipe, pra ver a liderança de cada um... Claro! Aquela técnica do lego... da sucata vai me possibilitar... mas não que eu use necessariamente daquela forma... eu posso trabalhar com o material mas... Não tem que ser igual como o...

Não... faça assim pra você ter determinado resultado... não tem... Porque as pessoas são diferentes... o modo de ser

de cada um é diferente... Então quando eu me... soltei mais... sabendo que eu poderia usar a técnica, aspiado... a técnica... mas sabendo que aquilo ali era só... um instrumento não é? Aí... quando eu comecei a... me desprendendo mais desse negócio de... ah! porque a organizacional é muito assim... tipo: não é mais aberta... é mais fechada... porque faz teste pra ver determinada... Eu comecei vendo que não é só o teste... a escolha de um candidato... o perfil do candidato pra determinada vaga... não vai só de um teste ou dois testes... vai de uma construção... de uma união de N coisas... até a forma dele chegar na sala... a forma de falar... o movimento dele ali... eu vou tá observando todo o movimento dele... Então quando eu comecei vendo... Poxa! É uma coisa mais ampla... não é só... Então acho que meu olhar clínico... acho que vai ser... dar o diferencial daí... tanto é que eu conversava muito com minha tia que é psicóloga e ela dizia isso... "Safira a tua fala... o teu olhar é mais clínico mesmo..." E isso é bom porque vai possibilitar ter uma visão... mais aberta não é?... pra determinadas situações que... de repente fica uma coisa muito fechada...

E aí essa experiência... essa união... foi me deixando mais solta, mais livre.

Foi me deixando mais solta... mais a vontade... sabendo que eu não ia ser uma Safira dividida não é? E sim uma Safira só atuando nessa áreas...

Nem preocupada com os erros... Pelo contrário... os erros é que me possibilitaram... ver coisas que... se não tivessem acontecido... eu não ia construir isso em mim... E eu gosto dos erros (risos)... no bom sentido, claro não é! Tipo assim... Eu tenho até um exemplo... que no início lá da Tamarineira... tinha uma paciente que chegou... Até tenho esse relato... depois até vou passar pra tu... é... uma paciente que chegou... estava bastante eufórica... e estava braba... estava discutindo com um e com outro... eu disse: não! venha cá... quer pintar? Fui convidando a participar da atividade dentro do ateliê... lá no CAT... e aí... ela começou fazendo... ela sempre desenhava com lápis de cera... nesse dia eu botei tinta pra ela... ela pegou a tinta... jogou pra todo lado... melou a mão... e melou foi tudo... eu disse: meu Deus! Errei. Na hora veio assim... não devia ter usado a tinta... sabendo que ela tava daquele jeito... Porque que eu não usei o lápis? Porque? Mas foi justamente a partir daí que é a própria... durante a manhã... ela estava... pintou... pegou a mão melou e melou o papel, não sei quê... Pendure... bote na parede... Que a gente sempre bota todos os trabalhos que foram acabando... aí vai pendurando... fazendo uma exposição... E ela: "coloque na parede tia"... Me chamava de tia... eu disse: tá... coloquei... Quando foi no outro dia eu fiquei preocupada... Poxa! Não devia ter... piorei a situação... não sei quê... errei... Quando foi no outro dia ela chegou, olhou e perguntou assim: "Cadê meu trabalho?"... Eu disse: olhe

aqui... Aí eu botei junto... do lado de um outro dela... sendo de lápis de cera... Aí ela: "Puxa! Como eu tava nervosa nesse dia não foi?"... Eu disse: você lembra do que aconteceu?... "Lembro, eu realmente tava muito nervosa... olha aqui"... Quer dizer... ela conseguiu ver que através daquilo... o desenho possibilitou a ela que ela visse... a maneira como ela estava... Ela disse: "Ó aqui a diferença"... Então assim... junto com o outro desenho... possibilitou que ela visse... Poxa! Então... de repente esse erro não era erro...

Outra vez foi assim... eu querendo dar... um significado pro desenho dela... Eu disse: ah!... parece um sonho... E ela tinha feito um cachorro... depois fez como se fosse um arco-íris em cima... de lápis de cera... Ela: "Sonho? Ta doida é? Eu fiz um cachorro... aí não gostei risquei por cima" (risos) Eu disse: meus Deus! Lá vou eu... errei, errei de novo... Mas não... não errei... Através desses erros aspiados aí... que a gente... que possibilita a gente ver... trazer pro agora mesmo... e aí ela se deu conta... "Não, não é isso não... eu só quis fazer assim, assim, assado..." Eu disse: é, realmente... foi coisa minha aí... eu que achei que fosse um sonho... fui eu... eu que estou vendo talvez... na minha cabeça... Ela disse: "Não. Fiz um cachorro, não gostei e simplesmente risquei por cima..." Eu disse: ta ótimo... (risos) você não ta dizendo? Então ta dito. Então assim... essa construção... esse caminho que cada dia é uma coisa diferente... cada dia é uma novidade... isso eu vou

agregando... Então é uma construção mesmo... minha, particular... eu vou me fortalecendo através dessas... e me dando mais segurança... através dos erros... que me dá mais segurança.

Agora... os técnicos lá na Tamarineira... eles são... bem... preconceituosos... bastante. Sem citar nomes claro, óbvio... Mas tem psicólogo lá que tem nojo... não chega perto do paciente... vai lavar a mão... não chega perto...

E lá tem... assistente social, psicólogo, terapeuta ocupacional é... fisioterapeuta, educador físico, médico psiquiatra... Acho que são esses os principais... e os técnicos... e enfermeiros... aí tem os estagiários não é?... de enfermagem... e tem auxiliar.

Atualmente... são dois psicólogos... lá no CAT onde eu trabalho são dois... mas que não atuam... não fazem... é um trabalho muito... Eu digo que... os pacientes são mais sadios do que os funcionários (risos)... Os funcionários são tudo... Doidos são os funcionários... os pacientes não tem nada de doido não...

Eu nunca consegui trabalhar... fazer um trabalho em conjunto com eles... Já tive vontade mas... não tenho abertura pra isso sabe?

Não... tenho não... e assim... Estado... agora não é nem do Estado... porque agora municipalizou não é? Mas é uma coisa muito... típico aquela história... funcionário público... que ta ali pra dar um horariozinho e olhe lá... e ir embora...

Ao meu ver eles não fazem nada lá... (risos) É... estão lá... Agora assim... claro... no meu setor que é o CAT - Centro de Atividades Terapêuticas... é o meu setor... Agora tem os psicólogos dos pavilhões que nem lá no CAT... que é uma atividade que era pra ser em... conjunto não é?... Saber se o paciente foi, não foi... que foi que... ele participou, se não participou, como é que ele tava lá...

Não vão... Não vão.

Não tem nenhuma interação entre as equipes... não tem... Nem entre os psicólogos... não tem. Pois é... uma coisa muito doida ali. É assim...

Me sinto muito... incomodada... nisso tudo... acho que... eu faço o meu... porque eu sei que ali... estou fazendo o meu... estou junto com os pacientes... então acho que é a minha parte... Já falei... já tentei... falo do meu incômodo com o trabalho... porque se não se trabalha em conjunto... em equipe... sempre vai sobrecarregar o outro... Eu digo assim... numa manhã que eu passe lá... não era só pra ter a minha atividade com arte... era pra ter recreação... música... atividade de tapeçaria... com outros profissionais... Só que só tem eu... Os profissionais estão lá... mas não estão fazendo atividade... Aí isso me sobrecarrega... que eu to numa sala com 15, 20 pacientes... sozinha... não dou conta... Não dou conta no sentindo assim... de saber de cada um mesmo... de ter um trabalho mais, sabe?!... Mas eu faço... a atividade está ali sendo feita... as tintas, os pincéis... Me divide...

então eu saí sobrecarregada dali... No início... agora não tanto porque eu... acho que o dia-a-dia me faz... me deu mais experiência... que eu fui ganhando... Mas no início eu chegava em casa exausta... porque assim... paciente psiquiátrico lhe suga muito... dar atenção... de todo o movimento dele mesmo... Mas agora eu não saí tão sobrecarregada... Acho que o trabalho que eu faço lá dá pra... eu também não me sobrecarregar... também me usando da arte... às vezes pinto também junto com eles... até nisso também é uma forma... deles interagirem mais... me vendo pintar também... então facilita que eles se inspirem... Aí eu vou e ensino determinado tipo de pintura... as tintas... Mas sempre a escolha é muito deles... a cor que quer usar... o material que quer usar... eu não to lá impondo... Está aqui... o material é esse... quer pintar ou quer desenhar... que é que você quer fazer... Eu deixo eles muito a vontade pra poder dali se construir algo... Tem alguns que não gostam muito de pintar... não sabem pegar um pincel direito... tem mais facilidade com lápis... lápis de cera, hidrocor... tem uns que não querem desenhar... querem escrever... mas não sabe escrever... então... "Escreve aqui pra mim tia, eu vou te dizendo..." Eu digo: agorinha, vamos... Então sai muita poesia... cartas e mais cartas pro pessoal de casa... Eu acho que aprendi... cada dia eu aprendo mais e mais lá dentro com eles... é uma construção junta mesmo...

Não sei se fugi muito do foco que você está querendo... Mas até agora falei da minha ação... Acho que não fugi não... acho que não... acho que é isso...

Eu vou lhe dar um texto que eu fiz⁹... que é justamente a minha atuação lá dentro... Vou te dar... tu vai gostar... E esse texto eu coloquei lá... pra eles... e eles lendo é que é interessante... os pacientes... Eu fiz até esse texto... pra uma exposição minha... falando a respeito do meu estar com eles... como é que é... Aí tem uma hora que eu digo até assim: Catatônicos, dicotômicos, todos tônicos / fortalecedores da dor do ente / que quer paz ciente / daquilo que não faz... E o paciente ainda lendo aquilo ali... ainda botou assim: "A louca"... eu... a louca que tinha escrito não é?... Ele botou... (risos) "A louca"... Achei massa... deixei... Eu vou separar pra você... aí tem falando do meu atuar lá com eles... É isso.

⁹ Este texto se encontra no Anexo A.

3.3 Terceira mina: Entre-vista com Rubi



Você quer saber qual é a minha forma de atuar? Qual é a minha forma de agir como psicóloga?

Veja só... Quando eu me formei... a área que eu escolhi foi a clínica... Comecei a atuar com clínica e comecei a perceber que as questões que me chegavam na clínica... envolviam aspectos que a universidade não tinha me dado suporte teórico... nem técnico pra lidar com eles... Eu digo que o sofrimento, as angústias e tal... eram atravessados por questões ligadas à vida, à realidade... ao contexto, às condições concretas de vida daquelas pessoas... Foi quando eu resolvi fazer o Mestrado de Psicologia Social Comunitária... pra poder tentar entender um pouco mais essa outra dimensão do humano... vamos dizer assim... Eu fiz essa introdução... pra dizer que hoje eu continuo atuando um pouco com a clínica... Tive a experiência na Tamarineira... continuo acompanhando algumas pessoas na clínica e... tenho também esse trabalho de intervenção com comunidades... com grupos... Em qualquer um

desses espaços a minha atuação vai muito no sentido de tentar ver o sujeito... na sua integralidade... ou seja... compreender a subjetividade a partir de uma produção social... Quer dizer... aquele sujeito com seu modo de ser, de sentir... com as suas angústias, conflitos e tal... tudo isso eu vejo que só posso compreender de fato... se eu tiver a compreensão... conhecimento da realidade de vida dessa pessoa... Então... eu diria que isso seria o norte da minha prática... quer seja na clínica... quer seja numa intervenção psicossocial, comunitária... A preocupação de... primeiro me situar na realidade daquele sujeito... pra poder... a partir disso... tentar entender o seu discurso e a demanda que ele me traz.

Exatamente como um sujeito contextualizado... sabe?

Foi isso que eu senti falta na minha formação... Eu acho que isso tem mudado... como eu sou professora... até posso falar um pouco... eu acho que isso tem mudado... Mas na minha época... eu posso dizer que não tive quase que nenhuma disciplina que me permitisse ter alguma compreensão... de como o social, o político, o econômico, o cultural... interferem na subjetividade humana... e quanto é importante que o psicólogo se aproprie desse conhecimento... que ele tenha alguma sensibilidade pra tentar entender essas questões... e como é impossível você entender o mundo interno sem entender o mundo externo... digamos assim... Eu acho que hoje isso tem mudado... eu vejo colegas meus... professores... já há uma

preocupação... por exemplo: você não estuda mais... ou pelo menos tenta-se fazer com que não se estude mais A criança... como se existisse UMA criança geral e universal pra todas as crianças... por que não é assim... todas as crianças não são iguais... você não pode pensar... compreender e lidar com uma criança... vamos dizer... que mora no Alto do Mandú... uma criança de baixa renda... de periferia... que tem condições específicas de vida... lidar e compreender do mesmo jeito de uma criança de uma classe social mais favorecida... existe obviamente questões que são comuns... mas cada um precisa ser visto na sua singularidade.

Não sei se estão conseguindo fazer isso...

Mas eu acho que hoje em dia há uma sensibilidade maior pra isso... Hoje em dia os alunos de Psicologia têm disciplinas como Sociologia, Condicionantes Sócio-Culturais do Comportamento, Cultura e Subjetividade... Na minha época... muito mal... a gente tinha uma Psicologia Social dentro de uma modelo bem norte-americano... aonde você estudava... percepção social, motivacional social, estereótipos... grupos, lideranças... parecia umas gavetinhas que iam puxando... entende? Eu acho que isso tá mudando... eu acho que a gente ainda tem um caminho pra percorrer... mas eu já noto... muitas diferenças da minha época pra agora...

Bom... vou te contar duas historinhas pra você entender como eu percebo essa questão do sujeito contextualizado atravessada na minha experiência...

As historinhas são assim... elas é que foram os dispositivos que me mobilizaram pra buscar entender um pouco mais sobre isso... Uma... é a historinha de um cliente que eu tinha... que tinha uma vida assim... O cara trabalhava... primeiro ele era recém-casado... isso na clínica... ele era recém-casado... não tinha muita grana... vivia na casa da sogra que infernizava terrivelmente a vida dele... trabalhava... era jornalista... trabalhava num jornal desses que quando você torce sai sangue... e ele trabalhava como repórter... então ele estava constantemente sendo chamado... no "Morro Tal" houve um assassinato, não sei quantas facadas... Eu digo: Meu Deus do céu! Esse cara lida diariamente com sofrimento... com a morte... com a perda... Tem uma vida assim... terrível... não tem espaço, não tem autonomia... é muito difícil que se possa ter saúde... que se possa viver bem com essas condições não é?!... Eu acho que tem mais coisa aí... não é só um Édipo não resolvido... ou um conflito com... sei lá... uma rivalidade fraterna... os nossos conceitos... mais do mundo psi... Esse cliente foi uma das coisas que me fez começar a pensar... que tinha mais coisas entre o céu e a Terra do que supunha minha vã Psicologia... (risos) E a outra coisa foi um artigo que eu li de uma psicanalista que fazia uma síntese... uma pesquisa... que ela tinha desenvolvido junto as populações de periferia... onde ela tentava compreender a relação mãe e filho... E ela se dizia muito impressionada com o que ela chamava de...

desamor... conteúdos até mesmo agressivos dessa relação... haja visto, por exemplo... que é uma prática comum as mães amarrarem seus filhos na cama... pra poderem sair de casa... pro trabalho... ou qualquer coisa do tipo... E eu fiquei me perguntando porque é que tinha tanta mãe errada? Será que todas essas mães que fazem isso tem... uma imagem materna... uma identificação com essa figura não muito bem resolvida... problemas nessa relação com a mãe... não introjetou bem... Eu comecei a achar que tinha mais coisas aí que a gente precisava entender... O quê que levava essas mulheres a ter que tomar esse tipo de atitude? Então eu digo que essas duas histórias foram histórias assim... muito significativas na minha vida... porque começaram a botar... vamos dizer... algumas minhocas na minha cabeça... no sentido de que eu comecei a ver que eu tinha que tentar abrir mais a minha visão não é?!... pra entender o sujeito... se eu queria realmente entendê-lo.

Agora vou te contar um pouco da minha história profissional... o que eu já fiz e o que estou fazendo agora...

Eu comecei com clínica... aquela clínica tradicional sabe? Fiz clínica durante um tempo... digamos assim... uns 4 anos... e gostava... mas eu diria que eu não era tão apaixonada como eu sou por exemplo... pelo ensino... e por essa prática de intervenção com grupos... comunidades... É uma coisa que me fascina mais... Na clínica eu gosto mais de trabalhar com os psicóticos... eu acho mais interessante do que os neuróticos...

Sabe qual é a grande diferença? O que eu percebo de diferente?

É que é uma coisa que me mobiliza mais... Eu acho interessante lidar com a loucura... acho que a loucura descortina pra gente muitas vezes outras possibilidades de existência... É meio doido isso que eu to colocando... você tá gravando... Mas eu acho assim que... o louco... ele é muitas vezes alguém que denuncia a loucura na qual a gente tá vivendo... entende?... eu acho mais rico o trabalho com psicóticos...

Deixa eu continuar minha história... Eu estava na clínica... aconteceram essas coisas... esse incômodo... e foi quando eu resolvi fazer o Mestrado... e aí quando eu voltei do Mestrado... eu comecei a trabalhar com comunidade... na época havia um estágio na Universidade Católica e eu comecei a trabalhar com supervisão... e no projeto em uma comunidade... nisso aí eu acho que levei uns 4 anos da minha vida... Foi quando eu comecei a descobrir qual era meu lugar na Psicologia... meu lugar realmente era esse... o social... a comunidade... a intervenção psicossocial... Pronto... daí pra cá... eu me descobri professora... me descobri mesmo... é uma coisa que eu faço com amor... eu adoro ensinar... quando me pergunta a minha profissão eu digo que sou Psicóloga e Professora... porque eu acho que é uma profissão... muito árdua... e muito difícil... mas muito valiosa... e acho que é um trabalho que obriga a gente a estar sempre se revendo...

mas não vou falar muito de ser professora porque não é o caso... não é o seu interesse aqui no momento não é? Bom... e atualmente eu trabalho assim... eu faço alguns treinamentos... eu dou capacitações... eu trabalho junto a movimentos sociais... às vezes eu trabalho por uma solicitação de algum órgão público... por exemplo: eu já fiz capacitação pra psicólogos que atuam em postos de saúde... comunidades de periferia... eu já dei capacitação pro pessoal que atua em projetos sociais... projetos de cooperativas... Então... hoje eu trabalho assim... ou seja... eu tenho a questão da universidade... eu acompanho... A minha clínica hoje ta muito reduzida... na verdade eu acompanho... uma pessoa que foi cliente minha... uma pessoa que precisa de um acompanhamento... porque já teve várias internações e tal... Tenho... ta lá o consultório... mas eu não abro pra atender mais... até porque não tenho tempo realmente... que a universidade e esses trabalhos me ocupam demais... Então hoje a minha vida é um pouco por aí... eu trabalho com ensino e intervenções...

Em todas as atividades que já realizei... algumas que continuo realizando e outras não... mas quando minha prática atravessa todos esses locais... eu reflito se há alguma diferença na minha atuação sabe?

Na Tamarineira eu to de licença sem vencimento... Eu sinto que hoje sou uma profissional muito mais madura... com muito mais conteúdo... com muito mais segurança naquilo que eu

faço... nas coisas que eu digo... do que eu era uns anos atrás... entende?... Eu... na verdade não vejo muita diferença... Engraçado... essa questão me fez pensar nisso agora... eu nunca tinha tido... esse insight... eu vou... engraçado!... Eu acho que a experiência de sala de aula... também me possibilita uma intervenção psicossocial no sentido de que... quando eu trabalho por exemplo com comunidades... eu trabalho muito na perspectiva de... possibilitar os sujeitos questionarem... se questionarem... Quem eu sou? Que mundo é esse que eu to vivendo? Que lugar eu ocupo nesse mundo? Porque é que eu ocupo esse lugar? Sujeitos se questionarem sobre os comportamentos... os valores... as concepções de mundo que eles têm... e o quanto eles estão reproduzindo coisas que foram... como é que eu diria... coisas nas quais eles foram modelados não é?... determinados padrões que são impostos pela mídia e por várias outras... agências sociais... Então a intervenção vai muito nesse sentido... de permitir aos sujeitos questionarem essa padronização... essa modelização... poderem conquistar uma autonomia... tanto no sentido... sociológico quanto psíquico... se livrar de determinismos... tanto sociais quanto psíquicos... E aí... eu vejo que em sala de aula... na relação com os alunos... eu tento muito ter essa postura também... entende? Eu acho fundamental que a sala de aula seja um espaço pros alunos começarem... tentarem... pensar com a própria cabeça... construir suas próprias idéias... questionar... verdades estabelecidas... pensar o

lugar que eles ocupam no mundo... eu tento fazer muito isso em sala de aula com os meus alunos... Então eu acho que... de qualquer maneira... não há... um corte... Eu tenho a minha atividade de professora... acho que em todos os espaços eu sou psicóloga e professora e sou Rubi... uma pessoa... um indivíduo... ta entendendo?

Exatamente porque as coisas não estão divididas em mim...

E até porque o trabalho de intervenção não deixa de ter também um aspecto educativo não é?... entende? Então eu acho que eu não to tão esquizofrênica assim... foi ótima essa conversa... porque eu comecei a entender... que as coisas não são tão compartimentadas... Na verdade eu acho que... quando a gente vai ficando mais velha... já viveu mais... já tem mais quilometragem rodada... mais experiência... velha no sentido de experiência... porque eu me acho um broto ainda... (risos) Eu acho que... na verdade o que... unifica tua prática... é o sentido que você dá a ela... é a perspectiva... política... ética... que norteia a tua prática... o sentido que você quer dar a ela... Eu conto muito essa história na sala de aula... daquele filme lindo: "Diário de Motocicleta"... aquela cena do Che Guevara... quando ele atravessa o rio a nado... pra comemorar o aniversário com os leprosos... Eu me emocionei... chorei que só um bezerro desmamado naquela cena... que eu achei a coisas mais linda... Poucos dias depois Jurandir Freire publicou um artigo na Folha... fazendo uma reflexão sobre o filme... principalmente sobre essa cena... aonde ele

dizia que todos nós na vida... precisamos fazer essa opção... de que lado... de que margem do rio você quer ficar... qual é a margem do rio onde eu vou me colocar... principalmente nós profissionais... a gente precisa fazer essa opção... qual a margem do rio vai ser a nossa... Eu acho que é por aí... quando você descobre qual é a margem do rio...

E eu acho que descobri a minha sim... Acho não: eu descobri. Eu sei qual é a margem do rio que eu quero ficar... entende? Obviamente é uma margem onde eu não vou ficar muito rica... (risos) Mas eu acho que minha vida tá tão boa... assim... não preciso ter muito mais do que eu tenho... tá bem... eu to feliz com o que eu faço... Eu poderia estar em outras áreas... fazendo outras coisas e ganhando muito mais dinheiro talvez... entende?... mas eu acho que não é isso que define o prazer da profissão.

Diante de tudo que te falei... depois desse insight que tive... (risos)... sabendo que não é nada compartimentalizado... que é uma Rubi só que está em todos os lugares...

Pra mim... o sentido da minha ação... acho que é o sujeito... Se eu enquanto psicóloga vejo que a minha função é no sentido de produzir vida e saúde... promoção de vida... e de saúde... eu acho que as pessoas têm tanto mais saúde... ou possibilidade de ter saúde... e saúde no sentido bem ampliado... quanto mais consciências elas tiverem de seu lugar no mundo... de quem elas são... e quanto mais elas se sentirem

sujeitos da sua vida... da sua história... do seu devir... entende? Então eu acho que esse é o sentido que eu vejo na minha atuação... é buscar isso... pra mim e pras pessoas com as quais eu lido... seja na universidade... seja nas comunidades...

Essa é a mensagem que minha experiência me trouxe... pra mim e pras outras pessoas...

É o que eu tento passar... Agora... pra chegar aqui... foi muita história não é?... muita... Houve um momento na minha vida assim... que eu... comecei a me perguntar se eu era psicóloga? Foi. Não que em algum momento eu tenha me desgostado da Psicologia... mas é que às vezes eu me sentia uma estranha no ninho... mas isso faz muito tempo... Eu digo: Meu Deus!... Eu acho que as minhas questões... as minhas indagações... elas estão muito mais no campo da Sociologia do que da Psicologia...

Isso era porque eu me comparava com outros psicólogos... sabe?

Até que eu comecei a descobrir os meus parceiros... as pessoas que tinham preocupações e angústias parecidas... até que eu descobri a Psicossociologia... e comecei a ver que eu não tava louca não... até que eu descobri a Psicologia sócio-histórica... quer dizer... abordagens dentro da Psicologia que buscam resgatar essa idéia da integralidade humana... e que não dá pra entender o subjetivo sem entender o objetivo não é?... que um repercute no outro...

Mas em nenhum momento eu pensei em desistir... Não.

Mas foi muito caminho percorrido... muito estudo... muita leitura... Eu nunca deixei de estudar também a Psicologia... por exemplo: eu fiz grupo de estudo de psicanálise durante muito tempo... eu fiz formação em dinâmica de grupo e terapia de grupo... Porque na verdade... eu acho que fiz muito o caminho de... buscar... Eu quero uma Psicologia que me dê a chance de trabalhar sentindo que eu to fazendo alguma coisa pra transformar as pessoas e pra tentar transformar o mundo também... pra ter uma ação no mundo... Tu tais entendendo mais ou menos o que é que eu to dizendo? Ah! Eu fiz muita coisa... eu fui estudar somaterapia... pra ver se era por ali... porque a somaterapia trazia muito essa coisa da repressão... eu andei por muitas estradas até que eu descobri que na Psicologia Social eu podia realmente me encontrar... e eu podia descobrir também uma clínica que não fosse... ta me faltando a palavra agora... que não fosse... separada... vamos dizer assim... do social... a clínica social...

E em nenhum momento dessa viagem eu parei de atuar... hora nenhuma... sabe?

Esses questionamentos estavam sim na minha prática... Eu tenho comigo uma coisa assim... quando eu começo a fazer uma coisa... aí eu começo a ler sobre aquilo... Vou dar um exemplo pra ficar mais claro... quando eu comecei a trabalhar na Tamarineira... que eu fiz concurso... sou concursada... quando eu comecei a trabalhar... aí eu digo: Mais menino, eu não to

gostando! Eu acho que tá faltando... O pessoal ria muito...
mangou muito de mim... porque eu comecei a ler anti-
psiquiatria sabe?... Eu digo: eu vou pra anti-psiquiatria pra
ver o que é que eles dizem... aí eu fui pra anti-
psiquiatria... fui pra psiquiatria democrática italiana... pra
a experiência da Itália... da desinstitucionalização e não sei
quê... entende? Eu tenho um pouco esse jeito assim... eu
começo e aí eu digo: Eu tenho que ler mais... eu acho que isso
que eu sei não tá bom ainda... não tá bastando... Eu gosto
disso... eu acho que isso é legal... porque te leva a
descobrir outras possibilidades... descobrir outros teóricos
que você não conhecia... e que eu não tô doida sozinha...

Então só fechando essa coisa que eu tava dizendo de... a
gente sempre tá se percebendo incompleto não é?... Eu acho que
isso é uma coisa muito boa pra qualquer profissional... e eu
acho que isso também é uma conquista da maturidade... acho que
isso é um ganho da maturidade... você poder reconhecer que por
mais que você imagine que saiba... sempre tem coisas que você
não sabe ainda... não é?... essa curiosidade... que eu acho
que as crianças têm... que às vezes quando a gente vai
envelhecendo perde... Acho que a maturidade verdadeira
significa também não perder isso... entende?... e isso pra mim
é uma aprendizagem muito boa da minha prática...

Da Rubi como um todo... pessoa, profissional, psicóloga,
professora... sabe?

Exatamente porque... eu sou muito curiosa...

Tanto da minha experiência quanto da experiência de outras pessoas...

Teve uma ocasião que eu me escrevi pra fazer um concurso... Não... primeiro foi assim... me convidaram... Houve uma seleção na Federal... pra professor substituto... aí eu fui... fiz a entrevista... pediram pra fazer uma plano de aula... eu fiz o plano de aula... e passei... aí disse que não podia... Pouco tempo depois teve um concurso mesmo... oficial... pra professor mesmo e tal... aí me escrevi... e no dia da prova eu não fui... eu tava em casa... aí liga uma aluna minha que tava trabalhando lá na parte burocrática... "Rubi ta todo mundo aqui te esperando pra começar a prova"... Eu digo: valha-me Deus! Me desculpe, mas eu não avisei porque achei que se eu não chegasse... E aí eu fiquei me perguntando porque é que eu não fui nessas duas vezes... eu acho que tem a ver com a seguinte questão: primeiro com a coisa de que... eu comecei na Universidade Católica... eu to completando esse ano 29 anos de Universidade... e eu sinto a Universidade meio como minha casa... apesar de algumas coisas não é?... eu gosto da universidade... Mas tem uma outra coisa também que acho importante... eu poderia por exemplo... ter 20 horas na universidade... mas eu acho que eu não gostaria de ter 40... porque eu não quero ficar 40 horas dentro da universidade... eu quero ficar 20 na universidade... e o resto fazendo outras coisas... entende? Então eu sempre to fazendo alguma outra coisa... Eu acho que é importante a gente estar sempre tendo

alguma prática... porque é isso que vai revitalizar o ensino... Você poder falar a partir do que você leu, do que você estudou... mas também do que você viu, do que você viveu ou do que você tá vivendo... Então por exemplo: agora eu tô numa pesquisa com adolescente... eu tô lá na escola... fazendo oficina com os adolescentes... ouvindo os adolescentes... e isso me traz muito material pra levar pra sala de aula... pra discutir com os alunos... eu acho que isso é fundamental... você não perder... É um pé na universidade e um pé no mundo lá fora... porque isso vai ter dar elementos...

Você mesmo já me disse que percebia que a discussão de textos não era tão empolgante... já a discussão de casos deixa todo mundo vidrado... parece que aproxima da vida, do cotidiano, do dia-a-dia...

É... exatamente isso... Não sei se não pode haver uma Psicologia sem a prática... Mas no meu caso... eu acho fundamental que eu esteja sempre fazendo alguma coisa... tendo algum tipo de intervenção na realidade... porque isso vai me permitir trazer uma experiência vivida pra sala de aula... isso vai me permitir rever os meus conceitos... e isso vai me permitir aguçar minha curiosidade... aquela história que eu estava dizendo: ah!... eu tenho que ler mais sobre isso... tá faltando... não tô sabendo... entende? É por aí.

3.4 Quarta mina: Entre-vista com Esmeralda



Você me diz que cada psicólogo tem uma forma de agir, uma maneira de trabalhar... e me pergunta como é minha forma de ser psicóloga? Qual é a minha forma de atuar? Qual é minha maneira de agir como psicóloga?

Veja... eu quando fiz o curso de Psicologia... naquela época estava... no auge... Rogers... Então a minha formação foi rogeriana... mas a gente tinha duas formações... e a outra foi industrial... naquela época chamava industrial e não organizacional como hoje... Então eu fiz um estágio de quinhentas horas na clínica... e fiz trezentas horas na indústria... aí eu comecei a trabalhar na indústria... só que na indústria ficava oito horas e meus filhos ficavam sozinhos... o dinheiro era bonzinho sabe?... mas eu... um dia cheguei aqui em Recife... dia 16 de julho... dia de Nossa Senhora do Carmo e quando a condução começou a entrar em Recife eu falei: Meu Deus! O que é que está acontecendo? Ta tudo parado? Tudo fechado?... Aí que eu me dei conta que era

um feriado e eu tinha trabalhado o dia todo... E meus filhos?... Eu chegava muito cansada e eu não tinha vontade de estudar... não era uma coisa agradável e... eu trabalhei acho que... um tempo... Meu orientador em clínica era... Lúcio Flávio Campos... foi o orientador de várias pessoas... Ele era o tampa em Rogers... tanto assim que ele trouxe Rogers pra cá e tudo... e eu me apaixonei... queria fazer... queria ser rogeriana... só que não deu certo... Eu fiz muitas críticas à minha formação... e achei que não era o momento... Muita gente abriu consultório... aquela coisa toda... e eu achei que não era pra fazer isso... Então fui fazer mestrado... e surgiu a oportunidade de eu substituir o professor Mário Caridade na FESP... e eu fui pra FESP e... fui fazer o mestrado... e lá no mestrado começou a área de cognição... Psicologia Escolar... me apaixonei e estou até hoje não é?!... Então veja... eu dou assessoria a uma escola já há muitos anos... Comecei trabalhando com aprendizagem de matemática que é o nozinho da aprendizagem... e as minhas crianças agora gostam demais de matemática... Então veja... eu não sou matemática... sei pouco de matemática... mas é a aprendizagem de matemática... atitudes em relação a matemática... aprendizagem e atitude são conteúdos de Psicologia... Acho que meu maior prazer é saber que todas aquelas crianças adoram matemática sabe?... eles gostam de matemática... A gente tem uma gincana de matemática... eles demonstram... participam e... é uma coisa linda! Pra mim é lindo.... sabe?!... Umas pessoas dizem que eu

sou meio maluca... porque minhas crianças desde a educação infantil... três anos... quatro anos... já falam em vértice... aresta... uma monte de coisa... Eles trabalham com projetos... e nos projetos... eles fizeram um trabalho sobre aves... que aves têm bico... então: "Porquê que um objeto rola e outro não rola?... Porque tem bico... Ah! Mas bico é pra passarinho... pra galo... É igual ao bico dos passarinhos?... Não... Então vamos botar um nome bonito: vértice"... e eles falam vértice... São pequeninhos e falam: "cico"... quer dizer: o círculo... eles não sabem o nome direito mas falam... É super interessante! A gente trabalha também com... uma ficha em que eles acabam trabalhando o sistema numérico decimal... Começa... por correspondência... compra e venda de objetos... Bem pequeninhos... então eles dizem que vão pro cinema... eles vão assistir vídeo... e eles têm que pagar... eles pagam com o dinheiro da escola... com as fichinhas... então eles têm um preço no cartaz... e eles tem a carteirinha... que eles tiram as fichinhas e pagam... Eles vão pro pátio... tem uma casinha... tem vários brinquedos... então eles pagam pra ir em cada um daqueles brinquedos... com dinheirinho... Isso tudo é uma imitação da vida fora... mas o que ninguém considera... é que na teoria diz que as crianças por volta de dois anos... têm um desenvolvimento imenso da linguagem... então se lê muita história... veja que hoje se lê história mesmo quando a criança ta na barrigada mãe não é?... então a literatura é trabalhada... mas não se lê nada de paradidático de

matemática... Se você pegar as listas dos colégios... as escolas mandam comprar dois... três paradidáticos... então eu pergunto: tem algum de matemática?... e todas as mães dizem: "Não! E isso existe?"... Existe... mas ninguém põe sabe?... Então... lá não... a gente faz leituras paradidáticas de matemática... pras crianças adquirirem o vocabulário... Então veja... vértice... ângulo... uma série de conceitos... eles não têm o conceito... eles têm a palavra ainda só... o vocabulário... e isso a gente está consciente certo?... Eu não quero que as crianças.... obrigá-las a saber o conceito... Mas porque só literatura e não matemática? Não faz parte da vida também? Eu sei é que é uma coisa que me dá muito prazer certo?... eu faço há muito tempo lá nessa escola... Meus alunos já ganharam medalhas... teve um que já foi pra olimpíada internacional... A olimpíada de matemática... ela ocorre todo ano... é uma prova de quatro horas... que tem quinta e sexta séries... sétima e oitava... primeiro grau... são agrupados os períodos sabe?... Os grupos são grandes... eles se inscrevem... geralmente depois das primeiras provas vão sendo reduzidos... mas a gente já teve um que foi pra olimpíada internacional... de física também... mas eu falo de matemática... (risos) É um prazer... é uma coisa tão gostosa quando eu fico lá... e também as crianças gostam sabe?... É super interessante... elas já me conhecem... Quando eu comecei o trabalho... alguns mostravam certa hostilidade... Um menininho filho de uma professora... um dia conversou comigo

no recreio... ele disse: "Por tua causa... agora só tiro um e dois." Eu falei: Minha causa? O que foi que eu fiz?... "É porque antes... no livro de matemática tinha assim... a gente aprendia a lição... era um monte de problema de adição... agora eu não sei o que ela vai dar! Eu não sei a conta que faz!" Isso foi no começo... as mudanças não é?... porque realmente é assim... que é montado o livro não é?... Lá na escola não se usa essa seqüência... elas têm que ensinar vários conteúdos com orientações que eu dei... e a escola adotou... Mas eu tenho uma vantagem... que a dona da escola considera que se a criança souber matemática e português... ela consegue estudar história, geografia, ciências... e depois vai servir pra física, química não é?... a matemática... Então... é uma vantagem que eu tive e... foi uma coisa assim... muito boa pra mim... E eu acho que eu cresço muito com as professoras... quando eu trabalho com as professoras da pré-escola... antes era pré-escola... agora é educação infantil... eu vejo como elas desenvolvem... a emoção sabe? O carinho que elas tratam as crianças... Quando eu passo pro ensino fundamental... eu vejo essa quebra certo?... os desenhos mudam... Agora é cognição... não é mais brincadeiras... Então eu conversei com a dona da escola... a gente ta fazendo um trabalho já há um bucado de tempo... junto com os professores de educação física e artes... pra desenvolver a emoção não é?... Então... jogos... vários jogos... os desenhos também... eu chamei a dona da escola pra

gente ver os desenhos... como mudam... pra quebrar um pouco essa passagem... E eu vejo ainda uma passagem de quarta pra quinta série também... outro problema que a gente precisa trabalhar... uma série de fatores... professores... essa coisa toda... outra quebra... No ensino médio aí... quebrou tudo!... Que a gente começou o ensino médio com a mesma linha que a gente vinha... e não estava dando certo... porque tem que preparar pro vestibular... o pai quer... a criança quer... então no ensino médio não dá... Mas é uma coisa apaixonante... onde estou sabe? Naquele meio assim... muito paparicada... eu sou paparicada mesmo sabe?... é aquele carinho... aquele afeto delas... então eu me sinto... melhor como pessoa... às vezes eu esqueço que sou a mentora delas não é?... porque realmente foi a formação... formando aquelas professoras todas... Tem meninas que agora são professoras da escola e foram alunas da escola... então... pelo gosto da matemática... você precisa ver o que ela cria! Ela cria coisas que eu fico impressionada! E ela vem me mostrar com aquele entusiasmo sabe?... Então eu sinto que eu fiz alguma coisa boa...

Senti muita culpa também sabe? Um dia eu fiz... na Universidade Federal... capacitação de professores da rede pública... municipal e estadual... então a gente tinha todo começo de semestre... acompanhava as escolas... aquela coisa toda... começou em 78, 79... não vi melhora nenhuma em matemática... Eu trabalhei também com alfabetização... deu um pouquinho de resultado... por conta da novidade com Emília

Ferreira... O que for novidade... o que for diferente... que elas não saibam... elas vão tentar aplicar... mas matemática é aquela atitude negativa sabe?... Acho que é por isso que eu fiquei... porque muita gente começou a trabalhar com português... linguagem... Emília Ferreira foi assim... abriu portas... pra muito psicólogos trabalharem... E matemática ninguém gosta... é difícil certo? Eu fiquei nessa área de matemática... Trabalhei também com ciências... aprendizagem de ciências... já é diferente... o campo é muito amplo... tem biologia, física, química... um monte de coisa... então não dá... era muita coisa pra eu me perder... aí fiquei mesmo com matemática... Um dia eu ia passando pelas salas... e as salas têm as vendinhas... compra e vendas que eles fazem... e a professora estava vendendo... confeitos... tinha umas pastilhinhas pequenininhas... e a professora estava sentada no chão... elas fazem roda... a escola é muito limpa... é muito bonita sabe?... a professora disse que tinha comprado a pastilhinha por 20 centavos e ia vender por 40 centavos... eu fico passando nos corredores... ou no recreio... que eu fico ouvindo a aula... pra não interferir... que as crianças sempre falam: "Bom dia professora... como vai?"... aquela história toda... Então... eu vi uma menina dizer assim: "Como você é ladra!" Eu falei: Épa! Que é que ta acontecendo aqui... deixa eu ver... Aí quando eu entrei na sala eu disse assim: Que é que ta acontecendo? Ela disse: "Olhe! Ela está vendendo uma pastilha que ela comprou por 20 centavos... por

quareeeeeenta... ela ta cobrando 100%." Aí a menina estava dizendo que a professora era uma ladra... porque ela aumentou 100%... e eu falei: Como é que você sabe que é 100%? Ela disse: "Olhe! Se ela pagou 20 e está cobrando 40... é 100% que ela está tendo de lucro"... Aí eu me senti muito culpada sabe?... eu entrei numa depressão... porque eu pensei assim... Tinha sido feito uma avaliação com professoras pra trabalharem com alfabetização de adultos... pela prefeitura do Recife... e tinha um item... onde tinha uma reta... e eles deveria aumentar aquela reta 50%... então as professoras aumentaram a reta até o fim da página certo?... tinha uma outra que elas deveria diminuir... marcar onde ficaria 50% menor... então... foi assim... um desastre sabe?... eles não têm noção... de porcentagem... Então eu pensei: Meu Deus! Meus alunos na segunda série sabem... já têm uma noção... e eles aqui fora não têm.... os professores não têm... Eu trabalhei tantos anos com a escola pública... e essa escola já é diferenciada... Quer dizer... a diferença cresceu muito mais... dos pobres da escola pública pra essa... E fiquei alguns dias... pensando... pensando... depois de refletir muito eu pensei: pera um pouco... a mesma coisa que eu ensino aqui... não é porque aqui me pagam... e lá também me pagam certo?... mas eu não recebia tanto quanto nessa escola... Mas... eu dava a mesma aula... eu ensinava do mesmo jeito... o que acontece é que lá não existe um compromisso... não existe uma pessoa que tome conta... A dona da escola particular toma conta... e ela quer um ensino

de qualidade... Mas eu senti que eu estava contribuindo pra aumentar a distância das crianças da escola pública com a particular sabe?... Depois eu vi que não é minha culpa... que eu não posso fazer nada... Eu fiz muito... não vi melhora nenhuma... Agora o governo colocou os alunos da escola pública pra fazerem olimpíada... está quase que cerceando o de escola particular... os prêmios são só pra escola pública... uma série de coisas... Mas a gente vê que não está tendo... quer dizer... existe muita propaganda... mas o ensino mesmo está devendo muito... Bem... mas é uma coisa que eu sinto prazer... Agora... a vida toda... desde 76 que eu dou aula pra Psicologia. Como psicóloga meus atendimentos foram poucos... por pouco tempo... eu achei que a formação deixou muito a desejar... a gente tinha muita prática... mas foi quase como dinâmica de grupo... o professor fazia... e a gente participava... Só que quando chegou a minha vez de fazer... eu não sabia fazer... não tinha uma fundamentação teórica... não tinha um objetivo pras tarefas... não tinha... faltou alguma coisa... Com essa tomada de consciência... eu achei que não devia me arriscar... certo? Na organizacional que eu me dediquei mais... tinha mais... acho que... conhecimento... também não me satisfez por conta do horário... a jornada de trabalho... Depois que eu fiz o mestrado... me apaixonei pela Psicologia Cognitiva... pela aprendizagem... mais ainda por aquilo que era difícil pros outros sabe?... Pra mim a matemática sempre foi fácil... porque não partilhar também

isso? Tornar as coisas mais fáceis... Acho que é isso... tornar mais fácil pros outros... foi isso que eu me apaixonei... foi isso que eu fiz.

Te digo que deixei pra traz a Psicologia clínica e a organizacional... o retorno do que faço é muito gratificante.... Vou te contar como foi a construção de minha experiência....

Olhe... quando eu atendia meus pacientes... a minha preocupação era: está dando resultado? Estou sendo uma profissional? Ou estou aqui só ouvindo? Sem usar umas técnicas? Ou sei lá... a minha preocupação era: estou ajudando como pessoa... mas eu não precisava ser psicóloga pra ouvir as pessoas certo? Não estava satisfeita com meu trabalho como clínico... no organizacional não... eu tinha consciência das coisas que eu fazia... se bem que tinham algumas coisas que eu discordava... Eu fui... acho que em 74... 75... não sei... bolsista da CAPs... na tese de livre docência de um professor da Federal... O governo tinha colocado que quem já trabalhasse muito anos dentro de determinada área... poderia fazer uma tese de doutorado... defendia... se tornava doutor... Então a Universidade Federal deu um prazo... o governo também... e vários profissionais fizeram... Então... Alba Guerra fez... doutor Paulo Rosas fez... vários professores... Aí eu trabalhei com um... ele trabalhava com teste... na área de orientação vocacional há muito anos... e ele fez a tese dele... Era sobre... se os testes psicológicos eram preditores

de sucesso na universidade... Então... quando ele me chamou pra ser bolsista dele... eu trabalhei acho que um ano e meio mais ou menos... trabalhei muitos testes... e fiz muita correlação... foram aplicados testes em todos os alunos da Universidade Federal... em todos os cursos... Menina! Era um salão de testes... todo mundo corrigia... aquela coisa toda... e pra mim coube fazer as correlações... a IBM emprestou uma máquina naquela época... porque os computadores eram imensos não é?... uma máquina que fazia correlação... era quase como aquelas máquinas antigas dos supermercados sabe? E eu fazia as correlações entre os testes... Então aprendi... que pra você escolher teste... você tem que saber a correlação entre eles certo? E quando eu cheguei lá na indústria... Na sexta-feira se colocavam anúncios no jornal... na segunda se fazia uma seleção... marcava uma pré-seleção... depois marcava pro... funcionário vir fazer os testes... Menina! Era uma fila imensa... era um rodízio muito grande nas indústrias... nós fazíamos a aplicação do teste... a correção do teste... era um dia pra aplicar... um dia pra corrigir... um dia pra encaminhar... pras áreas... pros setores... depois vinham comparecer... depois a gente encaminhava pro setor médico... depois pro departamento pessoal... era um trabalho mecânico... Eu sabia fazer... mas na hora de escolher os testes... era pelo nome... Era aquela história: ele vai ser engenheiro? Então pega esse, esse e esse... E eu: Ah! Meu Deus do céu! Você amarra o burro onde manda... o chefe é ela... acabou não

é?... Então eu fazia... mas assim... não era uma coisa gratificante...

Então veja... a primeira eu sentia que não estava preparada... a segunda eu estava preparada mas tinha que fazer o que o chefe mandasse... não podia discutir nada... porque afinal é chefe... você pode ter preparo... mas ele não tem paciência não é?... Também a extensão com eu já disse... a carga horária de trabalho era muito alta... o espaço que tomava da minha vida era muito grande...

E quando eu fui fazer o mestrado... que eu comecei a trabalhar... com as professoras... eu senti... que eu tinha coisas que elas precisavam... e que eu era capaz de fazer isso certo? Então foi muito gratificante pra mim... E não sei... acho que essa hora foi que deu o estalo... Então veja... eu comecei pela alfabetização... comecei em 79... a Emília Ferreira veio pra cá... a gente tinha o conhecimento dela... e traduzia os textos em espanhol... o mestrado ainda era novo... então não tinha gente formada em alfabetização... Menina! Eu adorava o trabalho que eu fazia sabe?! E eu conseguia fazer... dava a teoria... a explicação da Emília Ferreira... e conseguia fazer paralelo à prática... As professoras se apaixonavam... porque elas diziam: "Ela não dá só isso... ela diz como a gente tem que fazer"... elas me diziam assim... Então foi uma coisa muito gratificante... houve muitas mudanças... foi ótimo!... Então era uma coisa que eu levava... elas precisavam... e a gente conseguia interagir... certo?

Quer saber como eu me sentia neste momento? Livre pra criar... não só criar... Comecei a fazer trabalhos de extensão... Eu fui fazer uma palestra em Campina Grande... e tinham umas meninas novas de Boqueirão... Elas me contaram uma história... o padre de lá pediu que uma pessoa... porque o padre de lá era francês... então pediu a uma pessoa pra vir... pra ajudar aquelas famílias... a fazerem uma agricultura... alguma coisa... e chegou uma engenheira com uma carta... e o padre não sabia ler... que era a indicação daquela pessoa pra fazer o trabalho... de agricultura... do Ministério da Agricultura... Então ele chamou a professora pra ler... a professora era analfabeta... Eu achei muitas professoras analfabetas... mesmo aqui por perto sabe?... Itapissuma... Igarassu... que só sabia o nome dela... Essa não sabia ler a carta... Então essas meninas iam de uma cidadezinha próxima pra lá... pra poder ler a carta... fazer essas coisas... Aí comecei a dar orientação e a coisa pegou fogo... era aquele entusiasmo... Veja: é você se sentir útil... que valeu a pena... que você estudou e que você é capaz... e que as outras pessoas estão se apropriando daquilo... acho que isso é que foi maravilhoso pra mim... Aí depois acabou mal... tinham nove vereadores... sete eram analfabetos... que ameaçaram as meninas de morte... Eu escrevia cartas dizendo como elas trabalhavam... porque foi assim: os meninos começaram a ler... e os pais quiseram... a engenheira incentivou os pais... mas aí as meninas foram ameaçadas de morte... e elas me

escreveram... pra eu parar... não mandar mais nada... esse é o nosso Brasil... Que esbarra nos interesses políticos...

Bem... eu fui parar na universidade...

Comecei a trabalhar em 76... Os alunos dizem que eu sou muito brava... Outro dia eu disse assim pra uma aluna na festa de formatura... uma das pessoas que falou no dia da culto ecumênico... na hora que eu entrei eu disse assim: Eita! Aquele menino foi meu aluno... depois ele disse: que naquele momento era hora de agradecer a Deus... aos pais... aos professores... que ele queria aproveitar pra agradecer a uma professora... porque a formatura dele na Federal tinham oito alunos só se formando... Então ele disse: "A professora Esmeralda... eu gostaria de agradecer a ela... Ela continua brava do jeito que era?" (risos) Aí eu perguntei... depois que terminou: Mas olha só... eu era brava? Ele disse: "Não. Você é muito exigente." Mas isso foi por conta da minha formação... eu descobri que eu não sabia nada de teorias psicoterápicas... que o que a gente aprende não é uma teoria psicoterápica... e quando eu aprendi o que era teoria... eu vi que o que aprendi não era teoria psicoterápica... eu não aprendi... uma série de coisas eu não aprendi... Eu queria que meus alunos não saíssem como eu... Eu fui uma das melhores alunas... (risos)... que eu era responsável... estudiosa... aquela coisa toda... estudava pra valer... aí eu era exigente... em termos de estudo... Eu comecei em 76... substituindo Mário caridade e não parei mais... Mas eu trabalhei em São Paulo 11 anos como

professora... quando eu vim pra Recife... eu vim de licença por um ano... eu era funcionária do Estado em São Paulo... Aí esse ano foi pra dois... quando foi pro terceiro... o diretor disse: Não. Falou que eu pedisse exoneração... Então eu vim por um ano só... o primeiro ano foi de turismo... No terceiro eu disse: Ah! Não dá pra ficar sem fazer nada não é?... Aí foi quando eu comecei a estudar... fazer outras coisas... e fui sempre professora... como professora foi o que eu me aposentei... que continuo sendo... gosto... Mas gratificante mesmo... é quando você encontra alunas... Por exemplo: outro dia na Vozes encontrei uma aluna... me beijou, beijou, beijou... e eu fiquei: Meu Deus! Olha o que o homem aí tá pensando... eu levando tanto beijo... A menina estava agradecida... que saudade... e que não sei o quê? Isso é bom... é gostoso não é?... Mas aquela gratificação de me sentir assim... plena... é com as crianças... com as professoras... com a dona da escola... o respeito não é? Você ser uma pessoa respeitada... é diferente... São prazeres e satisfações diferentes... mas eu gosto de tudo... por isso que eu to na universidade... (risos)

A Esmeralda psicóloga não está presente na universidade não... é professora mesmo de TEP... das disciplinas que todo mundo detesta... TEP que é logo a primeira... que é horrorosa... mas que eu domino por conta daquele estágio que eu fiz em 76... que eu fiz naquela época... Eu fiz algumas coisas com um professor daquela época pra poder trabalhar em

pesquisa... mas o professor não queria não... ele era muito assim... desconfiado sabe? Depois é que ele me chamou pra trabalhar na Federal... ser assistente dele no mestrado... Mas eu sempre trabalhei como professora... eu gosto de ensinar... gosto... Agora sou exigente... A minha preocupação... é quando os alunos forem fazer... pra não quebrarem a cara como eu quebrei... Eu passei a maior vergonha do mundo... vou contar isso pra você... foi assim: eu fui uma das melhores alunas... nunca fui a primeira... fui uma das melhores... entre as cinco... seis... tava por aí... Na aula de dinâmica de grupo... o professor dividiu a turma em dois... disse que a gente tinha duas notas sete... que não precisava se preocupar... que o que ele fazia era dinâmica de grupo... então a gente chorava... a gente se abraçava... a gente se beijava... dizia os problemas todos... foi ótimo, lindo e maravilhoso... Aí na época de Rogers... as indústrias que tinham aqui no Nordeste traziam pessoas do sul pra fazer dinâmicas... Geralmente eram os chefes... aqueles que ocupavam gerência... ocupavam os cargos mais altos iam pra um hotel que tinha ali em Boa Viagem... A gente ficava o dia todo... havia dinâmica de grupo... respeito ao outro... crescimento... essa coisa toda... Aí um grupo de São Paulo indicou meu nome... e uma moça me chamou pra ser entrevistada... ela perguntou se eu tinha feito dinâmica de grupo... relações interpessoais... eu disse que sim... então ela perguntou: "Qual foi a concepção de homem que o professor trabalhou?" Eu disse: Olha! Não

trabalhou... "Quais foram as técnicas que ele deu pra vocês? Os objetivos e o desenvolver?" Dois semestres e eu nunca vi nada disso... Menina... se tivesse um buraquinho no chão eu tinha me escondido sabe?... passei uma vergonha... Aí eu falei: Que diacho de psicóloga é que eu sou?... Então veja... eu tinha consciência que faltava alguma coisa pra eu trabalhar com meu paciente... e eu tinha consciência que faltava alguma coisa pra eu trabalhar fora... naquele momento eu não tive consciência não... foi assim... páh! Na prensa. Então... como eu era professora... eu comecei a ser exigente... pelo menos o que eu der... eu sempre me preocupava: O que o aluno vai precisar como psicólogo? O que ele vai precisar pra aplicar um teste consciente? O que ele tem que desenvolver em pesquisa? Qual é a lógica? Isso tem lógica? É coerente sabe? Acho que passa mais por aí... Então foi assim que eu fui fazendo meus caminhos... e que eu não sei quando vai parar viu (risos) Eu tenho intenção de ficar mais uns dois anos só... depois acho que vou fazer trabalho voluntário sabe? Como psicóloga...

Quando eu me aposentei a primeira vez... eu pensei em trabalhar num trabalho voluntário... mas naquela época estava dando sérios problemas... porque as pessoas diziam que... a gente ia trabalhar como voluntário... depois de dois anos entrava na justiça querendo dinheiro não é? Até que eles arrumaram uma lei aí... que regularizaram e ficou melhor... e ficou mais fácil... mas aí eu já estava trabalhando de novo...

Eu hoje me sinto realizada na minha atuação... acho que foi a melhor escolha que eu fiz... foi uma coisa boa que aconteceu na minha vida certo? Eu digo que eu fui muito privilegiada... Deus me abençoou lá em cima e vive me protegendo sabe? Fui muito privilegiada mesmo... eu agradeço a Deus todo dia... E na hora da ginástica tem um movimento que estica assim... na hora que eu levanto as mãos assim... (mostra as mãos abertas ao alto)... Eu digo: Meu Deus obrigada por mais um dia... pelas sensações... pelas coisas boas que me acontecem... depois a gente tem um outro exercício assim (mostra como se estivesse se abraçando)... eu fui abençoada mesmo... porque eu não queria fazer Psicologia... Não era minha primeira opção... não.... foi uma coisa assim... pra eu me ocupar... sabe? Depois me apaixonei... me apaixonei... Eu pretendia voltar pra São Paulo... mas aí me apaixonei... E foi e ainda é uma coisa boa... Olha: eu acho tão lindo... tão lindo... Resolução de problemas é uma área da Psicologia Cognitiva super interessante... não é resolução de problemas de matemática... é resolução de problemas... tem as complexidades... tem os diversos problemas... Tem dois americanos... por sinal um deles... são três... um deles ganhou um Prêmio Nobel... ele é fisiólogo e psicólogo... ele estuda as células do olho do gato... como decompõe a imagem que recebe... eu sei que ele ganhou o Prêmio Nobel em Psicologia... um psicólogo viu! E aí... eles criaram um problema pra ver no computador... quando começou a surgir o

computador você poderia apagar algumas informações pra ver como o computador iria reagir... Então ele dá pras pessoas resolverem esse problema... são dois nomes... cada letra tem um valor... não pode ser letra repetida... pererê, parará... e você dá pra pessoa ir resolvendo... e ele vai falando... Então eu acho lindo quando ela vai resolvendo e eu vou identificando: aqui está generalizando... aqui está discriminando... aqui está usando a memória longa... Eu acho isso fascinante sabe? Pra mim é uma coisa... não sei... é um prazer tão grande... e eu sou capaz de fazer isso... Eu ensino pros meus alunos... eles acham que é besteira... mas pra mim não... pra mim é um prazer imenso... A primeira coisa quando eu vejo... resolvendo algum teste... alguma coisa... alguma tarefa... eu sinto onde está a dificuldade do aluno... eu percebo... isso pra mim é fascinante... eu poder ajudar... Não é aquele ajudar de... não sei... é uma coisa assim... é um prazer fazer o outro crescer... é isso... Como psicóloga é isso que eu acho... mais... saudável.

Tem grandes diferenças entre a Esmeralda da universidade e a Esmeralda da escola... Veja... tem duas escolas que são assim... os alunos são completamente diferentes... eles gostam da escola... então você é querida... é um ambiente gostoso... você navega naquele ambiente... Na universidade... acho que por conta da minha disciplina... já é mais difícil... eu sou aquela pessoa braba... não sei quê... Depois que passa... quando os alunos me encontram aí por fora... a coisa muda...

mas durante... o processo é difícil... trabalhar sendo rejeitada... tendo um abaixo assinado dizendo coisas que não eram verdadeiras... Então isso magoa... você fica pensando assim: Meu Deus! Queria tanto o bem dessas pessoas... queria que elas crescessem... e olha como leva não é?... Teve uma senhora semestre passado... que ela me disse que eu não gostava dela... agora ela é uma pessoa muito difícil de aprendizagem... então eu tentava fazer com que ela entendesse... e ela achava era que eu estava implicando com ela... Ela dizia assim: "Você não me acha simpática... você não simpatiza comigo." E por mais que eu fizesse... eu tentei desistir... mas se eu desistisse ela não ia conseguir nem metade... Outros professores disseram que ela era limítrofe... que eu tivesse paciência... não sei quê... mas você sendo limítrofe... você tem que dar uma puxadinha... você não vai largar porque ela é limítrofe e vão passando não é? Então tem locais que eu me sinto bem... eu sinto quase igual na minha escola certo? Minha escola... vê... (risos) e tem outros lugares que não... que eu acho que eu sou... uma coisinha irritante... e eu percebo isso... e eu sinto isso...

Isso acaba interferindo na qualidade do que eu faço porque o estímulo é diferente... eu tento fazer da mesma forma... Mas veja... eu consigo soltar piadinha... fazer brincadeira... ser engraçada num lugar que você pode ser... No que você não pode... você já tenta se controlar mais... você tem que prestar mais atenção... controlar sua censura... seu modo de

falar... às vezes de uma palavrinha pode surgir... um buuum... como diz meu neto... bomba... Então eu acho que a maneira de agir mais livre ou menos... vai depender da situação em que você está não é? Se você sente que você é querida... que você é bem aceita... você se larga... Se você sente que você é rejeitada... que você... está só atrapalhando... Eu tento fazer do mesmo jeito o meu trabalho... mas que já é mais difícil é!

4 A-CON-TECIMENTO DA EXPERIÊNCIA

Já conhecidas a minas e suas pedras através dos relatos apresentados por cada uma delas, é chegado o momento de tecer algumas significações junto com a teorização. Assim, os contextos das minas são referência para toda e qualquer articulação teórica, estando no "entre" das experiências narradas, estando longe de qualquer conceitualização apriorística. Este espaço do "entre" corresponde ao campo de afetação e construção de significado sentido na inter-relação entre a pesquisadora e as minas pesquisadas.

Como pretendemos apontar uma compreensão/sentido destas experiências em ação, clareando possíveis modos-de-ser-psicólogo, optamos por não fazer significações a partir de recortes das narrativas de cada mina. De outro modo, pretendemos que os seus contextos (já conhecidos) sejam tomados na unidade que possibilita compreensão.

Portanto, os possíveis recortes das narrativas presentificados neste mesmo outro momento, apontarão para significações, articulações e teorizações possíveis, que irão compor/tecer reflexões e sentido acerca dos diferentes modos de atuação de cada mina, em seus diferentes contextos já explicitados.

4.1 Tecendo com Ametista

Do grego *Amethystos*, Ametista significa “não bebido”, “não ébrio”. Esta significação se deve, provavelmente, às lendas mitológicas sobre o surgimento da pedra. Conta-se que a pedra Ametista foi o resultado de uma discussão amarga travada entre os deuses Baco¹⁰ e Diana¹¹.

Dizem que Baco queria conquistar a bela Ametista, e Diana, para não perder sua ninfa-serva fiel seguidora, não permitiu. Transformou Ametista em um cristal transparente. Baco, então, cheio de remorso, derramou um cálice de vinho tinto sobre o cristal, dando-lhe a cor violeta. Conta-se, ainda, uma segunda versão para este mito: Baco, descontente com seu povo, decretou que a primeira pessoa que cruzasse seu caminho seria devorada pelos seus tigres. Ametista teria sido esta pessoa. Ao perceber-se diante de um trágico fim, Ametista invocou a proteção da Deusa Diana. Diana, para protegê-la de Baco e de um triste destino, transformou Ametista em uma pedra pura e branca. Baco, arrependido ao saber do ocorrido, derramou sobre a pedra um cálice de vinho tinto. De fato, a pedra no estado bruto tem a cor roxa em toda a superfície, mas, em sua base, a tonalidade é leitosa.

¹⁰ Deus do vinho e da fertilidade, Dionísio (nome grego), não representa apenas o poder embriagador, mas também influencias benéficas, sociais e transformadoras; era tido como o promotor da civilização, legislador e amante da paz. Também está associado ao amadurecimento dos frutos sendo, de todas as divindades, a mais próxima do homem. (BULFINCH, 2000)

¹¹ Deusa da Lua, Artemis (nome grego), era uma poderosa caçadora e protetora das cidades, dos animais e das mulheres.

Enquanto pedra preciosa, Ametista está associada ao nascimento. É a pedra mais valiosa do grupo dos quartzo; é o símbolo do pensamento pioneiro e da ação. Também é a pedra da realização das metas pessoais. Diz-se que, usada junto ao pulso, protege contra a saúde ruim, revigora a fé e atrai paixão e esperança. Seus cristais crescem, sempre, sobre uma base.

Na narrativa, Ametista aponta uma semelhança no seu atuar. O suporte, antes próprio de sua atuação no hospital, agora passa a ser reconhecido enquanto também pertencente ao consultório.

[...] no hospital [...] é uma abordagem mais de apoio [...] é... diferente do consultório... [...] minha forma de atuar é essa escuta e nesse suporte [...] trabalho mais por aí... [...] no consultório [...] é tudo no tom da palavra... com a voz... No hospital não... (AMETISTA).

A palavra também toca, assim como sua mão, cuidadosamente o cliente/paciente. Só que no hospital, ela toca aquele que vai morrer. Me pergunto: que será que eles despertam nela?

Na inter-relação Ametista-cliente-paciente, há um trânsito de lapidações favorecendo à vida. Em outras palavras, Ametista experimenta, ao ser tocada, uma possibilidade outra para sua existência. E oferece, ao tocar, uma possibilidade outra de significação na experiência-existência de seus clientes/pacientes. Neste via de mão dupla, lançada na

multiplicidade, Ametista revela a metabolização de sua experiência.

[...] percebo que no hospital eu toco mais... [...] eu fico mais perto do cliente é... eu tenho que tocar às vezes... agora... isso com muito cuidado... [...] mas que lá no hospital eles precisam ser tocados com minha mão... [...] no consultório não... acho que é de outra forma... [...] acho que esse meu toque é com a palavra... [...] no consultório. (AMETISTA).

Ametista rompe, mais uma vez, com o enquadre imposto como lugar do psicólogo clínico. Imagina-se que o clínico é aquele que atende apenas no consultório. A depender da perspectiva ou abordagem da Psicologia, a qual o profissional se identifica ou se filia, o enquadre e os padrões estabelecidos variam. Mas, de forma geral, o que se pensa de um psicólogo clínico (no atendimento ao adulto) é que ele esteja num consultório, sentado numa poltrona e disponível para escuta, caracterizando, assim, seu "agir clínico".

No caso de Ametista, ela segue fielmente os padrões ditados pela perspectiva teórica que ela escolheu para seguir. Porém, a experiência vivida no hospital rompe com esta barreira, convocando-a para uma afetação mútua. Na abertura de sua experiência, Ametista é surpreendida e pode refletir acerca de possíveis confusões sobre os lugares do psicólogo clínico, como aponta Figueiredo (2004, p. 57-58):

a primeira confusão diz respeito ao lugar [...] outra diz respeito à clientela [...] finalmente,

caberia assinalar a confusão que diz respeito ao regime de trabalho.

Seria, portanto, um equívoco pensar no psicólogo clínico como sendo um profissional que teria seu fazer restrito aos enquadres situacionais. Bem como, também, é um equívoco, segundo Pompéia (2000, p.20, aspas do autor), achar que o lugar da terapia é "o lugar onde são apreendidos os valores, as normas e mesmo as 'dicas' que uma pessoa deveria seguir na eventual solução de uma situação difícil". Assim, o acontecimento de uma terapia, onde estaria contido a atuação do psicólogo clínico, nem sempre é o lugar onde se "trata" de questões difíceis, apontando "soluções mágicas", mesmo levando-se em consideração o que Ametista relata:

[...] todo mundo que inicia uma terapia vem por alguma questão de... dor... por... em fim... diversos problemas... [...] difícil a gente chegar numa clínica... [...] porque ta tudo bem na vida... é num momento de reflexão... alguma coisa tem aí que não ta muito bem... [...]. (AMETISTA).

Enquanto pedra preciosa, Ametista é lançada no processo de mineração. Seus cristais fincados no solo são arrancados pelo apelo emergente e urgente do minerador (paciente/cliente). Ela começa a sofrer um processo de lapidação e, neste momento, ela é uma rocha sedimentada em suas bases e seus cristais revelam um violeta profundo na superfície.

A compreensão sobre a necessidade de tocar fisicamente os pacientes/clientes chegou, para Ametista,

no dia-a-dia... na demanda... eu percebo que pelo momento que eles estão passando... no momento de diagnóstico de uma doença... que a gente sabe que ta muito ligada a morte não é?... o câncer... algumas vezes a gente tem pacientes que têm uma possibilidade terapêutica boa e consegue... curar.. e outros não... [...] (AMETISTA).

O cotidiano lhe traz outra novidade: o contato direto com a morte física. Enquanto ser-no-mundo-com-outros, ela começa a iluminar a existência humana como projeto, lançado para a morte. A impossibilidade de toda possibilidade de vir-a-ser, geradora de angústia constitutiva, característica ontológica do ente. O consultório a afasta do envolvimento angustiante de ser projeto; o hospital a aproxima.

Ametista recebe um chamado invocando-a para o confronto, na alteridade radical, com o ser-para-a-morte. "O estranhamento do chamado e silenciosa invocação, bem como aquilo para o que nos convoca, convergem no fenômeno do poder-ser próprio atestado por essa voz da consciência". (NUNES, 2004, p.23).

O ser humano "sabe" que vai morrer, que pode falecer a qualquer momento, portanto, diante desta constatação, cada um tem a possibilidade de significar toda a sua existência, pois "estar a caminho de/caminhar para sua própria morte impregna e molda toda a sua existência". (INWOOD, 2004, p.87).

Ao se deparar com a angústia que emerge diante da possibilidade de não mais ser, Ametista ilumina sua atuação e abre-se para a inovação de realizar uma ação diferenciada no

cotidiano de seu ofício. Esta angústia reflete o medo do NADA, ou seja, o medo existencial que limita toda possibilidade de ser e abre para o desconhecido/velado.

Tocar, no sentido heideggeriano, é uma unidade inquebrável e constitutiva do ser-aí (existencial), porque possibilita o "ir ao encontro de". No caso de Ametista, a facticidade do estar junto com os pacientes no hospital, se apresenta enquanto possibilidade e abertura para o estar-com o outro numa relação prático-compreensiva que pode clarear o sentido da co-existência.

Existencial, na perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana, se refere às estruturas que compõem o ser do homem, encontrando desdobramentos na pre-sença e a partir da existência. Em outras palavras, a pre-sença (Dasein, ser-aí) é a abertura, o poder-ser que possibilita compreensão.

Pre-sença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural [...]. É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser a sua existência, a sua história. (HEIDEGGER, 2004 (a), p. 309).

Ao ser lançada na experiência hospitalar, Ametista se depara com a facticidade do diagnóstico que "comprova" a possibilidade do morrer. Este diagnóstico é um elemento contingente a ela mesma, aos pacientes/clientes e à situação que eles vivem, impulsionando Ametista a realizar uma atividade que possibilite um melhor confronto de ambos com o

resultado “médico-científico” comprovado. “[...] eu pego pacientes às vezes num estado muito... vulnerável.. precisando de carinho... de apoio [...]”. (AMETISTA).

A angústia diante do morrer físico continua impulsionando Ametista na direção da autoria/criação de seus modos-de-atuação. No caso, o TOCAR carinhoso emerge na tentativa de amenizar essa angústia presente no “entre” de sua relação com os pacientes/clientes.

[...] Uma coisa muito interessante foi... escutar esse sofrimento do hospital e vir pra clínica... [...] Não sei se eu vou conseguir explicar um pouco... esse meu sentimento... Agora que eu to no hospital e na clínica... a clínica se tornou mais leve... [...] é sofrido... [...] Mas quando eu saio do hospital... [...] chega dá uma... [...] é uma coisa bem mais leve... porque o sofrimento da clínica é uma coisa bem mais leve do que o sofrimento do hospital... [...] o lidar com... o paciente terminal... com a morte... é muito difícil... [...]. (AMETISTA).

Neste momento, Ametista dá um forte suspiro de pesar. Pesar no sentido de pesado mesmo. O sofrimento que a afeta no hospital, a angústia frente a revelação da dor física, se apresentam com uma objetividade chocante a que ela tenta resistir. O apelo do ser-com, do ser-aí, a convoca para uma disponibilidade frente à alteridade com o outro como motor de diferenciação.

O que sempre importa é a nossa disponibilidade para a alteridade nas suas dimensões de algo desconhecido, desafiante e diferente; algo que no outro nos obriga a um trabalho efetivo e

intelectual; algo que no outro nos pro-pulsiona e nos alcança; algo que do outro se impõe a nós e nos contesta, fazendo-nos efetivamente outro de nós mesmos. (FIGUEIREDO, 1993, p.93)

Ametista, pedra preciosa, pelas mãos do minerador, começa a ser tratada/lapidada na tentativa de se descobrir novas facetas. Esta ação também possibilita, segundo Houaiss (online) tornar uma pessoa melhor, facilitando seu aperfeiçoamento. Normalmente a pedra preciosa perde mais da metade de seu peso na lapidação. Apesar disso, ganha muito em valor.

Ao defrontar-se com a alteridade, com a diferenciação inrropida no seu cotidiano, Ametista aponta para uma sutil diferença entre uma preparação teórico-prática de um fazer e a responsabilidade de estar experienciando um modo outro de ver-se atuando.

[...] eu fiz o curso de Psicologia Hospitalar... eu era oitavo período... nono período... [...] Na faculdade a gente tinha uma cadeira só... e eu queria viver o hospital... e queria fazer estágio na clínica também da faculdade... e aí eu fiz essa opção... Então eu sabia já como era hospital... como era lidar com isso... mas quando a gente vai pra prática... sendo psicóloga do setor... então isso tem uma responsabilidade... [...]. (AMETISTA).

A apropriação teórica, através de conceitualizações, juntamente com a preparação prática de suas técnicas, possibilitaram à Ametista um conhecimento intelectual sobre o ambiente hospitalar.

Ametista adquire, no decorrer de sua formação, um conhecimento explícito, ou seja, um conhecimento objetivador que se torna possível através de representações, conceitualizações e teorias. Também durante a sua formação, ela tem a possibilidade de praticar as técnicas aprendidas teoricamente, de incorpora-las ao seu fazer e saber de ofício, experimentando e utilizando seu conhecimento tácito. Porém, o cotidiano de sua atuação no hospital, desvelou para Ametista que a mera articulação entre estes conhecimentos, tácito e explícito, não são garantia de um conhecimento totalitário sobre a existência. A experiência desvela e vela facetas ao mesmo tempo, no momento do seu acontecimento.

Ao assumir a responsabilidade de seu ofício, ao estar experienciando o ambiente hospitalar, Ametista depara-se com a facticidade da existência diante do ser-para-a-morte. Diante desta facticidade, enquanto projeto, o ser-para-a-morte desvela-se como projeto de vida.

Experienciando é entendido, aqui, no sentido apontado por Gendlin (1962 apud MORATO, 1989, p. 77) como um adjetivo relativo

a um sentimento da pessoa enquanto está tendo uma experiência; é como um fluir contínuo de sentimentos com alguns conteúdos explícitos, algo dado no campo fenomenal de cada pessoa.

A palavra utilizada no gerúndio, experienciando, para Gendlin (1962 apud MORATO, 1989) refere-se a um movimento,

ação, a algo que está ocorrendo, maneira de processo, a uma fluidez no modo como são sentidas as experiências vividas. Outro termo que também é bastante empregado é experienciação, na tentativa de preservar este sentido de estar acontecendo, movimento, ação, maneira de processo. Tanto experienciando, quanto experienciação estão sendo utilizados, aqui, sob esta significação atribuída.

Neste contexto, Ametista parece duas (consultório e hospital) em sua atuação, porém o experienciando no hospital está lançando-a em uma significação outra de sua experiência em ato. A incorporação desta significação revela, para Ametista, que a existência é ambígua, múltipla, plural, mas caracterizada por uma unidade indivisível, portanto, a dualidade não é, necessariamente, oposição. Consultório e hospital encontram-se próximos na unidade que é a experiência/existência de Ametista.

Ametista é a uma pedra muito durável, seus cristais podem assumir diversos tamanhos e formatos a depender do tipo de lapidação. Os especialistas afirmam que ela é ótima para o uso diário, por sua dureza, mas isto não é suficiente para garantir que a pedra não sofra riscos. Dependendo da atividade em que a Ametista está sendo utilizada, estes riscos podem alterar sua formação original, proporcionar irregularidades, fraturas na superfície e até a quebra da pedra. Alguns destes riscos podem desvalorizar economicamente a pedra, outros,

porém podem torná-la ainda mais genuína e, portanto, economicamente valorizada.

O experienciando de Ametista, na situação do hospital, parece que está apontando para ela o sentido de sua existência, ao perceber-se como ser-para-a-morte, lançada diante da angústia.

Ametista ainda não compreende o que está acontecendo, se desvelando para ela na situação do hospital. Ao narrar sua experiência, esta compreensão começa a ser elaborada através da linguagem. "Experiência, linguagem e situações estão assim inerentemente conectadas (GENDLIN, 1973, p.286), conduzindo, assim, a significados sentidos". (MORATO, 1989, p.82-83).

[...] agora, traz muitas reflexões... pra mim [...] é que a gente tem que aproveitar a vida sabe?... porque eu lido todo dia... pelo menos 6 horas por dia quando eu chego no hospital... com essa perspectiva de morte iminente... pra amanhã... [...] então isso que ta se refletindo... é que a morte... ela ta muito próxima mesmo sabe?... me reflete é que eu tenho que correr mesmo... ir atrás de meus objetivos... [...] tem que viver momentos de prazer sabe? [...] Antigamente... antes de ir trabalhar lá... [...] não tinha esse contato com a morte como eu tenho hoje... e isso faz essa reflexão... que a gente tem que [...] viver... [...]. (AMETISTA).

Ametista, agora, aparece como uma mesma outra, significando sentido para a vida que encontrou no hospital, que para ela é o lugar de acontecimento e encontro com a morte. Ametista, então, lapida seus clientes/pacientes cuidadosamente, recebendo e oferecendo vida.

[...] o experienciando, referido como um sinal corporal de um processo de sentimento, pode ser evidência objetiva de um momento subjetivo, e, assim, é o encontro da objetividade e subjetividade no qual uma intersubjetividade constitui significados privados que podem ser comunicados e compreendidos como válidos. (MORATO, 1989, p.80)

Neste momento reflexivo, Ametista está atribuindo significações para a própria existência; ela é compreensão na co-existência.

[...] eu considero que [...] tenho aproveitado mais meus pais... minha mãe... [...] a minha família... Isso trouxe uma reflexão bem... bem forte sabe Janne?... não sei até quando eu vou continuar pensando nisso... mas em fim... [...]. (AMETISTA).

A experiência de Ametista está nas frestas de sua prática, conduzindo-a ao encontro com o modo-de-ser autêntico, lançando-a na busca daquilo que lhe é mais próprio. Ela está significando sentido para sua vida a partir da condição co-existencial.

Estar no modo autêntico é ocupar-se de si para si mesmo e de si para com o outro, no sentido de cuidado (*sorge*) que é uma condição fundamental da existência. Deste modo, a autenticidade "retira" o ser-aí do campo da impessoalidade (inautenticidade), lhe conferindo um modo-de-ser-no-mundo-com-outros fiel ao próprio eu que age, assim, por conta própria. Mas, não é possível viver todo tempo nesta autenticidade, segundo a perspectiva fenomenológica da Analítica Existencial

hedeggeriana. O campo da inautenticidade é "a condição normal da maioria de nós na maior parte do tempo, e sem ela não poderíamos tomar nenhuma decisão". (INWOOD, 2004, p.39).

A inautenticidade está nos padrões culturais, nas normas sociais, na língua de um povo... Portanto, os momentos de autenticidade e inautenticidade estão em constante movimento, são dinâmicos e um não exclui o outro. O ser-aí autêntico não pode ser

totalmente absorvido pelo presente nem pelo passado nem pelo futuro imediato. O Dasein autêntico olha prospectivamente para sua morte e retrospectivamente para seu nascimento e, indo além de seu nascimento, para o passado histórico. (INWOOD, 2004, p.84).

A temporalidade contida na autenticidade é o tempo do Dasein, da experiência, da existência. Já a contida na inautenticidade é a temporalidade cronológica e geral que permite classificar o ontem, o hoje e o amanhã. É um tempo impessoal, intra-mundano, que serve para todos aqueles que estão inseridos num determinado contexto sócio-cultural.

Ametista, enquanto Dasein, entra em contato com um modo autêntico de existir, abrindo uma clareira, iluminando compreensão e sentido para o seu existir. Ela está sendo lapidada, transformada em uma outra mesma pedra. Como ela se tornará? Ainda não é possível definir. Neste momento ela pode sofrer alterações de cor, formato, tamanho... até ser novamente reconhecida em sua preciosidade.

Ao relatar seu percurso profissional, Ametista o faz bem objetivamente. Ela traçou, desenhou, planejou um percurso e o seguiu fielmente. Aqui ela fala prospectivamente sobre a profissão e relata a multiplicidade dos fazeres psicológicos, nos diferentes lugares que constituem diversas combinações, ou, nos dizeres de Figueiredo (1993, p.90) "diferentes versões" e estilos de atuação do psicólogo frente às novas demandas.

Eu sempre me considerei... atenta as oportunidades... então eu fiz o curso de hospitalar já por conta disso... porque hospitalar é uma área importante aqui... porque a gente tá no segundo pólo médico brasileiro... tem muitos hospitais... [...] E aí... eu vim pra clínica... comecei a ter clientes... [...] eu faço parte hoje [...] do CEF que é o Centro de Estudos Freudianos... que me dá muito suporte... porque eu acho muito difícil a gente estudar só... [...] Você tem que procurar grupo de estudo... também pras pessoas lhe conhecerem... mandar cliente pra você... [...].
(AMETISTA).

Segundo Figueiredo (1993) uma das dimensões da multiplicidade que rege o fazer do psicólogo diz respeito às diferentes áreas de atuação. Sejam área novas ou antigas, exigindo conhecimento específico ou não, o psicólogo encontra uma diversidade que denuncia diferentes linguagens e estilos de atuação, quando entra em contato com diferentes contextos, populações e/ou demandas. "As diferentes interfaces da Psicologia geram profissionais com saberes, práticas, destinações, linguagens, alianças e limites muito específicos". (FIGUEIREDO, 1993, p.90).

Neste sentido, a ambigüidade pode se fazer presente. No caso de Ametista, ela não consegue, ainda, visualizar uma experiência unificada; ela se percebe como duas no exercício de seu saber de ofício, diante da multiplicidade a qual está sendo confrontada.

Ametista, mesmo sendo outra na abertura que o hospital lhe proporcionou, ainda sente dificuldade em colocar os pré-conceitos adquiridos por ela no campo do conhecimento subsidiário. Em outras palavras, para Ametista ainda é difícil compreender que uma teoria precisa ser incorporada, para que ela possa estar disponível sem que seja alvo, apenas, de um conhecimento focal, "é ter dela uma consciência não temática, como condição de interpretar as coisas do mundo, configurá-las, focaliza-las para agir sobre elas". (FIGUEIREDO, 1992, p.05). Podemos refletir se não consiste aí a dificuldade de Ametista em "definir" o agir clinicamente como seu modo de ser-psicóloga.

A pedra Ametista, como antes mencionado, tem um alto nível de dureza, mas isto não a impede de sofrer riscos e até mesmo de ser quebrada, dependendo da lapidação ou da atividade desenvolvida com ela. Lapidar significa "gravado em pedra" (HOUAISS, on line); uma vez iniciado o processo de lapidação não há mais possibilidade de retorno da pedra para sua forma originária. Em cada momento, no decorrer do processo de lapidação, uma nova forma se apresenta, os cortes vão mostrando facetas não antes reveladas. Este processo altera a

tonalidade da pedra bruta. No caso da Ametista, dependendo do tipo de corte, a variação da tonalidade vai desde um branco leitoso, quase transparente, ao violeta ou púrpura. O que se procura obter, sempre, é a forma que ressalte sua beleza e lhe dê o máximo de brilho.

[...] o que estou fazendo no hospital também é clínica ... [...] é uma clínica diferente... porque... lá o ambiente é diferente... [...] mas é uma clínica bem diferente da clínica. [...] eu fico doidinha às vezes... paciente... cliente... porque no consultório a gente fala cliente... lá são os pacientes... [...]. (AMETISTA).

O experienciando de Ametista a está levando para além da formação teórica e prática adquirida, por ela , até o momento. Os enquadres conceituais sobre o que seja clinicar, limitam a atuação de Ametista aos padrões generalizantes, ou seja, ela está comprometida com os alicerces teóricos que dizem como uma prática deve ser realizada. Esta forma de lidar com os referenciais teóricos exigem de Ametista uma eficácia, inclusive técnica, na relação com os clientes/pacientes.

Estar vivendo o hospital, lança-a enquanto projeto na co-existência, angústia e na facticidade do ser-aí para a morte. A ambigüidade gerada pelas diferentes possibilidades de atuação, nos dois contextos que Ametista menciona, é percebida, por ela, como dicotomia. Assim, ela ainda se percebe sendo duas, porque sua experiência em ação, de fato, a está levando por um caminho diferente daquele que foi idealizado desde sua adolescência; o acontecimento no hospital

coloca em xeque os padrões de neutralidade e eficácia aprendidos e ela, por sua vez, ainda não conseguiu visualizar a unicidade de sua destinação.

Significado é formado na interação entre o experienciando e algo que funciona simbolicamente. Sentimento sem simbolização é cego; simbolização sem sentimento é vazia. (GENDLIN, 1962 apud MORATO, 1989, p.79, grifo do autor).

Ametista está em pleno processo, indo adiante à partir do experienciando possibilitado pela situação no hospital. Enquanto pedra preciosa, tem seu reconhecimento garantido pelas suas origens, mas ainda está em vias de lapidação; ainda está sendo TRANS-FIGURADA, TRANS-FORMADA.

4.2 Tecendo com Safira

O nome Safira tem diferentes significados apontados em diferentes culturas. No latim *Sapphirus* significa pedra preciosa; no hebraico *Sapphir*, significa a coisa mais bela; no grego *Sapphiros* encontra três acepções: pedra preciosa, azul e Amado de Saturno. Há muitas lendas sobre a Safira, mas dentre todas, a lenda dos persas é a mais divulgada e conhecida. Os persas acreditavam que a Terra repousava sob uma enorme Safira, cujos reflexos, o azul dos deuses, davam a cor do céu

e dos lagos. Os hindus acreditavam que as safiras eram a união da humanidade com o céu.

Em sua narrativa, Safira reflete as diferentes facetas que uma pedra preciosa pode ter, explicitando a multiplicidade e as possibilidades de matização¹² de sua experiência:

[...] eu me formei em clínica... na abordagem gestáltica... pra poder me dar base pra eu trabalhar na organizacional... vê a confusão... e também sou artista plástica pra poder trabalhar com arte-terapia com os pacientes... [...] (SAFIRA).

Matizar uma experiência, segundo Gendlin (apud PUENTE, 1980), refere-se a tudo que pode ser criado a partir da própria experiência em ação, e através da linguagem.

[...] a experiência é levada adiante através de símbolos. Sempre é possível a referência direta à experiência, gerando [...] novos significados sentidos. A experiência nunca é limitada pela palavra, que sempre pode esquematizá-la mais. (PUENTE, 1980, p. 60-61).

Assim, uma experiência é sempre multi-matizada, intermatizada, de diferentes e contínuas maneiras, dependendo das variadas significações atribuídas no curso das ações. Isto não significa, pois, que a experiência é composta por unidades divisíveis. Ao contrário, ela é uma unidade em movimento, em mutação, que pode ser transmitida e elaborada pela linguagem.

¹² Neste contexto, o acontecimento da experiência só pode ser compreendido como matização, ou seja, tecido de diferentes modos.

No momento em que Safira relata o seu modo de atuar como psicóloga, frente a multiplicidade de seus fazeres, privilegia o estar junto, ser-com, na pre-sença que é abertura e possibilidade para a existência.

Na perspectiva da Analítica Existencial heideggeriana, ser-com está no fundamento de todas as realizações possíveis na dinâmica existencial. Todas as concretizações, exercidas através da ação, são possíveis através e pela preposição *com*.

Todo ser é sempre ser-com mesmo na solidão e isolamento, a pre-sença é sempre co-pre-sença (Mitdasein), o mundo é sempre mundo compartilhado (Mitwelt), o viver é sempre con-vivência (Miteinandersein). (HEIDEGGER, 2004 (a), p.319).

Independentemente das coisas serem meramente dadas, o ser-com, pelo caráter da pre-sença, está no centro das relações estabelecidas entre o Dasein e as significações que este atribui ao mundo. "O ser-com é o ponto de referência de relações da pre-sença" (HEIDEGGER, 2004 (a), p. 319) que são contextualizadas temporalmente na experiência.

[...] Vê só Janne... eu sempre digo... [...] que é meu estar junto... com o paciente, junto com ele... [...] esperando dele o que ele pode me dar naquele momento... histórias da vida passada... ou vida presente... aquilo que ele estiver podendo... [...] o principal... de atuar como psicóloga é estar junto com ele ali... [...] acho que o principal de tudo é... o ser psicólogo.... estar com.... estar com... mesmo!!! (SAFIRA).

O acontecimento profissional desvela-se como fenômeno que mostra e oculta, vela e desvela facetas da pedra-psicóloga. Em cada momento, Safira se re-conhece em suas funções, nos papéis e atribuições de suas ocupações. Deste modo, percebendo-se em sua unidade, Safira encontra seus modos de estar-com, no trânsito de suas relações. Safira é abertura cuidadosa frente as possibilidades que vão clarear sua compreensão no encontro com o outro-outro e com o outro-eu. O seu modo de estar-com se mostra através de proteção. Safira é cuidadosa e protetora na presença de sua abertura no acontecimento inter-relacional. Ela se afasta de uma ruptura dicotômica frente aos diferentes papéis e atribuições exercidas por ela, enquanto ser-no-mundo-com-outros, reconhecendo as diferenças e limites de cada uma de suas facetas, na unidade de sua existência.

[...] Isso que estou te dizendo de... poder dividir bem o que é meu e o que não é... isso pra algumas pessoas é algo muito... além de difícil... é algo... pesado... quase como uma dicotomia mesmo... você não pode expressar nada do que você é ali, porque você ali é só profissional... Mas eu não digo assim... [...] É claro que quando você tá lidando com pessoas... com o ser humano... você vai trazer coisas suas também... mas... não misturar no sentido de... o que é meu é meu... o que é dele é dele... De repente histórias da vida da pessoa vão bater com as suas... Mas aí eu me conhecendo... eu vou saber que ali a história... é parecida com a minha... mas não é a minha... é a dele... é a do outro... [...] quando você trabalha com ser humano... você termina realmente tendo essa mistura... mas uma mistura sadia... Se você se misturar e entrar na história do outro e você viver... assim... viver o que é dele... não se torna mais sadio [...] eu acho que o ser psicólogo, você tem que... tá presente e... de uma forma sadia... [...]. (SAFIRA).

O modo de estar-com de Safira privilegia a pre-sença e não o diagnóstico, a abertura e não o rótulo. Em outras palavras, para Safira, uma forma sadia de estar-com refere-se ao processo de elaboração da experiência como forma de construção mútua de significados sentidos.

Enquanto pedra preciosa, Safira é o símbolo da fidelidade, verdade, sinceridade, lealdade. Foi o talismã ofertado aos imperadores, aos santos e aos sacerdotes. Sua cor azul, dizem, remete à tranqüilidade, calma e paz. Acredita-se, também, que a Safira tem a virtude e a capacidade de atuar como antídoto contra diversos venenos. Havia uma crença geral que a Safira tinha poderes para influenciar os espíritos: os cingaleses (naturais do Sri Lanka) usavam a Safira para proteger contra todo tipo de bruxarias. Antigos mágicos e sacerdotes privilegiavam a Safira por lhes dar o poder de consultar o futuro.

Safira acredita que esta sua pre-sença, que esta sua abertura e disposição ao encontro com a alteridade, torna-se possível através da escuta, do ouvir atento, disponível ao inusitado, inesperado e surpreendente. “[...] Sabe como é essa minha presença? [...] eu estar podendo ouvir... a minha escuta tem que estar bastante aguçada... [...]”. (SAFIRA).

Ouvir e escutar são, aparentemente, sinônimos, mas há uma sutil diferença entre estes termos. Na perspectiva heideggeriana, o escutar acontece quando a fala é trazida pelo

acolhimento, sendo, pois, a própria escuta um acolher do que a fala oferece.

Escutar é ouvir com compreensão. O ser-com pode escutar porque tem a possibilidade de compreender e articular esta compreensão, estando-no-mundo com os outros. "Dasein obedece, na escuta, à existência e a si próprio [...]". (INWOOD, 2002, p.136). Não é por acaso que quando não escutamos bem, dizemos que não compreendemos. Portanto, escutar é estar aberto, enquanto presença, na co-existência. O escutar coexistencial, de um e outro, possibilita o seguir, o acompanhar de uma experiência transmitida.

Já o ouvir não é uma mera apreensão e percepção de sons emitidos pelo mundo. De outro modo, o ouvir é um "fenômeno ainda mais originário [...]. Somente onde se dá a possibilidade existencial de discurso e escuta é que alguém pode ouvir". (HEIDEGGER, 2004 (a), p.222-223). Escutar e compreender só se tornam possíveis através do ouvir, do poder ouvir para além dos ruídos sonoros dos sons e das palavras pronunciadas. Heidegger (2004 (a)) coloca que quando ouvimos o som de água corrente, não percebemos este fenômeno como um conjunto de barulhos sem identificação. Ouvimos um rio, uma cachoeira, uma torneira aberta... por onde a água está passando.

Neste sentido, o poder escutar/ouvir, na abertura do ser-com, está intimamente relacionado com a disponibilidade para estar presente no acontecimento inter-relacional. Safira fala

desta disponibilidade ao narrar sobre um certo modo de esvaziamento e auto-conhecimento:

[...] Se eu não estiver bem comigo... eu não vou estar podendo estar presente com eles... Então acho que o meu... me esvaziar de bastante coisa... me esvaziar no sentido de [...] não misturar... o que é meu é meu... o que é dele é dele... [...] Tipo: uma simples TPM que me dá... eu fico irritada... [...] Talvez eu não esteja tão presente... então... eu procuro me esvaziar... [...] O principal de tudo e você se conhecer... já saber teu movimento pra saber o movimento do outro também... [...] Eu estou falando... do máximo de consciência que posso ter de mim mesma pra poder trabalhar com eles [...] podendo escutar... acho que é a base de tudo... (SAFIRA).

A Safira pedra preciosa, recusa-se a brilhar quando é usada por uma pessoa fraca ou impura. Dizia-se que os reis que a usavam à volta do pescoço ficavam protegidos contra qualquer mal, por isso, na realeza, a Safira era utilizada em pulseiras e colares. Acredita-se que ela preserva e protege quem a usa contra a inveja. De acordo com a tradição budista, estimula prece, devoção, iluminação espiritual e paz interior. Traz clareza, inspiração e une corpo, mente e espírito. A Safira ainda estimula a habilidade psíquica, expande a consciência, alivia contra reumatismo, dores nevrálgicas, epilepsia e histeria.

[...] Quando chegou no final do curso de Psicologia... [...] Eu disse: Não... sabe uma coisa... vou fazer a clínica.... Aí... [...] já tava trabalhando na Tamarineira... eu me formei trabalhando na Tamarineira [...] então eu fazia as duas coisas... só que fazia com muito mais amor a arte-terapia. [...] Fazendo... escolhendo a

clínica... eu fiquei mais relaxada... [...] que eu comecei a ver... que tanto a Psicologia como a arte estavam... já estavam dentro mesmo de mim... [...] E no hospital [...] não estou como psicóloga [...] Estou lá como artista plástica... [...] mas eu sou psicóloga... [...]. (SAFIRA).

Apesar dos diferentes modos de atuação presentes no fazer de Safira, ela reconhece uma unidade. Psicóloga clínica, organizacional e artista não são fragmentos de atuação. Sua experiência profissional interliga suas ações, permitindo significações.

Ao narrar suas escolhas, Safira revela um reconhecimento autenticado de sua experiência. Ela encontra, independente do local ou modo de atuação, o significado sentido de sua experiência, na escuta e no

olhar clínico seja em qualquer situação que eu esteja... na organizacional ou na arte-terapia [...] o olhar clínico e a escuta... me dá uma base muito forte... pra eu atuar onde eu estiver... [...]. (SAFIRA).

Safira toca e lapida experiências, no ser-com, através do olhar. “[...] É através daí... acho que a relação vai sendo construída [...] através do simples olhar mesmo... um simples e forte [...]”.

O olhar também lança Safira ao encontro com o outro no mundo. Ela libera sua curiosidade não apenas para ver, não apenas para apreender estímulos visuais, mas para tocar e ser tocada *na e pela* experiência. Safira abre-se, ao olhar, para o novo, inquietante e excitante, que lhe vem ao encontro através

deste cuidadoso toque. "Este modo de ser-no-mundo desentranha um novo modo de ser da pre-sença cotidiana em que ela se encontra continuamente desenraizada". (HEIDEGGER, 2004 (a), p. 233). Olhar e ver, neste sentido, é sempre compreensão e construção de significado sentido diante da multiplicidade singular de referências que são iluminadas pela pre-sença do ser-com.

[...] O contato que eu tenho com os pacientes na Tamarineira se dá... principalmente... através do olhar e assim eles... sabendo que eles estão sendo olhados e escutados... se sentem fortalecidos e aí... te dão uma credibilidade pra poder assim... se criar um vínculo na relação... [...]. (SAFIRA).

Movida por este curioso olhar, Safira ilumina o desconhecido e segue ao encontro com o outro-outro e com o outro-eu. Ao deparar-se com a alteridade radical da loucura (no hospital psiquiátrico), ela não se assusta, se surpreende.

[...] o medo do desconhecido... [...] o medo me impedia... de ver o que é tão bonito ali dentro... do ser humano mesmo ali dentro... é feito criança... pra mim é feito criança... são crianças [...] que tão querendo atenção... claro... (SAFIRA).

Na multiplicidade presente nos diferentes espaços de atuação do psicólogo, Safira não se prende a determinações teórico-conceituais de sua profissão. Em outras palavras, ela não reflete uma fragmentação ou uma dicotomia quando define seu ofício.

Para Safira, ela é psicóloga-artista e isso basta. Ela encontra um modo próprio e autêntico, sem precisar ir em busca de adjetivações que a qualifiquem. Na sua narrativa, em nenhum momento ela diz que é psicóloga clínica, ou psicóloga organizacional e artista plástica. O ser psicóloga dela encontra uma unidade e relaciona-se ao ser artista na matização de sua experiência. Safira reflete a condição própria da existência: singular e múltipla.

[...] Mas como é que pode? Eu me formei em clínica... ta atuando na organizacional... trabalhando num hospital psiquiátrico como arte-terapeuta... [...] Mas agora eu sei que as três coisas estão... se combinam e se completam... [...] sou uma coisa só... não é uma Safira dividida... Tem os três momentos... mas os três momentos se completam... então, acho que... a partir daí que eu venci o medo de... estar atuando... seja em qualquer área... [...] me vi como psicóloga [...].
(SAFIRA).

Apesar de muitas pessoas lhe "cobrarem" um pertecimento, filiação, um modo único de atuação (no caso, organizacional), ela se desprende da impessoalidade e segue no sentido que lhe é mais próprio.

Seguir um modo próprio significa, na perspectiva hedeggeriana, agir por conta própria, não do modo de outra pessoa, ouvir o chamado e seguir na direção do apelo da própria existência. A propriedade faz um apelo ao ser através dele mesmo, um apelo de si sobre si mesmo.

[...] as pessoas me cobravam... [...] família principalmente... [...] Trabalhei sempre na área organizacional e não vou fazer organizacional? [...] pro estágio obrigatório [...] Não! Não quero! [...]. (SAFIRA).

A perspectiva clínica abriu para Safira um novo-outro modo de atuar na organizacional. A simples aplicação de técnicas, de forma antes mecânica, ganhou uma nova significação. As dinâmicas perderam a rigidez que leva a uma repetição mecânica de técnicas.

[...] eu sempre trabalhei... era estagiária de organizacional... [...] numa consultoria [...] eu já vinha sempre indo pra dinâmicas, seleção, treinamento... [...] Mas eu fazia aquilo ali quase que... muito mecanicamente eu digo... [...] eu via a diferença dos outros profissionais [...] isso aconteceu quando pude ir me desprendendo do rigor das técnicas... fui entendendo que não precisa ser tão rigorosa ao usar as técnicas do trabalho organizacional... [...] o dia a dia me faz... me deu mais experiência... [...] cada dia é uma novidade [...] Então assim... [...] no hospital [...] a escolha é muito deles [...] o material que quer usar... eu não to ali impondo... [...] que é que você quer fazer... Eu deixo ele muito a vontade pra poder dali se construir algo... Tem alguns que não gostam muito de pintar... [...] tens uns que não querem desenhar... querem escrever... [...]. (SAFIRA).

Safira revela, então, um agir clínico outro, um modo de agir clinicamente. Ou seja, a compreensão do que seja clínico vai além dos modelos tradicionalmente conceitualizados, já explicitados anteriormente. Este agir, assim como as técnicas aprendidas por Safira, estão subordinadas a ética (entendida como morada). Em outras palavras, a técnica está sendo utilizada como *poiese*, como

modo de dar a ver, de configurar aquilo que se mostra. [...] Sua técnica será a de instituir o tempo e o espaço para que o outro venha a ser e se mostre em sua alteridade. (FIGUEIREDO, 2004, p.166-167).

Até porque eu nem... eu já nem gosto muito dessa palavra... Técnica. Porque acho que técnica lhe prende... se você usar determinado material... determinada coisa... você vai ter determinado resultado... Eu não vejo muito por aí não... [...] Porque as pessoas são diferentes... o modo de ser da cada um é diferente... [...] a técnica era ali só um instrumento não é? [...] dinâmica tem técnica... [...] mas não que eu use necessariamente daquela forma... eu posso trabalhar com o material mas... Não tem que ser igual... [...]. (SAFIRA).

Os materiais estão à disposição como utensílios, ou seja, como meios para uma ação. Estando disposta a inclinar-se ao aprender-com, Safira age clinicamente e se reconhece na ação de estar fazendo.

[...] a escolha de um candidato... [...] pra determinada vaga... não vai só de um teste ou dois testes... vai de uma construção... de uma união de N coisas... [...] Então o meu olhar clínico... vai [...] dar o diferencial daí... [...]. (SAFIRA).

A Safira situa-se entre as gemas mais valiosas. Ela é ótima para combater à depressão e conceder coragem para enfrentar os problemas cotidianos. Algumas pessoas acreditam, inclusive, que a pedra muda de cor quando seu usuário está em perigo.

No estado bruto, a Safira é encontrada em diversas tonalidades: amarela, rósea, laranja e até incolor. Mas, é na

forma azul que ela é mais reconhecida e valorizada. Dependendo da luminosidade, a Safira pode mudar de cor, apresentando sua cor azul sob o sol e uma cor púrpura sob a luz artificial. A Safira pura é transparente, por tratamento térmico pode ficar tanto mais clara, quanto mais escura.

Quando não serve pra jóias, a Safira é empregada em esferográficas sofisticadas, em equipamentos elétricos e óticos ou em janelas de fornalhas de alta temperatura. É, portanto, uma pedra muito resistente, uma das mais duráveis.

Safira é uma psicóloga-arte-terapeuta falando de outros psicólogos que, para ela, recusam a experiência, porque não se envolvem, porque fogem da afetação.

[...] Agora... [...] os técnicos... [...] lá na Tamarineira... eles são... bem... preconceituosos... bastante. [...] tem psicólogo lá que tem nojo... não chega perto do paciente... vai lavar a mão... [...] lá no CAT onde eu trabalho são dois... mas que não atuam... [...] Eu nunca consegui trabalhar... fazer um trabalho em conjunto com eles... Já tive vontade mas... Não tem abertura pra isso... [...] típico aquela história... funcionário público... que ta ali pra dar um horariozinho e olhe lá... e ir embora... [...] Não tem interação nenhuma entre as equipes... Não tem... Nem entre os próprios psicólogos... não tem... Pois é... uma coisa muito doida ali. É assim... (SAFIRA).

Neste momento, ela se aproxima dos pacientes, quando narra sobre seu atuar no ambiente do hospital psiquiátrico.

[...] a construção de uma pintura é a construção de uma história que está sendo relatada ali... [...] que também fazem eu me reconhecer... [...] a minha história de ser psicóloga e as histórias de vida

que são relatadas de meu atuar clínico... [...] Então eu me reconheço... mais fortemente através dessa construção das histórias de vida... [...] e da relação que a gente vai criando... [...] Eles vão fazendo junto comigo e a gente vai criando... Eles vão fazendo e a gente vai construindo junto... [...] Eu digo que... os pacientes são mais sadios do que os funcionários (risos)... Os funcionários é que são tudo... Doidos são os funcionários... os pacientes não tem nada de doido não... (SAFIRA).

Seu ser-com a faz criar um trânsito de identificação com os pacientes, que tecem, fazem, constroem, junto com ela, significações sobre suas existências. Safira se percebe nesta via de mão dupla que é a ilumina pelo experienciando.

[...] às vezes pinto também junto com eles... [...] facilita que eles se inspirem... [...] tem um texto que eu fiz... [...] pra uma exposição minha... [...] que é justamente minha atuação lá dentro... [...] E esse texto eu coloquei lá... pra eles... e eles lendo é que é interessante... [...] E o paciente ainda lendo aquilo ali... ainda botou assim: "A louca"... eu... a louca que tinha escrito não é?... Ele botou... (risos) "A louca"... Achei massa... deixei... (SAFIRA).

Esta troca inter-relacional estabelecido no ser-com, lapida a Safira psicóloga através da experiência compartilhada. Aberta à alteridade radical dos pacientes psicóticos, Safira elabora experiências, tecendo sentido e compreensão.

Enquanto pedra preciosa, pode adquirir, no processo de lapidação, o formato de estrela. Enquanto psicóloga-artista, brilha e ilumina, através de sua atuação e experenciação, possíveis caminhos. Cria e reconhece a autoria desta elaboração no acontecimento dos encontros. Olha, ouve, escuta

atenciosamente, curiosamente, cuidadosamente, cada encontro, cada inter-relação, inter-ação factica que seu ofício lhe permite.

4.3 Tecendo com Rubi

Na antiga linguagem sânscrita da Índia, Rubi era chamada de *ratnaraj* (rei das pedras preciosas) ou como *ratnanayaka* (líder das pedras preciosas). A palavra Rubi, tal como a conhecemos, vem do latim *rubéus* ou *rubínus* e significa ruivo, vermelho.

Historicamente, diz-se que a Rubi possui uma chama que arde eternamente, sendo considerada a gema que aprisiona o sol. Uma das lendas sobre a origem da Rubi vem da região de Ratnapura (palavra indiana que significa Cidade do Rubi), no Sri Lanka. Segundo a tradição hindu, o deus Shiva¹³ estava passeando e sentiu sede. Então, foi até a margem de um riacho e bebeu da água cristalina. Com a sede saciada, Shiva se propôs a escalar uma ribanceira. Neste momento, um espinho lhe rasgou a mão, manchando de sangue a areia. As gotas de seu sangue transformaram-se em rubis, dando origem aos famosos rubis de Ratnapura, que são considerados os maiores e mais preciosos.

¹³ Deus hindu que simboliza o principio destruidor. Também chamado de *Maadeva*, este deus destrói para que possa haver reconstrução; representa mais a regeneração, renovação, do que apenas a destruição propriamente. (BULFINCH, 2000).

Rubi é considerada a mais preciosa das pedras criadas por um deus, tendo significado, inclusive, bíblico. O forte simbolismo atribuído a Rubi fascina e encanta os admiradores de pedras preciosas. Rubi tem a intensidade, a força e o poder transformador do deus Shiva e do fogo.

Rubi é uma pedra-psicóloga inquieta, curiosa e questionadora. Desde sua formação, ela busca por caminhos, encontros, trocas que possibilitem reflexões sobre um agir implicado no ser-com. Estando lançada no mundo-com-outros, Rubi tece tramas e redes de significações no trânsito inter-relacional que ilumina sentido.

Rubi pretende que seu trabalho, realizado cotidianamente, seja uma ação relevante publicamente, transformando as pessoas e o mundo, como uma realização que se "destine [...] a transcender todas as vidas individuais". (ARENDDT, 2003, p.15).

[...] Eu quero uma Psicologia que me dê a chance de trabalhar sentido que eu to fazendo alguma coisa pra transformar o mundo também... pra ter uma ação no mundo... [...]. (RUBI).

Rubi se lança na possibilidade de construção e conhecimento no ser-com. Por outro lado, este agir transformador lhe garante um pertencimento e filiação teórica como meio de amenizar sofrimentos, angústias e frustrações permeadas pela facticidade cotidiana. Mas Rubi não desvela, em sua narrativa, a utilização de teorias ou postulações conceituais como condição apriorística de seu modo de ser-com.

Ela utiliza a teorização como um conhecimento “no sentido mais amplo” que “inclui não apenas teoria, mas também entender de algo” (INWOOD, 22002, p.21) por meio de sua profissão.

[...] Até que eu comecei a descobrir meus parceiros... [...] até que eu descobri a Psicossociologia... [...] até que eu descobri a Psicologia sócio-histórica... que dizer... abordagens dentro da Psicologia... [...]. (RUBI).

Conta-se que a Rubi, pedra preciosa, tem o poder de proteger seus donos de todo tipo de desgraças, principalmente quando a pedra é utilizada do lado esquerdo do corpo. Os soldados acreditavam que esta pedra os impedia de ficarem feridos na guerra. Então, eles introduziam uma Rubi sob a pele tornado, soldado e pedra, um só. No ocidente, acredita-se que a Rubi preserva a saúde mental e física de quem a usa. Simboliza poder, coragem, respeito, liberdade e caridade. É a pedra da vida, protetora do amor, paixão e emoção.

A abertura, em que Rubi está lançada, ilumina-a como projeto inacabado, incompleto, portanto, em permanente construção.

Rubi lança sobre o mundo um olhar curioso e ingênuo que anseia descobrir sempre novos/outros caminhos para sua atuação. Em cada encontro, ela prioriza determinada faceta lapidada. Sua experiencição desnuda o lugar de “suposto saber”, das conceitualizações generalizantes do conhecimento totalitário. Enquanto fenômeno, o atuar do ser-psicólogo pode

ser pleno, diante de um modo de mostraçãõ, mas será sempre limitado facticamente no ser-com, na existênciã. Em outras palavras, o experienciando de Rubi a impulsiona em busca de teorizações, que lhe sãõ úteis frente a determinados acontecimentos compartilhados na inter-relaçãõ.

[...] Eu acho que isso é uma coisa muito boa pra o profissional [...] a gente sempre tá se percebendo incompleto não é? [...] eu acho que isso também é uma conquista da maturidade... [...] você poder reconhecer que por mais que você imagine que saiba... sempre tem coisas que você não sabe ainda... não é?... essa curiosidade... que eu acho que as crianças têm... que às vezes quando a gente vai envelhecendo perde... [...] isso é uma aprendizagem muito boa da minha prática... Da Rubi como um todo... pessoa, profissional, psicóloga, professora... [...]. (RUBI).

Enquanto pedra preciosa, Rubi é extraída nos dias de hoje da mesma forma que há centenas de décadas. Seu nível de dureza só é menor que o diamante. O fator mais importante na classificação de valor de Rubi é a cor, mas ela também é avaliada quanto ao tamanho, claridade e corte. Toda Rubi natural contém imperfeições. Acredita-se, ainda, que a Rubi auxilia a encontrar o equilíbrio entre o amor e o poder. Ajuda a banir o senso de limitação e expande a coragem, a alegria, a integridade, harmonizando, inclusive, ambientes. Ela desintoxica o sangue, amplifica as energias, ajuda nos sangramentos e doenças infecciosas, sendo, também, um poderoso amuleto contra venenos.

Rubi marca seu ofício com uma multiplicidade de fazeres e práticas, buscando significados sentidos para a sua significação. Não satisfeita com seu curso de graduação, Rubi abre-se para a ação de estar fazendo indo em busca de significações que sejam próprias do seu ofício.

[...] Resolvi fazer o Mestrado de Psicologia Social Comunitária... [...] continuo atuando um pouco com a clínica... Tive a experiência na Tamarineira... [...] tenho também esse trabalho de intervenção com comunidades... com grupos... [...] eu faço alguns treinamentos... eu dou capacitações... eu trabalho junto a movimentos sociais... às vezes eu trabalho por uma solicitação de algum órgão público... [...] eu me descobri professora... me descobri mesmo... [...] e agora eu to numa pesquisa com adolescentes... [...]. (RUBI)

Porém, ao relatar tantos fazeres, tantas práticas, Rubi não percebe, ainda, que todas elas estão tecidas na sua experiência, numa unidade plural e singular. Ela ainda não se percebe como a mesma pedra com diferentes facetas, adquiridas no processo de lapidação/experienciação.

[...] quando me pergunta a minha profissão eu digo que sou psicóloga e professora [...] mas não vou falar muito de professora porque não é o caso... não é o seu interesse aqui no momento [...]. (RUBI)

A narrativa, como momento reflexivo, possibilitou Rubi perceber-se na própria experiência em ação. Ela significa e descortina significado para o seu agir, abrindo possibilidade de reconhecer, agora, a unidade de seu ofício.

Ao narrar, Rubi compreende que as diferentes facetas/modos-de-atuação, constituem a mesma pedra-psicóloga. O acontecimento da narrativa permite que Rubi elabore sua experiência e perceba que ser-psicóloga e ser-professora são modos diferentes de ocupação. "Pelo fato do ser-no-mundo pertencer [...] à presença, o seu ser para com o mundo é, essencialmente, ocupação". (HEIDEGGER, 2004 (a), p.95). A presença sempre se dá através de um exercício, que "indica e cumpre um outro irradiador de relações". (HEIDEGGER, 2004 (a), p.312).

[...] na verdade não vejo muita diferença... Engraçado... essa questão me fez pensar nisso agora... eu nunca tinha tido esse *insight*... [...] Eu acho que a experiência na sala de aula... também me possibilita uma intervenção psicossocial... no sentido de que... quando eu trabalho por exemplo com comunidades... eu trabalho muito na perspectiva de... possibilitar os sujeitos questionarem... [...] permitir aos sujeitos [...] poderem conquistar uma autonomia... [...] se livrar de determinismos... [...] E aí... eu vejo que em sala de aula... na relação com os alunos... eu tento muito ter essa postura também... [...] Então eu acho que... de qualquer maneira... não há um corte... [...] acho que em todos os espaços eu sou psicóloga e professora e sou Rubi... uma pessoa [...] Exatamente porque as coisas não estão divididas em mim... [...] foi ótima essa conversa... porque eu comecei a entender... que as coisas não são tão compartimentadas [...] Eu acho que... na verdade... o que... unifica tua prática... é o sentido que você dá a ela... é a perspectiva... política... ética... [...] é isso que define o prazer da profissão. (RUBI).

O primeiro *laser* foi feito a partir de uma Rubi sintética, criada em laboratório. É difícil distinguir uma Rubi natural de uma Rubi sintetizada em laboratório. Na maioria das vezes,

é preciso realizar testes gemológicos específicos para determinar sua origem. Uma pedra natural é sempre mais valorizada do que uma fabricada, mas em qualquer dos casos, ainda assim, a Rubi é sempre muito apreciada. Apesar do alto nível de dureza, a Rubi permite a lapidação, adquirindo vários formatos, porém sempre preservando suas tonalidades intensamente vermelhas. Quase todas as rubis, com valor histórico, estão em poder de príncipes hindus, atualmente. Ainda há pedras históricas na coroa francesa e na coleção de pedras da antiga União Soviética, que faziam parte da coroa imperial russa. Os reis acreditavam que a Rubi previa acontecimentos desastrosos, tornando-se escuras e foscas. Dizem que Catarina de Aragão¹⁴, primeira esposa de Henrique VIII, preconizou sua desgraça ao notar que sua Rubi havia escurecido ameaçadoramente.

Obstinada em seu ofício, Rubi aponta o “norte” de sua profissão: o sujeito contextualizado sócio-culturalmente. Desde sua formação, ela partiu em busca de vestígios que lhe possibilitassem um modo próprio de atuação co-existencial. Forte, cautelosa, obstinada... Rubi lança um olhar sobre o sujeito (sub-jecto; pro-jecto) no trânsito que é desalojador e ambíguo e que confere à liberdade um poder lançar-se em busca

¹⁴ Catarina era extremamente popular junto da população, quer como Rainha, quer como Princesa de Gales. Após diversas tentativas para engravidar, ela deu à luz a um menino que morreu logo em seguida. Sua última gravidez resultou numa filha, a futura rainha Maria I. Henrique, preocupado com a sucessão, separou-se de Catarina, mesmo sem o consentimento do Vaticano. Catarina, então, foi afastada da filha e exilada da corte, indo viver numa província isolada. Morreu vítima de uma doença prolongada, possivelmente crânico, mas foi sepultada com as honras de uma Princesa de Gales. (WIKIPÉDIA, on line).

de algo que sirva como sustentação, que no caso de Rubi é o contexto psicossocial. Assim, Rubi se depara com

[...] aquele sujeito com seu modo de ser, de sentir... com suas angústias, conflitos e tal... tudo isso eu vejo que só posso compreender de fato... se eu tiver a compreensão... conhecimento da realidade de vida dessa pessoa... [...] pra poder... a partir disso... tentar entender o seu discurso e a demanda que ele me traz... [...] cada um precisa ser visto na sua singularidade... [...]. (RUBI).

Este encontro designa uma situação de afetação co-existencial, que permite tecer experiências no entre das inter-relações. "A concretização da relação de intersubjetividade se dá, das mais variadas formas, na facticidade [...]". (GIOVANETTI, 1996, p.130). É neste sentido que Rubi constrói sua teia de significações.

Rubi está sendo lapidada na experiência de estar-com, no acontecimento inter-relacional. Com isto, ela ilumina as possibilidades para sua atuação. Para ela, não há uma Psicologia desvinculada da experiência de quem faz. A Psicologia é construída e significada pela ação, pelo agir publicamente relevante. Na situação da sala de aula, a Rubi pedra-psicóloga-professora tenta transmitir sua experiência temporalmente contextualizada. A prática não é apenas aplicação de métodos e técnicas. De outro modo, ela mostra, descortina a experiência e os significados sentidos atribuídos, elaborados, construídos no ser-com. A

experenciamento puramente acadêmica não satisfaz seus olhos curiosos por desvelar sentido que ilumine seu atuando.

[...] eu gosto da universidade... [...] mas [...] eu não quero ficar 40 horas dentro da universidade... [...] é importante a gente estar sempre tendo alguma prática... [...] você pode falar do que você leu, do que você estudou... mas também do que você viu, do que viveu ou do que você ta vivendo... [...] é um pé na universidade e um pé no mundo lá fora... [...]. (RUBI).

As teorias e técnicas aprendidas no ambiente acadêmico não contemplam a experiência de estar fazendo. As teorias iluminam possíveis caminhos, instigam, oferecem possibilidades de seguir adiante. O conhecimento explícito (expresso através de sistemas de representação, como no caso das teorias) não contempla, nem reproduz o experienciando de forma totalitária. Os modos de experenciamento são multi-matizados, não há como falar e caracterizar o processo experiencial por meios puramente lógicos e conceituais. Os meios de simbolização permitem um acesso à determinada faceta da experiência, que pode, neste caso, mostrar-se de forma plena, mas não totalitária. Aproxima-se do experienciando através de referências não diretivas, pois o uso direto da palavra não abarca a experenciamento como um todo, apenas possibilita uma aproximação do que é sentido. (GENDLIN, apud PUENTE, 1980). Segundo Figueiredo (2004), o conhecimento explícito, por vezes, é utilizado como se fosse uma reprodução integral da experiência, desconsiderando a multiplicidade e a pluralidade

que é a existência. A experiência lança Rubi na incompletude de ser pro-jeto.

[...] Eu acho que tem mais coisa aí... não é só um Édipo não resolvido... [...] uma rivalidade fraterna... os nossos conceitos... mais do mundo psi... Esse cliente foi uma das coisas que me fez pensar... que tinham mais coisas entre o céu e a Terra do que supunha minha vã Psicologia... [...].
(RUBI).

Frente a multiplicidade, Rubi constrói possibilidade de autenticar e veracizar seu fazer/agir a partir do experienciando. Ela desvenda seu modo de atuação, após a formação acadêmica, iluminando significados sentidos outros para a mesma outra pedra-psicóloga.

[...] levei uns 4 anos da minha vida... Foi quando eu comecei a descobrir qual era meu lugar na Psicologia... meu lugar realmente era esse... o social... a comunidade... a intervenção psicossocial... [...] Eu sinto que hoje sou uma profissional muito mais madura... [...] com muito mais segurança naquilo que eu faço... [...].
(RUBI).

Rubi, na abertura que é compreensão, se percebe múltipla e singular implicada no ser-com através da ação, de estar fazendo. Sua experienciação lhe conduziu para além das perspectivas teórico-práticas aprendidas, colocando “[...] algumas minhocas na minha cabeça... no sentido de que eu comecei a ver que eu tinha que abrir a minha visão [...] pra entender o sujeito... se eu queria realmente entendê-lo”.
(RUBI).

Rubi, pedra-psicóloga, deixa claro que sua mina/contexto está aberta para o social, pro encontro com diversas alteridades. Curiosamente, caminha na abertura que possibilita construção de significados. Pelo social, significa seu ofício, lapida sua experiência, autentica e veraciza seu agir como publicamente relevante. Rubi, pedra-psicóloga, pedra preciosa, acredita no poder transformador, utilizando seu ofício como instrumento para esta realização.

4.4 Tecendo com Esmeralda

Esmeralda vem do grego *Smaragdos*, mas provavelmente sua origem vem do hindu antigo, e quer dizer "pedra verde". Esmeralda era a deusa sagrada dos incas. Antigamente esta pedra era dada às jovens como talismã para ter proteção e tornar fácil a hora do parto. Os egípcios acreditavam que a Esmeralda estava associada à fertilidade e ao renascimento. Astrólogos antigos dedicavam Esmeralda para Mercúrio¹⁵ e a pedra era levada por viajantes e marinheiros, como talismã de boa sorte às suas aventuras. Esmeralda também era uma deusa inca. Acreditava-se que honrar esta deusa traria para as filhas um amor fiel e verdadeiro. Há muitas lendas sobre a esta pedra. Algumas pessoas dizem, por exemplo, que colocando-se a Esmeralda embaixo da língua pode-se prever o futuro.

¹⁵ Hermes, na mitologia grega, Mercúrio (romano) era o mensageiro dos deuses.

Esmeralda pedra-psicóloga, escolheu um modo de atuação fundamentado na aplicação de métodos e técnicas que moldam o modo-de-ser humano. As escolhas realizadas por ela, durante sua formação, estavam vinculadas aos modismos deste período.

[...] Veja... eu quando fiz o curso de Psicologia... naquela época estava... no auge... Rogers... Então minha formação foi rogeriana... mas a gente tinha duas formações... e a outra foi industrial... [...]. (ESMERALDA).

A pedra-psicóloga trilhou um caminho que não lhe era próprio. Ela não encontrou eco no seu ofício, no momento de sua formação. A clínica, tomada como um ambiente subjetivo, foi deixada de lado. A indústria, ou organizacional, ainda lhe serviu como trabalho gratificante, apenas, financeiramente. Ela não conseguiu encontrar uma unidade entre suas diferentes atribuições/ocupações de sua existência. Esmeralda não se reconhece na pluralidade presente no ser-com.

Na indústria, Esmeralda desempenhava funções técnicas, aplicando e corrigindo testes que selecionavam funcionários. “[...] não era uma coisa que agradável [...] Eu chegava muito cansada e eu não tinha vontade de estudar... [...]”. (ESMERALDA). Neste outro mesmo modo de ser-psicólogo, Esmeralda se afasta do encontro, do con-fronto com a alteridade que o acontecimento do agir clínico proporciona e, mesmo na indústria, este con-fronto também foi evitado posteriormente. Ela acredita que a aplicação de testes

deveriam ter uma correlação matemática. Só assim eles poderiam se apresentar eficazes e coerentes.

Então, Esmeralda partiu em busca de outras possibilidades de atuação e, desta vez, encontrou significado para seu ofício (psicóloga) na área de cognição. Estudou, fez Mestrado, lecionou... viu a possibilidade de autenticar um modo próprio de atuação da Psicologia Escolar, trabalhando com aprendizagem. Esta foi a forma que Esmeralda encontrou para conciliar os conteúdos teóricos e práticos da Psicologia, com um ação que, para ela, é publicamente relevante.

[...] Então veja... [...] é a aprendizagem de matemática... atitudes em relação a matemática... aprendizagem e atitude são conteúdos de Psicologia ... [...] Comecei trabalhando com aprendizagem de matemática que é o nozinho da aprendizagem... [...] eu dou assessoria a uma escola já há muito anos... [...] Acho que o meu maior prazer é saber que todas aquelas crianças adoram matemática... [...] me apaixonei e estou até hoje... [...].(ESMERALDA).

Esmeralda, pedra preciosa, é perfeita para pessoas ambiciosas e apaixonadas. Desde a antiguidade ela é considerada a pedra da primavera, logo, em algumas culturas, também está associada à juventude. Os povos medievais acreditavam que a Esmeralda trazia felicidade no amor e harmonia no lar, e que ela perde a cor se um dos parceiros for infiel.

A multiplicidade da Psicologia também está presente na narrativa de Esmeralda, como um modo outro de atuação. O

atuando de Esmeralda revela a dispersão de saberes do campo da Psicologia.

Temos, assim, psicologias destinadas a previsões e controle de fenômenos e processos naturais, psicologias destinadas à compreensão e interpretação de fenômenos expressivos e psicologias destinadas ao incremento e à libertação dos potenciais criativos e performativos dos sujeitos. O que muda de uma para outra não é o "objeto", mas o interesse com que este objeto é visado e constituído como foco de pesquisa e intervenção. (FIGUEIREDO, 2004, p.181, aspas do autor).

A diversidade da Psicologia-ciência-profissão está no cerne de seu nascimento. Múltipla, plural, diversa, dispersa... a Psicologia favorece a criação de diferentes modos de atuação, autenticados, veracizados, compartilhados a partir do experienciando de quem está fazendo. Este não é o lugar de poder onipotente e, sim, de construção de significados sentidos tecidos no acontecimento inter-relacional.

O modo de ser-com de Esmeralda pedra-psicóloga, configura-se compartimentalizado. Em outras palavras, ela não reconhece e unidade de sua experiência em ação. Esmeralda é uma pedra-psicóloga que busca realizar ações que tenham importância reconhecida. Este reconhecimento não passa pela elaboração, pelo entre das relações tecidas pela experiência.

[...] a minha preocupação era: está dando resultado? Estou sendo uma profissional? Ou estou aqui só ouvindo? Sem usar umas técnicas? Ou sei

lá... [...] estou ajudando como pessoa... mas eu não precisava ser psicóloga pra ouvir as pessoas certo? [...]. (ESMERALDA).

A Esmeralda, pedra preciosa, pode ter durabilidade ilimitada, transformando-se em patrimônio passado de geração para geração. Devido ao seu alto valor, tornou-se um símbolo de status por excelência. No antigo Egito, Cleópatra¹⁶ adornava-se com belas esmeraldas, pois acreditava que nelas residiam a beleza eterna e a clareza de raciocínio. Por esta capacidade de raciocínio e intuição, a Esmeralda está presente em todas as coroas reais.

Esmeralda é uma facilitadora, decifradora... Ela age, enquanto pedra-psicóloga, de forma objetiva buscando resultados verificáveis. Seu objetivo maior é “[...] tornar as coisas mais fáceis... Acho que é isso... tornar mais fácil pros outros... foi isso que eu me apaixonei... foi isso que eu fiz”. (ESMERALDA).

Esmeralda evita se confrontar com a alteridade, nos seu modo-de-ser-com. Lidar com a alteridade não lhe gratifica. O que lhe satisfaz é perceber que sua ação é produtora de efeitos verificáveis objetivamente. Deste modo, Esmeralda se identifica mais com uma área de atuação do que com uma ação implicada co-existencialmente.

[...] eu achei que a formação deixou muito a desejar... a gente tinha prática [...] dinâmica de

¹⁶ Mais famosa rainha do Egito, foi a última rainha da Dinastia Lágida (dinastia dos ptolomeus).

grupo... o professor fazia... e a gente participava... Só que quando chegou a minha vez de fazer... eu não sabia fazer... não tinha uma fundamentação teórica... não tinha um objetivo pras tarefas... não tinha... faltou alguma coisa... [...]. (ESMERALDA).

Esmeralda não percebia consistência teórica e prática nos conceitos aprendidos no momento de sua formação, que pudesse lhe servir de alicerce para sua experiência. Esta situação não proporcionou que Esmeralda se legitimasse numa ação implicada no ser-com.

O agir clínico confronta Esmeralda com a abertura de estar lançada num mundo como projeto sempre em construção. O fazer clínico desvenda-se, para ela, como um modo de atuação insuficiente. Estar fazendo clínica é ter a possibilidade de conviver com limites de atuação. Em outras palavras, o encontro com o outro-outro e com o outro-eu (alteridades), através da pre-sença, configura-se pela facticidade e pelo trânsito entre mostrar/ocultar determinadas facetas a cada acontecimento.

Neste sentido, não há como se abarcar a totalidade de uma experiência que se matiza continuamente, este fato, portanto, limita as possibilidades de atuação (também factica) a depender da contextualização, temporalização desvelada no encontro proporcionado pelo ofício.

Esmeralda, de outro modo, segue um caminho focal obstinadamente. Ela trilha seu caminho profissional em busca de certezas, através de uma ação generalizante, quantificada e

verificável, tentando suprir as necessidades e insuficiências do outro-outro.

[...] eu senti... que tinha coisas que elas precisavam... [...] as professoras... Elas diziam: "Ela não dá só isso... ela diz como a gente tem que fazer". [...] Então foi muito gratificante pra mim... [...] trabalhei muitos testes... e fiz muita correlação... [...] Então eu aprendi... que pra você escolher teste... você tem que saber a correlação entre eles certo? E quando eu cheguei lá na indústria... [...] na hora de escolher os testes... era pelo nome... Era aquela história: ele vai ser engenheiro? Então pega esse, esse e esse... E eu: Ah! Meu Deus do céu! [...] tinha que fazer o que o chefe mandasse... não podia discutir nada... [...]. (ESMERALDA).

Esmeralda é considerada a pedra que cura doenças dos olhos. Acredita-se que possui propriedades calmantes, devido a sua cor verde. Uma Esmeralda completamente pura e sem incrustações é muito rara. De acordo com a superstição o uso da Esmeralda pode sanar a infertilidade e melhorar um baixo Q.I. Antigamente a Esmeralda também era utilizada em exorcismos, servia, ainda, como balsamo contra venenos de cobras e escorpiões, removia qualquer sofrimento do corpo e da mente.

A pedra-psicóloga Esmeralda necessita de reconhecimento para seu poder de atuação. Sua ação está implicada com o conhecimento transmitido pelo saber fazer garantido pela apropriação teórica. Esmeralda é revolucionária naquilo que faz. Utiliza seu conhecimento para transformar a vida de

outras pessoas, sempre na tentativa de garantir que o outro-outro lhe reconheça na sua ação.

[...] é você se sentir útil... que valeu a pena... que você estudou e que você é capaz... e que as outras pessoas estão se apropriando daquilo... acho que isso é que foi maravilhoso para mim... [...]. (ESMERALDA).

Esmeralda se apresenta como psicóloga e como professora. Estes dois modos de atuação não são apenas modos de ocupação diferentes, são trabalhos que não se inter-conectam na teia de sua experiência, tal como Esmeralda significa.

[...] A Esmeralda psicóloga não está presente na Universidade [...] eu sempre trabalhei como professora... eu gosto de ensinar... gosto... Agora sou exigente... A minha preocupação... é quando os alunos forem fazer... pra não quebrarem a cara como eu quebrei... [...]. (ESMERALDA).

É difícil para Esmeralda considerar que, por meio da experiência, se constroem modos próprios de atuação. Ela transmite para seu alunos um modo generalizante de atuar. Esmeralda não con-vive, não ilumina, desde sua formação, o ambiente acadêmico como en-contro com alteridades. Ela prefere atuar por meio de identificação de mecanismos psicológicos.

[...] Então eu acho lindo quando [...] eu vou identificando: aqui está generalizando... aqui está discriminando... aqui está usando memória longa... Eu acho isso fascinante sabe? [...] eu sou capas de fazer isso... Eu ensino pros meus alunos... eles acham que é besteira... mas pra mim não é... [...]. A primeira coisa que eu vejo... resolvendo algum

teste... alguma coisa... alguma tarefa... eu sinto onde está a dificuldade do aluno... eu percebo... isso pra mim é fascinante... eu pode ajudar... [...] fazer o outro crescer... [...] Como psicóloga é isso que eu acho... mais... saudável. [...]. (ESMERALDA).

Para Esmeralda, não é fácil lidar com os limites do seu ofício. Suas relações, na mina/contexto de seu ofício, são atravessadas pelas dimensões cognitivas. O ambiente universitário não lhe gratifica tanto quanto o ambiente em que trabalha como psicóloga escolar. Na universidade não há como escapar do confronto com diferentes modos-de-ser-no-mundo-com-outros. É um desafio para ela:

[...] Eu tento fazer do mesmo jeito o meu trabalho... mas que já é mais difícil é! [...] Tem grande diferenças entre Esmeralda da universidade e a Esmeralda da escola... [...]. (ESMERALDA).

Na universidade, Esmeralda encontra apenas vestígios de gratificação e reconhecimento. Na escola ela sente que encontra o prazer do seu ofício. Enquanto psicóloga, busca o reconhecimento de seu ofício no olhar e testemunho do outro-outro. Só deste modo ela se sente gratificada em sua profissão. Esmeralda sonha com uma Psicologia que unifique as diferenças, nas esperança de se obter uma prática objetivamente verificável que envolva a multiplicidade da profissão.

Lapidar uma Esmeralda demanda cuidados e habilidades especiais. Quando há algum processo de lapidação, este é

realizado em corte retangular, conhecido como "Lapidação Esmeralda", mas existem outros modos, menos comuns, de lapidar esta pedra. Enquanto pedra-psicóloga, Esmeralda, não permitiu, ou não suportou, os cortes da lapidação, permanecendo no seu estado bruto. Seja qual for o modo de mostraçãõ da Esmeralda, ela é sempre muito reconhecida e apreciada, porém é no estado bruto que ela é mais valorizada.

5 SIGNIFICADO SENTIDO DESVELADO

É chegado o momento final desta viagem. Diversos caminhos trilhados, muitas descobertas e reflexões... Como pensar, então, o Ser-Psicólogo? A partir da experiência, talvez, seja o caminho apontado. Afinal, foi a partir dela e para ela que toda elaboração foi tecida.

Cada mina-psicóloga-pedra-preciosa experimenta sua profissão de uma modo distinto. O que nos leva a refletir se a experienci-ação está no cerne da profissão. Pois, cada mina significa sua atuação a partir da própria experiência e não a partir, apenas, de postulações teóricas e práticas apreendidas, principalmente, durante a formação.

A formação acadêmica, sem dúvida, é referencia e base para toda construção posteriormente elaborada. Mas, nos caminhos trilhados, quando a responsabilidade de estar fazendo é incorporada, leva cada profissional por campos inusitados e surpreendentes, fazendo-as assumir a autoria por sua profissão. O confronto com a abertura, estimula cada uma delas, minas-psicólogas, a refletir sobre suas atuações a partir do vivenciando, experienciando cotidiano.

Neste momento, a multiplicidade que permeia a profissão torna-se evidente, tanto quanto as diferentes áreas de atuação, quanto as diferentes correntes teóricas e

metodológicas. Essas diferenças estão engendradas, como diz Figueiredo (1993), entre os psicólogos e, principalmente, de cada psicólogo consigo mesmo.

Nas narrativas de nossas minas-psicólogas, encontramos a escuta, o suporte, o olhar, o social, o toque a possibilidade de ensinar, os testes, a arte e tantos outros utensílios utilizados por cada uma delas como parte de sustentação para a angustia, dor, sofrimento, loucura... do outro-outro e do outro-eu.

Parece que Ser-Psicólogo demanda um suporte frente a morte iminente, ao louco, ao sujeito social, à criança que aprende. Este suporte "serveria" para amenizar a angústia gerada, ou não, por uma situação de conflito. Estaria o Ser-Psicólogo, então nesta função? A resposta, diante das narrativas de nossas minas-psicólogas, parece ser afirmativa. Para corresponder a esta demanda, cada mina-psicóloga utiliza-se de uma certa criatividade, mas com muita atenção e cuidado ao realizar uma ação. Esta sensibilidade criativa chega, para cada uma delas, a partir do experienciando. Reconhecem que os livros até falam, mas não contemplam uma experiência em ato, no momento do acontecimento.

A Psicologia, em suas concepções tradicionais, opera uma hegemonia de um modelo do seja ser psicólogo, garantida por uma filiação teórica que garante, por sua vez, um reconhecimento e pertencimento. Isto se dá entre as diversas abordagens, "dentro" de cada aborgem, nas relações

estabelecidas.... e quando o profissional se permite transitar por entre os diferentes saberes, é entendido como "traidor". A multiplicidade é, por vezes, entendida como desalojadora, como uma ameaça, portanto deve ser evitada.

Psicólogo clínico, organizacional, escolar, psicossocial, hospitalar.... Será que são extremamente diferentes? Será que não há uma unidade possível? Onde fica a singularidade de cada profissional? Será que é passível de reflexão?

Puente (1980), baseado no pensamento de Gendlin, diz que "na Psicologia, em geral, deve efetuar-se uma mudança radical: da consideração de estruturas e modelos apenas à consideração das relações entre estrutura e experienciação". (PUENTE, 1980, p.62).

Nesta construção tecida, as minas-psicólogas parecem apontar nesta direção. Elas estabelecem uma relação própria entre seus fazeres e as estruturas e modelos teórico-práticos de suas formações. Elas constroem diferentes modos de significação para a Psicologia a partir de suas experiências.

Cada uma das minas-psicólogas, sente sua profissão de uma forma própria. Elas demonstram diferentes maneiras de se experimentar a Psicologia. Se, neste sentido, a Psicologia se apresenta como experiencial, ela é sempre projeto, está num constante vir-a-ser e ao Ser-Psicólogo estaria incumbida a tarefa de refazer este projeto continuamente, a partir do experienciando.

Assim, o sentido de Ser-Psicólogo estaria sempre em transformação, se matizando constantemente, na abertura que é possibilidade e poder-ser compreensão.

A experiência, segundo nesta direção, seria a questão "chave" para uma possível significação sobre o Ser-Psicólogo. Não apenas enfoques teóricos e/ou práticos, não apenas articulação entre conhecimentos tácitos e explícitos, mas a própria experienci-ação, no ser-com, na inter-relação coexistencial.

Ser-Psicólogo, então, é ser múltiplo, é poder perceber-se nesta multiplicidade como unidade, singular e plural. É poder autenticar seu ofício partir do fazer cotidiano, na facticidade desta ação, possibilitando significado sentido.

Quanto mais conta a experiência, quanto mais tempo no exercício da profissão, mais as variáveis vão pesando na definição das práticas e das crenças dos psicólogos. (FIGUEIREDO, 1993, p.91).

Nesta compreensão, quanto mais o psicólogo se prende as formalidades condicionantes, generalizantes de sua profissão, que pretendem modular segundo os padrões conceituais, mais ele se distancia de um modo próprio de atuação. Quanto mais distante de um significado sentido, mais o psicólogo garante seu pertencimento, porém, mais distante de uma autenticação própria para a sua ação.

Ser-Psicólogo, tal como as narrativas de nossas minas-psicólogas apontem, é estar disponível para ir ao encontro de, caminhar junto com, ao eu-alteridade e ao outro-alteridade. É poder ouvir o chamado que convoca ao surpreendente, com olhar curioso e ingênuo como o de uma criança que descobre o mundo pela primeira vez.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. 10ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

AUGRAS, M. **O Ser da Compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras Escolhidas, v.1.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 37ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula) Histórias de Deuses e Heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 11ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CABRAL, B. E. B. e MORATO, H. T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. In: **Interlocuções**. REVISTA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNICAP. Recife: FASA, janeiro-dezembro, 2003, ano 3, n. 1/2.

CARDOSO, L. M. **Da experiência do escutar/dizer do psicólogo - na narratividade daqueles que dela partilham - a um sentido clínico apontado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

COLLIGERE. **Sois senhores do destino**. Disponível em: <www.webletras.com.br/letra.asp/musica/026859> Acesso em: set. 2006.

CORRÊA, R. W. A perspectiva ética da "Carta sobre o humanismo" de Martin Heidegger. In: REVISTA ELETRÔNICA FUNRET. São João

del Rei: julho, 2001, n.3, p.51-54. Disponível em:
<www.funrei.br.publicacoes/Metanoia> Acesso em: ago. 2006.

COSTA, J. A. & MELO, A. S. **Dicionário da Língua Portuguesa**.
6ed. Portugal: Porto Editora, 1990.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e
interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo:
EDUC/Brasiliense, 1996.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio do Século XXI**: O dicionário da
língua portuguesa. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Teorias e Práticas na Psicologia Clínica**:
um esforço de interpretação. In: IV ENCONTRO DA ANPEPP.
(Palestra). Brasília: maio de 1992.

_____. Sob o Signo da Multiplicidade. In: CADERNOS DE
SUBJETIVIDADE. **Núcleo de Estudos e Pesquisas de Subjetividade
do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia clínica da
PUC-SP**. São Paulo: 1993, v.1, n.1, p.89-96.

_____. **Escutar, Recordar, Dizer**: encontros heideggerianos com
a clínica psicanalítica. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994.

_____. **Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa
dos processos de singularização**. Mimeo. 1996.

_____. **Temporalidade e narratividade nos processos de
subjetivação da clínica psicanalítica**. In: XXVI CONGRESSO
INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA. (Palestra). Julho de 1997.

_____. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. 9ed. Petrópolis:
Vozes, 2002.

_____. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética
das práticas e discursos psicológicos. 3ed. Petrópolis: Vozes,
2004.

_____. **Temporalidade e Narratividade nos processos de subjetivação da clínica psicanalítica.** In: XXVI CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA. Julho de 1997.

FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. In: REVISTA ESTUDOS DE PSICOLOGIA. Natal: UFRN, 2003, v.8, n.3, p.445-450.

GIOVANETTI, J. P. Fundamentação antropológica da prática psicoterápica. In: **Coletâneas da Anpepp.** Campinas, 1996, v.1, n.9, p. 127-134.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre el humanismo.** Traducion de helena Cortés y Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

_____. **Seminários de Zollinkon.** Editado por Medard Boss. Traduzido por Gabriella Arnhold, M^a de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Ser e Tempo.** 13ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Universidade São Francisco; Rio de Janeiro: Vozes, 2004(a). (Pensamento Humano). Parte I.

_____. **Ser e Tempo.** 11ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Universidade São Francisco; Rio de Janeiro: Vozes, 2004(b). (Pensamento Humano). Parte II.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, on line. Disponível em: <www.houaiss.uol.com.br/busca.jhtm> Acesso em: dez/2005; fev., jul., ago., set/2006.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger.** Tradução de Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Heidegger.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (Mestres do Pensar).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORATO, H. T.P. "**Eu-Supervisão**": em cena uma ação baseado no significado sentido. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, 1989.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e Tempo**. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

POMPÉIA, J. A. Uma caracterização da psicoterapia. In: DASEINSANALYSE. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse. São Paulo: A. Associação, 2000, n.9, p.19-30.

_____. Psicoterapia e verdade. In: DASEINSANALYSE. Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse. São Paulo: A. Associação, 1997, n.1,2 e 4, p.71-76.

PUENTE, M. DE LA. Pressupostos filosóficos da proposta de Eugene T. Gendlin para uma psicoterapia experiencial. In: REVISTA REFLEXÃO. Campinas: PUCCAMP, 1998, v.5, n.16, p.55-66.

SCHMIDT, M. L. S. e MORATO, H. T. P. **Aprendizagem significativa**: informação e narrativa (2002). Disponível em: <www.imaginario.com.br/artigo/a001_aoo30/a0004-01.shtml> Acesso em: outubro de 2004.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. 5ed. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Catarina de Aragão**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>> Acesso em: set./2006.

RELAÇÃO DE ALGUNS SITES COM INFORMAÇÕES SOBRE PEDRAS PRECIOSAS

<http://www.escolabellarte.com.br>
<http://pt.wikipedia.org/wiki>
<http://www.labgem.org/gemas.html>
<http://www.naturlink.pt/canais>
<http://www.sibusca.com.br>
<http://www.portaldasjoias.com.br>

ANEXOS

ANEXO A - SAFIRA: UMA PEDRA LAPIDADA EM AÇÃO

Emoções que explodem em cores
Sentimentos que se transfiguram em signos
Sinais e sentidos
Pinto o que vejo
Traço o que desejo
Traduzo no pó da tinta
Que pinta
O nó que desata
Sensata ó insensatez
Que conduz minha vontade
E guia meus pincéis
Meus movimentos
Que soam e ressoam em mim
O traço que faço
No aço
Que brilha
Quente quando assa
Dando vida a personagens
E a imagens
Cria minha
De outros humanos
De espíritos livres
Que criam
Como crio
Soltos, leves e loucos
Dicotômicos
Catatônicos
Todos tônicos
Fortalecedores

Da dor do ente
Que quer paz
Ciente daquilo que não faz
Mas trás em formas
Imagens e viagens
Muitas bagagens
Bobagens?
Verdades
Vontades
Solto no ar
A tinta que pinta
Nuances
Extravagâncias
Evoca
Sentimentos
Imprime
Desejos
Tatuo no aço
Da minha cria
Ressonâncias

(SAFIRA)

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO

"SER-PSICÓLOGO": UMA COMPREENSÃO/SENTIDO DE SUA EXPERIÊNCIA-AÇÃO.

Eu _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do Projeto de Pesquisa supra citado, sob a responsabilidade do pesquisador **MARCUS TÚLIO CALDAS**, professor da Universidade Católica de Pernambuco. Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo da pesquisa é: compreender como é, a partir da perspectiva fenomenológica existencial, para o psicólogo, o sentido de sua experiência fenomenalizada em ação como agir clinicamente.
2. Durante o estudo participarei de entrevista realizada pela aluna do Mestrado em Psicologia Clínica da CATÓLICA/PE, JANNE FREITAS DE CARVALHO, que estará sob orientação do professor doutor Marcus Túlio Caldas.
3. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.
4. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa.
5. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados, apenas, para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
6. Poderei contatar o Comitê de Ética da CATÓLICA/PE para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone (81)2119-4000 o qual encaminhará o procedimento necessário.

Recife, ____ de _____ de _____.

_____/ RG: _____
 Voluntário

 Prof. Dr. MARCUS TÚLIO CALDAS
 Orientador da Pesquisa

ANEXO C – PARECER DO C.E.P. DA CATÓLICA/PE

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COORDENAÇÃO DE PESQUISA****COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP**
Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS de 22/04/2004

Recife, 02 de março de 2005

PARECER CEP Nº 004/2005

O Comitê, em reunião do dia 25 de fevereiro de 2005, considerou **APROVADO**, o projeto de nº **CEP 136/2004**, intitulado:

“Ser-psicólogo à luz da perspectiva fenomenológica existencial: uma compreensão/sentido de sua experienci-ação, que tem, como pesquisador (a) principal:

Prof(a). Dr(a). **Henriette Tognetti Penha Morato**

RESUMO DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração de Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar a UNICAP/PROPESP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP

Profa. Dra. Arminda Saconi Messias
Coordenadora de Pesquisa